

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

MARIA JOSEPHINA SILVEIRA BARROS

**A PROBLEMATIZAÇÃO FREUDIANA SOBRE O
AMOR NA DINÂMICA FAMILIAR: RESSONÂNCIAS
ROMÂNTICAS?**

SALVADOR
2007

MARIA JOSEPHINA SILVEIRA BARROS

**A PROBLEMATIZAÇÃO FREUDIANA SOBRE O
AMOR NA DINÂMICA FAMILIAR: RESSONÂNCIAS
ROMÂNTICAS?**

Dissertação apresentada à Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr José Euclimar Xavier de Menezes

Salvador
2007

Barros, Maria Josephina Silveira

A Problematização Freudiana Sobre o Amor na Dinâmica Familiar: ressonâncias românticas?/ Maria Josephina Silveira Barros. – 2007
100f.

Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, 2007.

Orientador: Prof. Dr. José Euclimar Xavier de Menezes

1. Amor. 2. Complexo de Édipo. 3. Família. 4. Psicanálise. 5. Freud: I. José Euclimar Xavier de Menezes (orientador) II. Universidade Católica do Salvador. III. Título.

CDU:

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA JOSEPHINA SILVEIRA BARROS

A PROBLEMATIZAÇÃO FREUDIANA SOBRE O AMOR NA DINÂMICA
FAMILIAR: RESSONÂNCIAS ROMÂNTICAS?

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do
Salvador – UCSAL-, pela seguinte banca examinadora:

José Euclimar Xavier De Menezes _____
Doutor em Filosofia, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

Mary Castro Garcia _____
Doutora em Sociologia, University Of Florida, U.F, Estados Unidos.
Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

Denise Maria Barreto Coutinho _____
Doutora em Letras, Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Salvador, 11 de junho de 2007.

Para aqueles que - no passado e no presente - souberam ocupar em meu coração, e a seu tempo, o lugar de namorado, marido, companheiro, o incentivo e a inspiração para falar de amor.

Para Sizínio e Thereza, meus pais, pelo apoio constante, e por alimentarem os meus sonhos com amor e solidariedade incondicionais.

Para meus irmãos, João e Mauro, pela cooperação e estímulo nos momentos difíceis.

Para Mari e Oscarzinho, minha cunhada e meu sobrinho de seis meses, pelo exemplo, sempre emocionante, do paradigma freudiano de amor: a criança mamando no seio materno.

AGRADECIMENTOS

A José Euclimar Xavier de Menezes, orientador, que aliando rigor acadêmico e solidariedade acompanhou-me nos caminhos traçados, e me incentivou a alargá-los, emprestou livros e coragem nos momentos mais árduos e áridos, compartilhou comigo conhecimentos, amizade e o humor inteligente que tornaram os meus desacertos menos dolorosos, e os momentos de reorientação da caminhada mais criativos.

A Mary Castro, exemplo de inteligência e generosidade na transmissão do saber, pela modéstia admirável, e pela delicadeza com que, desde o início, corrigiu meus equívocos, emprestou novos livros, e me estimulou a aliar à psicanálise um tanto de sociologia.

A Denise Coutinho, pelas valiosas contribuições na Qualificação e, pela forma elegante e consistente de criticar e valorizar o trabalho feito.

Aos professores do Mestrado em Família Na Sociedade Contemporânea, pela qualidade e competência no ensino.

A Ania e Demóstenes, amigos-irmãos, pelo apoio solidário e atencioso ao longo de todo processo.

A “Seu” Aragão e Dona Hilma, pelo carinho.

Aos colegas do curso, pelas trocas sofridas e divertidas.

Aos funcionários do Mestrado, pela disponibilidade, seriedade e simpatia durante dois anos de convivência.

A todos que, de uma forma ou de outra, tornaram possível essa experiência, muito obrigada!

As inúmeras peculiaridades da vida amorosa dos seres humanos, bem como o caráter compulsivo do próprio apaixonamento, só se tornam inteligíveis numa referência retrospectiva à infância e como efeitos residuais dela.

Sigmund Freud, 1905.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar o amor na psicanálise freudiana, com o propósito de compreender que estruturas lógicas sustentam o discurso de Freud sobre o fenômeno amoroso. O presente estudo trabalha com a hipótese de que em Freud o vínculo amoroso é marcado por ressonâncias românticas, a saber, o amor como uma busca pela unidade perdida. Justifica-se, num Mestrado em família, tratar do amor no complexo de Édipo, pois, o tema nucleador do triângulo edípico gira ao redor da relação entre os pais e seus filhos, e destes com eles, como determinantes da forma como o sujeito irá se organizar no mundo. O modo como sua sexualidade se estruturou ao passar pelo desfiladeiro edípico estará presente nas suas escolhas afetivas, profissionais, e até nas modalidades de vinculação com a cultura. Esse processo de definição sexual e organização subjetiva ocorrido durante o processo edípico é essencial para o entendimento da família. O que se quer evidenciar, através do recurso metodológico da pesquisa epistemológica do texto freudiano, é a especificidade do discurso psicanalítico ao tratar do fenômeno amoroso desde a sua origem, na infância e na família. O interesse se amplia para além da identificação das ressonâncias do romantismo na teorização freudiana sobre o amor, apontando para a dissimetria entre psicanálise e romantismo, e o caráter desilusório da *práxis* psicanalítica. A fusão amorosa é reputada pela psicanálise como impossível, e o amor caracterizado como parcial, limitado e finito. É o triângulo edipiano, visto aqui como uma estrutura que organiza o desejo, onde o amor incestuoso ilustra a busca impossível de retorno a uma completude original, o fulcro desta dissertação e o cenário da nossa busca pela lógica freudiana sobre o amor.

Palavras-Chave: amor; complexo de Édipo; família; psicanálise; Freud.

ABSTRACT

This Thesis has the objective of investigate the love on Freudian psychoanalysis, with the objective of comprehending which logical structures support the speech of Freud. About the loving phenomenon. The actual study works on the hypothesis that in Freud the amorous link is marked by romantic resonances, namely, the love as a search for the lost unit. Justifies, on a masters degree in family, consider love on Oedipus complex, because, the principal subject of the oedipal triangle circulates around the relationship between parents and their children and vice versa, as determinants of the way the dependent will organize your self in the world. The way your sexuality was built through the oedipal defile will be present on your affective choices, professionals and even on link modality with culture. This process of sexual definition and subjective organization occurred during the oedipal process is essential for the family understand. This becomes evidence, through the methodological resource of epistemological research of the Freudian text, is the particularity of the psychoanalytic speech on treating the amorous phenomenon since its origin, at childhood and in the family. The concern amplifies beyond the identification of the romantic resonances at the Freudian theorization about love, mentioning to the dissymmetry between the psychoanalysis and the Romanticism, and the disappointing character of the psychoanalysis *praxis*. The amorous fusion is reputed by psychoanalysis as impossible, and love is characterized as partial, limited and finite. It is oedipal triangle, noticed as a structure that organizes the desire, where the incestuous love illustrates the impossible search of return to an original entirety, the fulcrum of this dissertation and the scenery of our search for the Freudian logic about love.

Key - Words: love; Oedipus complex; family; psychoanalysis; Freud.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. USO DO AMOR ROMÂNTICO NO TEXTO FREUDIANO: RESSONÂNCIAS?	31
1.1 DE UMA DEFINIÇÃO POSSÍVEL DO ROMANTISMO PARA UMA DEFINIÇÃO DE AMOR ROMÂNTICO	32
1.2 A BUSCA AMOROSA EM FANTASIA: O ÉDIPO PRÉ-VISTO, O ROMANCE E OS CASOS CLÍNICOS	41
CAPÍTULO 2. O TRIÂNGULO EDÍPICO: O NASCEDOURO DO AMOR	57
2.1 ÉDIPO: DO MITO AO COMPLEXO – O AMOR EM TEMPOS PRIMITIVOS	60
2.2 O AMOR COMO NOSTALGIA: DESEJO, SATISFAÇÃO E REPETIÇÃO NO PASSADO INFANTIL – O (RE) ENCONTRO DO OBJETO PERDIDO	72
CAPÍTULO 3. FREUD E A BUSCA DO OBJETO PERDIDO: A NOSTALGIA DA COISA	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

Muitos anos antes de lhe conhecer, eu o venerava como artista e apóstolo do amor entre os seres humanos. Eu mesmo fui um discípulo do amor [...] porque, sendo as nossas pulsões e o mundo externo o que são, não poderia deixar de considerar esse amor como não menos essencial para a sobrevivência humana do que tais coisas como a tecnologia.(FREUD, 1926, p.269).

Em *O mal-estar na cultura* (1929/1996), Freud afirma que embora os métodos para obtenção da felicidade variem, a sua busca através do amor talvez se constitua num dispositivo mais ou menos invariante ao qual recursam os homens (FREUD, 1929/1996, p.87).

Em contrapartida, colocar o vínculo amoroso como o componente crucial para a felicidade humana tem sido fonte de frustrações e de um sofrimento patológico. Aos consultórios dos analistas acorrem pessoas querendo saber onde encontrar um grande amor ou quais os erros que promoveram sua perda. O amor tornou-se o problema do qual se fala à exaustão no divã, sobretudo atualmente (COSTA, 1998; LOPES, 1997; MAIA, 1999; CALLIGARIS, 1994). São inúmeros os comentadores a reconhecerem o quanto “é difícil encontrar um paciente para quem o laço conjugal [sustentado no amor] não faça parte das razões que – ao seu próprio ver – o levam a consultar um terapeuta” (CALLIGARIS, 1994, p.1). São tantas as insatisfações e queixas discorridas no divã a partir da experiência afetiva que cabe problematizar acerca disso que se convencionou chamar como o encontro amoroso. Qual o estatuto do amor nas ações subjetivas? Em que corrobora na organização do núcleo familiar?

Não é sem certa inquietação que alguns estudiosos apontam para uma inusitada fragilidade dos laços humanos: um “amor líquido” que estimula desejos contraditórios e ambivalentes para manter laços apertados entre os parceiros da experiência amorosa, ao tempo em que promove a inconsistência desses mesmos laços. A possibilidade de manter relações amorosas permanentes parece, ao homem contemporâneo, uma escolha que lhe imputa a privação da liberdade e impõe encargos e tensões que não se considera apto a suportar (BAUMAN, 2004, p.8). Na concepção de alguns especialistas na matéria, a nossa era, denominada de “modernidade líquida” (termo cunhado

por Bauman), é marcada por “sinais confusos, propensos a mudar com rapidez e de forma imprevisível, [o que] é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, a nosso parceiro ou a nós mesmos” (BAUMAN, 2004, p.10).

Alguns autores afirmam que a partir do século XIX houve uma valorização do casamento por amor, representada por uma moral civilizada que preconizava que o amor e a paixão, antes destinados aos amantes, fossem então dedicados aos esposos. Essa revolução moral foi designada por Edward Shorter de *romantic love*. Ou seja, no Romantismo, o modo de institucionalizar o amor é pelo casamento. (ROUDINESCO, 2003; PRIORE, 2005; KEHL, 1998; VILHENA, 1999; TOLEDO, 1999; COSTA, 1998) Assim, no ideário romântico o amor era visto como associado ao casamento.

Entretanto, no contexto de transformações constantes do século XXI em que vigora o transitório, uma efêmera circularidade no tempo, nas palavras de Jablonski (2003), as escolhas e padrões de comportamento afetivo-sexuais de homens e mulheres tornaram-se, igualmente, flexíveis, heterogêneos, incertos e plurais. Segundo Vaitsman (1995), modelos antigos de casamento formados pelo pai provedor financeiro e a mãe dona de casa, unidos “para sempre” em uma cerimônia legal e religiosa, há algum tempo ficou esquecido no passado. Se no período romântico esta era a única forma aceitável de oficializar um vínculo amoroso, hoje o casamento tornou-se apenas mais uma etapa que pode ocorrer ou não em qualquer momento da relação, e não é mais a única forma de evidenciar a estabilidade de uma união conjugal.

Singly (apud DIAS, 2000) enfatiza que o casamento deixou de ser uma proteção institucional para o vínculo amoroso, pois o período contemporâneo traz como um dos seus traços predominantes uma grande ênfase no individualismo e na autonomia, uma independência dos valores e exigências das famílias de origem ou de instituições religiosas tradicionais. Desta forma, criou-se uma cisão entre vida conjugal e casamento: duas pessoas podem viver juntas sem se casar porque a relação não segue uma lógica institucional, mas sim afetiva. O amor e a satisfação individual na relação tornaram-se os parâmetros da vivência a dois. Podemos falar de uma quebra de paradigmas estabelecido pelo Romantismo, a propósito do modo institucional e canônico de vivenciar o amor pelo casamento?

Para Therborn (2006, p.331), apesar da alta taxa de divórcios “o casamento não está desaparecendo, está mudando”. Ele cita quatro variantes ocidentais que resumem alguns aspectos da ordem homossexual do século XXI e aponta para essas mudanças no vínculo conjugal, a saber, “o padrão do noroeste-europeu que se caracteriza por uniões informais e por individualismo; a sombra do domicílio parental no sul da Europa; a instável ordem do casamento Europeu Oriental; o Dualismo americano de casamento e não casamento” (ibid). O autor apresenta o alto índice de recasamentos nos Estados Unidos como uma das conseqüências da alta taxa de divórcio.

Os Estados Unidos apresentam uma das mais altas taxas (brutas) de nupcialidade do mundo, maior do que qualquer país da Europa, da qual se aproximam somente Albânia e Belarus, com, respectivamente, 7,4 e 7 casamentos por mil habitantes em 1998. A taxa americana para o mesmo período foi de 8,3 [...]. Parte da razão para o recorde americano é sua alta taxa de divórcio, a maior do mundo depois de Belarus [...], a qual, em conjunto com uma alta taxa de recasamento, produz grande número total de casamentos. O desejo de recasar-se é também o desejo de casar. (THERBORN, 2006, p.328).

E aponta no noroeste-europeu a existência de um padrão de uniões informais e individualismo. A sexualidade é precoce, sendo a idade dos 16 anos a média de início para rapazes e garotas. O casamento é realizado tardiamente, só depois do nascimento do primeiro filho, geralmente aos 30 anos para as mulheres na Escandinávia e 29 anos na Bélgica, Bretanha e França, 27 e 28 anos na Finlândia e Suécia. Esses países possuem algumas das taxas mais altas de divórcio como reflexo da grande instabilidade do vínculo marital (ibid, p.325). Por outro lado, no sul da Europa, há uma exceção ao quadro: “a taxa de divórcio é baixa a extremamente baixa” (ibid, p.326), os jovens moram com os pais até se casarem, o que acontece praticamente nas mesmas faixa etária dos jovens do noroeste-europeu, geralmente numa média que vai dos 25 anos, em Portugal, a 28 anos, na Itália e Espanha. Já no casamento oriental a ordem conjugal é instável e prevalece altas taxas de divórcio na maioria das regiões. Os casamentos também são mais precoces que os analisados anteriormente, “logo após os 20 anos para as mulheres”. Apesar de todas essas variações na dinâmica sócio-sexual dos casais contemporâneos, este autor considera que “a revolução sexual não foi um assalto ao casamento e à formação de casais duradouros. Foi uma afirmativa

do direito ao prazer sexual, antes do casamento e fora, tanto quanto dentro dele” (THERBORN, 2006, p.455).

Todavia, se o casamento mudou, como aponta Therborn, como será a família do futuro, a continuar o crescimento de separações, recasamentos, filhos de antigas uniões agregados à nova? Que novas formas de união têm surgido como alternativa ao casamento tradicional?

Para Kaufmann (1995) as condições contemporâneas, ao favorecerem a inexistência de um modelo único de relacionamento possibilitam vários arranjos conjugais e familiares, tais como famílias compostas por recasados, divorciados, coabitantes, monoparentais, arranjos que, no século passado, já foram considerados impróprios. Assim, se o casamento apenas não define mais o casal e a vida em comum e, se partilhar de uma mesma moradia também não é a única forma de defini-lo - afinal, alguns casais se consideram casados mesmo morando em casas separadas - pode-se postular, de acordo com a convergência das referências aqui arroladas, que um casal se define, principalmente, pelo laço afetivo. Segundo Magalhães,

A conjugalidade estrutura-se a partir do encontro amoroso, considerando o pressuposto de que o amor, no ocidente e na modernidade, passou a compor o laço conjugal, sendo considerado fonte de motivação e de manutenção da instituição casamento. O ideal de felicidade conjugal, no imaginário social, relaciona-se ao ideal de amor correspondido e ao encontro da “cara-metade” (MAGALHÃES, 2000, p.226).

Acorde a isso, portanto, pode-se pensar que a experiência do amor tornou-se a bússola para nortear as preferências conjugais e para determinar o fim de um relacionamento? Sob que quadro de referência de ordem subjetiva e familiar? Lembremos que quando falamos de família podemos distinguir três grandes períodos históricos que demarcam a sua evolução. Na análise de Roudinesco (2003, p.19), no primeiro momento temos a família tradicional. Esta se presta, principalmente, como a garantia de transmissão do patrimônio. Os vínculos conjugais são arranjados pelos pais dos noivos: os jovens se casam, geralmente em idade precoce, sem que as suas vidas ou preferências sexuais e afetivas sejam levadas em consideração nesta transação financeira entre suas famílias. No segundo momento temos a família dita moderna. Esta se desenvolve no período entre as últimas décadas do século XVIII e meados do XX. Aqui o amor romântico ocupa o centro do vínculo conjugal: é por este

sentimento que o casamento é constituído e, através dele, os desejos carnis e afetivos são sancionados e legitimados socialmente por meio de uma cerimônia civil e religiosa. Por fim, na década de 1960 chegamos à família contemporânea ou pós-moderna que, na sua diversidade de arranjos matrimoniais, unem pessoas por um certo tempo através de vínculos afetivos e sexuais.

O que se pode depreender desta gênese é que enquanto no passado – leia-se aqui família tradicional - o casamento era apenas um negócio firmado pelos parentes dos nubentes - um contrato duradouro que não visava o amor, o prazer ou o desejo - hoje, ao contrário, o amor, no diagnóstico dos vários especialistas arrolados aqui, parece ter-se tornado a principal razão para os casamentos e, conseqüentemente, a percepção da sua falta, um dos grandes motivos para separações e divórcios. Pelos indicativos exibidos nos textos que nos balizam, a exigência do sentimento amoroso parece estar no centro da existência do homem moderno (PRIORE, 2005; JABLONSKI, 1995; VILHENA, 1999; COSTA, 1998).

Vilhena (1999) não faz distinção entre amor-paixão romântico e amor-companheiro, mas tão somente pontua a importância dada ao amor em nossa sociedade. Para essa autora, justifica-se a ênfase dada ao sentimento amoroso nos relacionamentos do século XXI, na medida em que este se tornou o valor imposto pela sociedade contemporânea para a legitimação do vínculo conjugal, enquanto que a possibilidade de manutenção de um casamento apenas por interesses sociais, financeiros, pelo bem dos filhos ou outras tantas razões que excluem o amor, é “vista como menos nobre, [e] considerada, nos dias de hoje, quase uma aberração, seja ela de caráter ou neurótica – ou uma patologia social devido às condições econômicas diversas” (ibid, p.133).

Por outro lado, se o amor norteia as preferências conjugais, não tem sido suficiente para manter os casamentos. Para Jablonski, a superficialidade dos relacionamentos, o aumento de matrimônios desfeitos segundo estatísticas mundiais que apontam “que cinquenta por cento das uniões atualmente tendem à ruptura em poucos anos” (JABLONSKI, 1995, p.15), têm sido alvo de interesse porque suas conseqüências não se restringem apenas aos cônjuges, mas repercutem na vida de todas as pessoas direta ou indiretamente envolvidas no rompimento do vínculo amoroso: “problemas jurídicos,

econômicos e psicológicos, via de regra, seguem-se à dissolução do casamento, justificando a preocupação de especialistas, assim como da sociedade de um modo geral” (JABLONSKI, 1995, p.34). Para este autor o amor, ou a idéia do que se entende por amor, concepção vinculada aos ideais do romantismo, representa uma das causas da dita crise do casamento contemporâneo, ponderando que “é impossível falar de casamento sem falar de amor”:

A visão “hollywoodiana” agora reina soberana. É uma visão do amor [como] sentimento mágico, transcendendo barreiras sociais e se revestindo [...] por fortíssima ligação emocional, sexualizada e “idealizadora”. O que os adolescentes aprendem através de maciça doutrinação é que um dia encontrarão um príncipe encantado (ou uma princesa encantadora), com todas as qualidades possíveis e imagináveis, o que lhes trará felicidade ímpar para o resto de suas vidas. Curiosamente, essa nova visão do amor vem contribuindo para a dita crise do casamento (JABLONSKI, 2003, p. 83).

Jablonski sustém que manter um casamento fundamentado em um sentimento mágico e idealizado é construir um prédio sobre a areia, porque se o amor-paixão do romantismo tem levado os casais ao altar, esse casamento só se sustenta se esse amor evolui em direção do que ele chama de amor-companheiro, caracterizado pelo respeito, pelo companheirismo e pela confiança. Assim, para este autor, o amor é um dos fatores responsável pela união e, ao mesmo tempo, pela desagregação do casamento contemporâneo. De fato, o amor tem inspirado os desejos conflitantes de construir vínculos e ao mesmo tempo rompê-los, tornando as uniões tão “plurais e flexíveis” que se pode cogitar a hipótese de que os casais estão juntos não mais até que a morte os separe, mas até que o amor os separe, ou seja, o amor tornou-se um dos grandes responsáveis pela “crise” do casamento contemporâneo.

Para Beck e Beck – Gernsheim (apud GIDDENS, 2000) o desejo de viver com outra pessoa e ser parte de um casal convive lado a lado com o antagonismo entre homens e mulheres, a guerra dos sexos, e a explicação para essas tendências antagônicas obtém como resposta o amor. Esses autores argumentam que a “batalha dos sexos” presenciada e presentificada nos relacionamentos contemporâneos é um evidente sinalizador da carência de amor sentida pelas pessoas. Os casais se unem e se divorciam num constante ciclo de términos e recomeços motivados principalmente pela esperança de um

dia viverem um grande romance que lhes traga uma maior concretização de seus ideais pessoais. Diante da crítica de que o sentimento amoroso representa um argumento muito superficial para o mundo complexo do século XXI, eles respondem:

É precisamente por nosso mundo se ter tornado tão opressivo, impessoal, abstrato e em mudança constante, que o amor se tornou cada vez mais importante. [...] O amor é o único lugar onde as pessoas podem verdadeiramente encontrar-se e ligar-se aos outros. Num mundo de incerteza e risco como o nosso, o amor é real [e] tornou-se uma nova fonte de fé. (BECK E BECK – GERNDSHEIM, 1995, apud GIDDENS, 2000, p.182).

Bourdieu (2002), ao contrário de Beck e Beck – Gernsheim (apud GIDDENS, 2000) questiona essa fé no amor trazendo uma indagação inquietante: “Seria o amor uma exceção, a única [...] a lei da dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque a mais sutil e a mais invisível, desta violência?” (ibid, p.34), Ele arrola exemplos de mulheres que chegam a julgar amáveis aqueles que lhe são impostos pelo “destino”, independentemente de ser uma paixão feliz ou infeliz; mulheres que (sobre)vivem nas condições de existência mais sofridas ou letais.

Para Costa, o amor não é nem um desvario institucionalizado nem o sagrado profanado por nossa impiedade narcísica. Nem anjo, nem demônio: amor é uma crença e como tal pode ser modificada, aperfeiçoada e até abolida se não se adequar aos desejos de cada sujeito. “O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento [...] Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgarmos melhor” (COSTA, 1998, p.12). Esse autor considera que o sentimento amoroso não é uma experiência universal, mas uma construção histórico-cultural visto que há culturas em que essa experiência não acontece.

O amor ainda é uma questão delicada que provoca o interesse e a reflexão dos profissionais de diversas áreas. Esforço que pretendemos efetivar aqui, na tentativa de demonstração necessária ao trabalho teórico, ancorado em uma rica plêiade de autores e de linhas teóricas diferentes que se dedicam a escrutinar o fenômeno amoroso (ROUDINESCO, 2003; PRIORE, 2005; KEHL, 1998; VILHENA, 1999; TOLEDO, 1999; COSTA, 1998; BAUMAN, 2004; GIDDENS, 2000; JABLONSKI, 2000). Nesta panorâmica inicial não nos

preocupamos em confrontar os autores - não era o nosso intuito - mas indicar que estes nomes, quer venham da sociologia, da história, da filosofia, da psicanálise, dentre outros espaços de discussão - indicam, com suas análises, que aliado a uma hipervalorização do sentimento amoroso, a superficialidade dos relacionamentos colocam em xeque antigas crenças e certezas sobre amor: este sentimento, tido por alguns como “mágico”, que a partir da família moderna, passou a ser o responsável pela constituição e manutenção dos casamentos e das próprias famílias (ROUDINESCO, 2003; PRIORE, 2005; KEHL, 1998; VILHENA, 1999; TOLEDO, 1999; COSTA, 1998; BAUMAN, 2004; GIDDENS, 2000; JABLONSKI, 2000).

No século XXI, sucedem-se questionamentos sobre a fluidez, a transitoriedade e a superficialidade dos relacionamentos amorosos. Para vários especialistas, numa cultura ferozmente individualista e consumista “a promessa de aprender a amar é a oferta falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira” (BAUMAN, 2004, p.8). Assim, diante desse cenário de insatisfações amorosas constata-se que nunca se falou tanto sobre o amor e nunca se soube tão pouco sobre como vivenciá-lo com sucesso como destacado no que se segue:

Observamos, atualmente, não somente na clínica, mas também na vida cotidiana, que inúmeros são os anteparos que os sujeitos (na maioria das vezes sem tomar consciência do que estão fazendo) colocam na relação a dois, como uma forma de proteção, tais como, por exemplo, colocar um terceiro na relação, buscar sempre algum motivo para brigas e desvalorização do sujeito amado e, o que é bastante freqüente, sequer iniciar uma relação quando o controle do sujeito parece ameaçado pelo intenso sentimento que a outra pessoa lhe desperta. (MAIA, 1999, p.101).

O resultado mais imediato que os discursos aqui arrolados nos permite capturar é que, apesar do seu enorme prestígio, o amor vem perdendo uma identidade outrora construída. À guisa do conjunto de teses que têm se constituído em muitos campos do saber, que confere uma mutação vertiginosa seja na sociedade, seja nos modos de ordenar a subjetividade, seja nas modalidades de vivência de vinculação, também a experiência amorosa tem sofrido as inflexões dos tempos atuais, que exigiriam outras referências na busca de constituição de um novo paradigma.

Para Priore (2005), o amor se transforma não apenas no referente do espaço, mas também do tempo, indicando que a nossa vida amorosa não é a

mesma vivida pelos nossos avós. Todavia, podemos falar de uma mudança na nossa forma de amar, ou de resquícios de amores passados, que ainda repercutem nos casamentos atuais de maneira anacrônica? Ainda amamos com ideais advindos do romantismo, movimento reflexivo do século XIX? Com que conseqüências para a dinâmica afetiva e familiar?

Toledo (1999) destaca nos vínculos amorosos atuais as influências de determinadas especificidades advindas do movimento filosófico e cultural romântico, ressaltando deste período a tentativa de resgatar a importância das emoções e do retorno a uma unidade supostamente perdida entre o homem e a natureza. Esse tom nostálgico é uma das marcas do passado ainda presente no nosso século, afirmando:

A nostalgia romântica, associada a uma espécie de reivindicação, transferiu para a esfera do amor uma característica que se afirma como o principal legado do Romantismo ao ideal de amor romântico: a exigência de complementariedade e plenitude no âmbito das relações amorosas (TOLEDO, 1999, p.169).

É nesse cenário que se esforça por retomar aspectos relativos à exigência de complementariedade e plenitude no âmbito das relações amorosas, que pretendemos ler e problematizar os textos freudianos pertinentes, considerando a psicanálise como uma ferramenta relevante para abordar o problema. Afinal, o que diz a psicanálise sobre a fusão amorosa buscada pelos amantes? Podemos afirmar que, neste ponto, a psicanálise corrobora com a idéia romântica de completude amorosa? O desejo de unidade aproxima psicanálise e romantismo no terreno da experiência amorosa? Enfim, qual a lógica freudiana sobre o amor?

A questão proposta merece que retornemos a pontos nucleadores da psicanálise e do romantismo. Não para confrontá-los, mas para compreender melhor a ilusão de completude amorosa a partir do exame que coloca lado a lado os dois saberes, estabelecendo as condições para encetar o diálogo sobre esse desejo de fusão amorosa, tão persistente quanto ilusório, como se verifica na repercussão da temática na letra freudiana. Afinal, um dos pilares da obra freudiana é a noção de amor. E aqui falamos do amor surgido no berço da família de todo sujeito: o complexo de sentimentos entre o infante e seus pais, o complexo de Édipo – conceito teorizado na letra de Freud ainda que este

termo tenha sido cunhado por um dos seus discípulos e futuro dissidente: Jung. Façamos uma pausa para uma pergunta inquietante: é legítimo falarmos do complexo de Édipo ao tratarmos da dinâmica afetiva constitutiva da família? Este triângulo desiderativo representa uma moldura familiar? Podemos afirmar que independentemente do pai e da mãe representarem também “lugares” em nosso psiquismo ou “funções” e de sabermos que, nas palavras de Laplanche e Pontalis (1998, p. 23), o complexo de Édipo “não é redutível a uma situação real”, é plausível considerar que a nossa estrutura psíquica tem a conformação de uma família? Podemos falar de uma família edipiana?

Roudinesco (2003, p.88), nos fala de uma “concepção freudiana de família” e de uma “estrutura dita edipiana de parentesco”, e ainda, de um “romance familiar freudiano”, deixando claro que o complexo de Édipo pode ser visto como um cenário parental, algo como o estabelecimento de condições para se debater os vínculos afetivos desenvolvidos no âmbito familiar, ao que a autora nomeia de “invenção” familiar edipiana. Green (1969), é mais explícito e nos diz que onde há família, há complexo de Édipo, destacando a simetria entre ambos. Para Slater (apud COSTA, 1988, p.38) não apenas o amor romântico é um amor edipiano, como também a família nuclear burguesa repete as relações de apego exclusivo, ciúme e desejo incestuoso que “é o padrão de relacionamento desde a mais tenra infância” (ibid).

De uma forma ou de outra, o que sobressai da reflexão freudiana aqui recortada é que os pais são os suportes elementares de nossos primeiros vínculos amorosos, ponto de largada da corrida afetiva de todo sujeito. No remate, o complexo de Édipo tem como centro as relações dos pais com seus filhos e vice-versa. Por isso, nada mais justificável que falar do amor no cenário em que ele fez sua primeira aparição. É claro que dizer que a nossa estrutura psíquica tem o desenho de nossos primeiros vínculos parentais reitera a definição de Complexo de Édipo, como postulado por Freud. Fenômeno que, nas palavras de KAUFMANN (1995), representa não apenas “o complexo nuclear das neuroses, mas também o momento decisivo em que culmina a sexualidade infantil e em que se decide o futuro da sexualidade e da personalidade adulta” (ibid, p.135).

Conceito basilar do edifício psicanalítico, onipresente na obra freudiana, o fenômeno amoroso edípico aparece como base, inclusive, do trabalho

transferencial: “não somente o amor ocorrido na clínica não difere do amor dito “normal” como este é uma repetição de protótipos infantis” (FREUD, 1914, p.78). Quer dizer, nem mesmo o ambiente clínico escapa à presença dos amores edípicos, que estruturam a manifestação dos sintomas e da transferência direcionada ao analista.

Usar a letra freudiana para falar do amor surgido na infância justifica-se em razão da produção teórica psicanalítica, a forma peculiar de investigação da história primordial dos pacientes, que nos oferece pistas e referências importantes sobre o desenrolar do romance familiar infantil, a relação da criança com seus pais, como determinantes da forma como o sujeito irá se organizar no mundo. Pelo resto da sua existência o modo como sua sexualidade se estruturou ao passar pelo desfiladeiro edípico estará presente nas suas escolhas amorosas, profissionais, e até nas modalidades de vinculação com a cultura. Esse processo de definição sexual e organização subjetiva ocorrido durante o processo edípico é essencial para o entendimento da família. Conceito que, como já vimos, passou por várias transformações ao longo da história, mas o que nos importa precisar é que:

Depois da psicanálise, as teorias da família se viram subvertidas em face da evidência da sexualidade como motor efetivo da sua existência, do ponto de vista dos seus partícipes [...]. Qualificamos, então, o processo edípico, ao lado do desenvolvimento da libido, como essencial para o entendimento do corpo erotizado e desejante (MARTINS, 2002, p.94).

É um fato conhecido, por diversas abordagens teóricas, o quanto a convivência com adultos e o cuidado materno são indispensáveis para a saúde física e psíquica de uma criança, e o quanto estes elementos respondem pelas vicissitudes do seu desenvolvimento e pelo seu comportamento de vinculação na fase adulta, seja na vida privada ou social. Então, porque escolhemos a psicanálise em detrimento de tantos outros discursos ou *práxis* para falarmos da lógica do vínculo amoroso no - e a partir do - cenário familiar? Trazemos as palavras de Bowlby como resposta clara e contundente a essa questão:

Talvez nenhum outro campo do pensamento contemporâneo denote a influência de Freud com mais clareza que o da assistência à infância [...] Freud não somente insistiu sobre o fato óbvio de que as raízes de nossa vida emocional residem na primeira infância e na infância propriamente dita, como também procurou explorar de maneira sistemática a ligação existente entre os

acontecimentos dos primeiros anos e a função da personalidade posterior (BOWLBY apud SUTHERLAND, 1973, p. 49).

Para Paz (1998) “Freud entre outros pensaram o erotismo como algo que é, a um só tempo, a raiz do homem e a chave do seu estranho destino sobre a terra” (PAZ, 1998, p.49). A verdade é que, independentemente dos inúmeros contestadores das teorias freudianas, muitos deles não deixam de reconhecer a validade de algumas das suas proposições, ainda que não aprovelem o conjunto da obra. Assim, a importância que a psicanálise atribui a relação entre pais e filhos no destino saudável ou não dessas crianças e suas teorizações a respeito é uma contribuição valiosa, segundo apontam diversos teóricos contemporâneos (GAY, 2004; ASSOUN, 2002; BERNARDINO, 2006; RICOEUR, 1977).

Segundo Roudinesco (2003, p. 45), a “invenção” da família edípica é um princípio fundamental da psicanálise e tão relevante que Freud afirmava incessantemente que o Complexo de Édipo é um fundamento da sociedade na medida em que assegura uma escolha de amor “normal”. No último texto freudiano, a ênfase do argumento é explícita: “só a descoberta do Complexo de Édipo bastaria para colocar a psicanálise entre as preciosas aquisições do gênero humano” (FREUD, 1938/1996, p.206).

Todavia, embora outros pesquisadores admitam a importância vital da presença de uma mãe amorosa que envolva o bebê de cuidado e proteção, nem todos concordam com a ênfase que a psicanálise atribui aos processos inconscientes na dinâmica do vínculo pai-mãe-filho. Um destes opositores, Hellinger (1998), aposta numa compreensão mais sistêmica do vínculo familiar. Sustém que ao contrário da causalidade psíquica ou de traços inconscientes como determinantes na trama familiar, o fenômeno relacional deve ser tomado a partir de comportamentos e sentimentos da realidade consciente, observável nas relações sistêmicas da paisagem familiar, apontando que a família e os mecanismos de vinculação de seus membros podem ser compreendidos através de uma outra abstração, diferente daquela postulada pela psicanálise.

Entretanto, apesar de reconhecermos a relevância de tantos discursos, da psicanálise ou não, que tratam do vínculo amoroso partindo de uma abordagem distinta daquela proposta pelo discurso freudiano, a exemplo dos teóricos das linhas comportamentais e sistêmicas, ou de nos aliarmos a muitas

das contribuições de sociólogos e filósofos que abordam este tema, bem como de utilizarmos algumas das suas idéias para fomentar a discussão sobre o vínculo amoroso, adotamos como eixo do nosso trabalho a psicanálise freudiana para investigar os problemas relativos à experiência amorosa. E não é de qualquer forma de amor que falamos, mas do amor no complexo de Édipo fazendo contraponto com o amor romântico, pois ambas as perspectivas supunham que o amor e o desejo, o sexo e a paixão estivessem inseridos no cerne da família e do casamento:

A invenção freudiana do Complexo de Édipo foi de certa maneira o paradigma do advento da família afetiva contemporânea, uma vez que contemplava, ao fazer desta uma estrutura psíquica universal, um modo de relação conjugal entre os homens e as mulheres que não repousava mais em uma coerção ligada à vontade dos pais, mas em uma escolha livremente consentida entre os filhos e as filhas [grifo nosso]. (ROUDINESCO, 2003, p.88).

O cenário da presente pesquisa, portanto, é a rede semântica que estrutura o discurso freudiano acerca do amor. Reconstituiremos os conceitos de Freud que nos permitem, através de uma análise epistêmica da lógica que subsidia o romance edipiano, tentar estabelecer os contornos dessa noção do fenômeno amoroso, tomando como provocador a idéia romântica do amor, vinculado à busca pela unidade perdida. O que se quer compreender mais especificamente é o seguinte problema: qual é a lógica psicanalítica do vínculo amoroso? E, mais ainda, o que justifica Freud matriciar a experiência de amor em Édipo?

Trata-se de resgatar no complexo de Édipo os embates entre o desejo incestuoso do sujeito por sua mãe – o desejo de unidade, de ser um com ela – e a fantasia que preenche essa impossibilidade negando a castração. Ou, ainda, a tensão entre a procura por uma completude absoluta supostamente vivenciada no vínculo mãe-bebê e os limites reais da estrutura humana.

O Édipo é o cenário propício para falar de desejo e amor porque, se por um lado a castração é entendida como um limite imposto à onipotência do desejo, interditando o idílio incestuoso, por outro lado ela não impede que a impossível fusão amorosa absoluta seja buscada, porque na ausência do objeto amoroso primordial, a mãe, o sujeito procura preencher a lacuna por diversas representações deste objeto, obtendo, através de satisfações substitutivas, uma aproximação parcial da sua meta. Desde que, no horizonte

do desejo humano, o amor incestuoso permaneça como centro de toda movimentação subjetiva (TOLEDO, 1999; FORTES, 1999; KEHL, 1987; MILAN, 1999; LOPES, 1997).

Saber que o amor perpassa inúmeros textos da obra freudiana não facilita o nosso trabalho. Pelo contrário, torna ainda mais necessário um recorte teórico pontual devido a vastidão do tema: desde os relatos das histéricas no divã até o *Mal estar na civilização*, passando pelos amores transferenciais, pela construção da teoria da sexualidade, pela metapsicologia amorosa do homem moderno e pela teoria que postula o complexo de Édipo. Para Toledo (1999), a psicanálise é uma clínica do amor.

Por isso, optamos por fazer uma leitura dos textos freudianos destacando somente os aspectos pertinentes ao recorte estabelecido pela questão que direciona esta pesquisa, deixando de lado outros não menos relevantes, mas que ultrapassariam o que nos propomos investigar aqui. Nessa pesquisa, o amor não será distinguido das noções de paixão e sexualidade, pois “quando Freud constrói a metapsicologia do amor, não estabelece uma clara distinção teórica entre essas dimensões do fenômeno amoroso” (LEJARRAGA, 2002, p. 14) e nem é esse o nosso propósito. Por exemplo, nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud utiliza a expressão “moções amorosas sexuais”, tratando indistintamente o amor e a sexualidade para se referir aos vínculos afetivos. Não se pretende também abordar o amor na clínica, batizado por Freud de transferência, mas, exclusivamente, aquele vivido na infância, no âmago da relação entre o infante e seus primeiros amores - seu pai e sua mãe. Trata-se, como é evidente, do amor experimentado no triângulo desiderativo teorizado na letra de Freud - o Complexo de Édipo.

Assim, evitamos os textos que não abordam o fenômeno edípico, nosso eixo temático, escolhido por ser o núcleo conceitual de propriedades suficientes para responder aos propósitos desta dissertação que é: que estrutura lógica sustém o discurso freudiano acerca do amor? Acorde aos nossos pressupostos que infirmam o *Complexo de Édipo* como a figura capital sobre o amor, do ponto de vista da epistemologia freudiana, enfileiram-se os seguintes autores: FORTES, 1999; KEHL, 1987; MILAN, 1999; LOPES, 1997; LEJARRAGA, 2002.

Dessas balizas emergem os objetivos específicos que norteiam os capítulos, a saber:

1. Demonstrar que a configuração amorosa do adulto é matriciada no Édipo, apontando este complexo como o lugar central no processo de constituição do vínculo amoroso de todo sujeito, e dos seus principais problemas e destinos afetivos;
2. Caracterizar a lógica do amor na psicanálise freudiana como algo da ordem de uma repetição nostálgica, centrada no complexo de Édipo, e marcada por ideais românticos, a saber, o amor como um desejo de unidade, uma busca pelo objeto perdido.

Para tanto, analisaremos, no romance edípico, o vínculo entre pais e filhos. Embora este trabalho não vise estudar exclusivamente o amor paterno ou materno, mas o triângulo amoroso descrito nos textos freudianos, o Complexo de Édipo, representado por uma família nuclear pai-mãe-filho, a família dita freudiana, fazendo contraponto com o amor romântico. É a partir deste embate entre a psicanálise e a concepção de amor do romantismo, que levantamos a hipótese de que em Freud o fenômeno amoroso possui uma lógica interna própria, algo da ordem de uma repetição nostálgica centrada no complexo de Édipo e entrelaçada por ideais do amor-paixão romântico, a saber, amor como busca nostálgica de retorno a uma unidade perdida.

Partimos da hipótese de que todo ser humano busca, no vínculo amoroso, tornar-se um com um outro. Idéia largamente utilizada pelo romantismo para falar sobre o que o senso comum denomina de “alma gêmea”. Esse desejo de unidade como uma tentativa de reencontrar a completude amorosa supostamente vivenciada na infância no vínculo mãe-bebê tem trazido inúmeros conflitos aos relacionamentos conjugais contemporâneos, na medida em colocam como expectativa uma impossibilidade estrutural: é impossível de dois fazer um.

Esta crença na fusão total, que o romantismo divulgou através da literatura, vem tornando a prática amorosa atual tão distante das concepções amorosas românticas quanto os séculos XIX e XXI. Para Costa “vivemos numa moral dupla: de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos

sentimentos. Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude”. (COSTA, 1998, p.21).

Alguns autores apontam os ideais do romantismo como um movimento anacrônico que, não sem certa conseqüência, tem influenciado os vínculos contemporâneos e contribuído para a formação e dissolução das parcerias conjugais, além de outras vicissitudes (GIDDENS, 2001; JABLONSKI, 2003; BAUMAN, 2004).

Uma palavra sobre a metodologia: usaremos aqui a pesquisa epistemológica do texto freudiano, para - através deste viés metodológico - realizar um esforço de identificação, isolamento e compreensão das teses fundamentais que estruturam o discurso freudiano sobre o amor no e a partir do cenário familiar.

Há um diferencial e uma especificidade neste trabalho que se vale do recurso à epistemologia freudiana. Afinal, em um mestrado que se propõe multidisciplinar, o respeito aos saberes é mais do que uma particularidade, é um imperativo. Mas estamos dizendo que o saber psicanalítico não é um saber científico, quando enfatizamos a sua especificidade? Não é disso que se trata aqui. Não pretendemos iniciar uma discussão estéril sobre a cientificidade ou não da psicanálise, ou da suposta superioridade de um campo, o científico, sobre outro pretensamente não-científico, a psicanálise. “Não se trata, pois, de um modelo certo de pensar – o científico – e de um modelo desviante, intuitivo e fantasmagórico - o psicanalítico - mas de metodologias que diferem para melhor atender às especificidades de seus diferentes objetos.” (SILVA, 1993, p.12).

Freud inventou uma teoria e, o que nos importa agora, um método¹ de pesquisa de acordo com seu objeto: o inconsciente. Mas como transportar o método freudiano de análise do indivíduo e de seu desejo para o âmbito acadêmico? Como fazer uma pesquisa em psicanálise, problematizando e interpretando os textos psicanalíticos sem fugir do seu objeto, o inconsciente, e

¹ No texto *Dois Verbetes de Enciclopédia* (1922/1996), Freud assim concebe a Psicanálise: “Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo; (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos; e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica” (ibid, 48).

do seu método de investigá-lo, a análise? Se uma ciência se define pelo seu objeto e método, como transportar uma produção de conhecimento iniciada na clínica para o ambiente universitário?

Assoun (2002), aponta para uma saída dessa dificuldade: o recurso à epistemologia freudiana. O que entendemos por “epistemologia freudiana?” Para o autor, essa expressão significa “a investigação sobre as condições desse saber psicanalítico” (ASSOUN, 2002, p.16) que, embora subverta a linguagem do seu tempo, cotejando o inédito e o inaudível em seu objeto, não nega suas raízes históricas “como indica a extraordinária fidelidade de Freud ao dizer de seus mestres confessados e inconfessados [...] seguro de sua diferença através da aderência histórica e para além dela” (ibid, p.243). O autor destaca o ineditismo e originalidade freudiana na construção de um saber, enfatizando que a *episteme* psicanalítica, pelas suas peculiaridades, tanto na forma quanto no conteúdo, transborda os modelos vigentes para o pensamento científico deste ou daquele tempo. Aqui a pesquisa que se utiliza da epistemologia freudiana será a metodologia empreendida na análise da lógica freudiana sobre o amor.

Em termos de itinerários, a proposta aponta, no primeiro capítulo, para as ressonâncias dos ideais românticos na teorização freudiana sobre o fenômeno amoroso, a partir da concepção do amor como uma busca pela unidade perdida.

Para tal fim, tomaremos como pedra de toque a obra de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*. Para Lejarraga (2002), percebe-se o eco do amor trágico do jovem Werther, com todos as delícias e dores do estado de apaixonamento romântico, nas formulações freudianas sobre o fenômeno amoroso. Segundo esta autora, no século XIX a noção de amor era inseparável da imagem idealizada do romantismo amoroso (p.13). Aqui cabe uma advertência: não estamos planejando analisar o romance de Goethe, *Os Sofrimentos do jovem Werther*, mas usá-lo para destacar as características do amor romântico. O nosso trabalho não se propõe a uma análise literária deste romance, mas visa tão somente definir o Romantismo através de elementos genuínos desse estilo, à exemplo desta obra de Goethe, que podem ser aproximados, com relativa pertinência, da formulação freudiana.

Por que a escolha da visão romântica de amor expressa no livro do escritor alemão Goethe? Podemos justificar esta opção apontando que, para alguns autores, o Romantismo é um movimento genuinamente germânico, visto que se desenvolveu de forma intensa na Alemanha, tendo Goethe como um dos seus principais expoentes, pensador lido e prezado por Freud, conforme afirma Lejarraga (2002) e Perestrello (1996), e conforme se confere no desenrolar de sua obra: *Rascunho N (1897)*; *O Prêmio Goethe (1930)*; *Além do princípio do prazer (1920)* *Sobre a transitoriedade (1915)* entre outros títulos. Adicione-se que Goethe foi o literato mais citado por Freud: 112 vezes (LOUREIRO, 2002, p.60).

O segundo capítulo traz as formulações teóricas freudianas do fenômeno amoroso como uma experiência nostálgica, uma procura por uma satisfação e plenitude amorosa supostamente perdida, tendo como campo de pesquisa o amor no Complexo de Édipo. Também introduziremos neste momento do nosso texto o mito de Sófocles, tomado por Freud como uma metáfora na estrutura do complexo familiar edípico. As críticas de alguns psicanalistas sobre o uso freudiano de elementos do mito dirigem a discussão para uma compreensão dos motivos que levaram Freud a incluir nas suas teorizações sobre o fenômeno edípico a tragédia de Sófocles. Assim, ao lado do texto psicanalítico, tomaremos a letra do poeta grego para compreendermos o romance edípico.

Dos escritos freudiano, aqui será abordado como obra de referência os *Três ensaios sobre a sexualidade*, de 1905, texto fundamental para a pesquisa sobre a lógica do fenômeno amoroso em psicanálise, pois aponta para a estrutura de vinculação infantil, o modo primitivo de amar, tomando o complexo “sugar o seio da mãe” como paradigma do amor. Neste trabalho vemos Freud condensar várias idéias sobre o desenvolvimento libidinal infantil, apresentando o amor como um reencontro dos objetos incestuosos da infância - os pais. Aqui daremos uma maior ênfase à triangulação do desejo, construída no pensamento freudiano a partir da idéia de Sexualidade infantil e do Complexo de Édipo, embora conceitos como vivência de satisfação, desejo, libido e repetição também sejam utilizados para fomentar a idéia do amor como reencontro e nostalgia do objeto perdido.

Todavia, como bem lembra Roza (2004), o que torna possível uma teoria do Complexo de Édipo é a interdição do incesto, mas como não podemos falar de incesto sem mencionarmos o pai, ainda neste capítulo traremos a baila a função interditoria do pai na separação da díade mãe-filho, sua presença capital na estrutura de vinculação humana e assunção dos limites sociais, pois Freud construiu o *Complexo de Édipo* girando em torno da figura paterna, da interdição do incesto e do conceito de castração. Com isso introduzimos, mais enfaticamente, os dois desejos recalcados do *Complexo de Édipo*: o parricídio e o incesto, assim como a proibição do incesto e, conseqüentemente, a impossibilidade da fusão amorosa, nesta ou noutra vida. Apontando aí as dissonâncias freudianas em relação aos ideais românticos acerca do amor, a saber, a completude amorosa como algo realizável, senão nesta existência, pelo menos de forma transcendental – para os românticos, e, a impossibilidade desta fusão, no dizer desilusório da psicanálise.

No terceiro capítulo introduzimos a noção de Coisa para tornar mais visível o objeto perdido da psicanálise e as dissonâncias entre este saber e o Romantismo. Afinal, na letra freudiana não se trata de um objeto que um dia foi possuído e depois perdido, assim como o é para os românticos. Mas de algo que foi perdido sem nunca ter sido possuído, mas que deve ser reencontrado. Formulação lógica importante quando se trata de destacar a especificidade do saber psicanalítico. Assim, neste capítulo centraremos a discussão em torno da dissimetria irredutível entre o objeto buscado e o objeto encontrado, enfatizando - no dizer da psicanálise, e ao contrário do que acreditam os românticos - a impossibilidade do encontro da suposta Unidade original e da satisfação absoluta.

As contribuições de psicanalistas contemporâneos como Mezan (2006), Roudinesco (2003) e Laplanche (1988) também serão utilizadas para fomentar o debate sobre a noção de amor edípico, ajudando a perfurar o texto freudiano nos seus pontos nevrálgicos relativos ao tema em questão.

Nas considerações finais traremos a baila os principais eixos desenvolvidos neste percurso teórico e as contribuições que a pesquisa epistemológica do texto freudiano possibilitou até o momento sobre o amor e as ressonâncias românticas de um desejo de completude na esfera amorosa. Para Lejarraga (2002): “Freud se formou, como toda a geração do século XIX,

com o romantismo nas entranhas e os ideais iluministas na cabeça. Assim, suas teorias sobre o amor não escaparão desse embate cultural, sendo predominante românticas” (ibid, p. 43). Desta forma, traremos para primeiro plano tanto as ressonâncias do romantismo em Freud quanto o contrário, destacando a especificidade do discurso psicanalítico: se o amor é sustentado pelo desejo de alcançar a plenitude, se a nostalgia do objeto perdido move o amor humano em torno das suas origens – a vivência de satisfação e o primeiro objeto deste momento, a mãe - a psicanálise é tanto a desilusão deste anseio quanto a afirmação da sua impossibilidade. O que leva o sujeito a se deparar com uma satisfação limitada, parcial, finita, sem encontros transcendentais ou promessas de completude em outra esfera. A psicanálise é uma *práxis* que reflete a desilusão dos sonhos nostálgicos dos apaixonados, bem como a sua confrontação com a própria castração.

Desde logo, a nossa crítica sobre as ressonâncias do Romantismo que supomos no amor não se propõe a oferecer soluções ou respostas - se é que elas existem - para os dilemas amorosos deste ou daquele período histórico, mas tão somente problematizar sobre a lógica freudiana sobre o vínculo amoroso.

Ao longo desse percurso teórico utilizar-se-á das análises e formulações de Freud acerca da arte e dos textos literários, fragmentos de poesias e mitos românticos centenários. Instrumentos metafóricos tão preciosos e tão extensivamente utilizados por Freud nas suas teorizações sobre o amor, a ponto deste afirmar que os escritores de ficção conduzem as exigências da sua imaginação em perfeita harmonia com a realidade, utilizando a sua sensibilidade para perceberem os impulsos ocultos na mente humana e possuindo a coragem para revelá-los (FREUD, 1910).

Wilhelm, que seria do nosso coração em um mundo inteiro sem amor? O mesmo que uma lanterna mágica apagada! Assim que se põe lá uma lâmpada, imagens de todas as cores surgem na tela branca...E mesmo se fosse apenas isso – fantasmas -, ainda assim continuará fazendo a nossa felicidade, sempre que nos postarmos diante deles, como crianças extasiadas...

(GOETHE, 1774 / 2005, p.127 - *Os sofrimentos do Jovem Werther*).

CAPÍTULO 1

1. USO DO AMOR ROMÂNTICO NO TEXTO FREUDIANO: RESSONÂNCIAS?

Esta noite...tremo só de pensar, tomei-a nos braços, colada ao meu peito, e cobri a sua boca, balbuciante de amor, com milhares de beijos: os meus olhos nadavam na embriaguez dos seus! Meu Deus! Sou culpado por sentir até agora a felicidade de recordar, com muito afeto, essas alegrias ardentes? Lotte! Lotte!
(GOETHE, 1774 / 2005, p.235 - *Os Sofrimentos do Jovem Werther*).

Podemos falar de ressonâncias do Romantismo no pensamento de Freud? O romantismo poderia ser tomado como uma marca d'água sob as suas teorizações acerca do vínculo amoroso?

Essas questões circunscrevem o propósito deste primeiro capítulo, que pretende delinear traços fundamentais do amor romântico, apontando as suas ressonâncias na concepção de fenômeno amoroso no texto freudiano.

Mas antes de percorrermos os estudos específicos sobre a repercussão do ideário romântico sobre o amor no interior da psicanálise, é importante destacar qual a hipótese que norteia este capítulo, já que ela guiará a argumentação fundamental aqui arrolada. Acreditamos ser possível perceber no texto freudiano ecos do ideário romântico de experiência amorosa, a saber, o amor como uma busca nostálgica pela unidade perdida.

Não se trata de categorizar Freud como um homem romântico ou um homem das luzes, ou ainda, de afirmar que a psicanálise é romântica ou ainda, que os conceitos psicanalíticos são meras reproduções das idéias aventadas pelos movimentos literários da sua época, e mais, que o Romantismo é uma espécie de “antecipação” das idéias freudianas. O que se pretende é isolar, no uso que Freud faz do literato romântico Goethe (1749-1832), possíveis ressonâncias do Romantismo na elaboração do conceito psicanalítico de amor. Estamos nos questionando sobre as características do amor romântico que podemos perceber na letra freudiana: Quais são elas? De que forma aparecem nos escritos de Freud? Com que objetivo?

Ao usarmos o termo “ressonâncias” tentamos delimitar que neste trabalho não estamos às voltas com a idéia de uma análise comparativa entre

os dois saberes, o psicanalítico e o Romântico. Nem procurando estabelecer uma identidade entre eles, partindo das suas diferenças, das incompatibilidades, para situar as proximidades, e até mesmo convergências. É importante deixar claro que não é essa a tarefa aqui proposta. Tampouco seria possível em único capítulo abarcar uma empreitada de tão grande proporção. Mesmo porque, adiantando algo da conclusão a que só chegaremos bem mais tarde, não pretendemos afirmar que, para Freud, no amor é possível encontrar a unidade perdida. Longe disso, pensamos que, se o amor no “Romantismo é movido pela desejosa espera e pela nostalgia da totalidade” (LOUREIRO, 2002, p.13), a Psicanálise freudiana trabalha tanto com a frustração do desejo nostálgico de totalidade, quanto com o reconhecimento da sua impossibilidade: o que não extingue, nem nega a sua presença. Pelo contrário, ao afirmá-lo, desconstrói a lógica romântica de reaproximação das unidades. A questão é: o que é essa configuração amorosa que denominamos romântica e que alguns autores caracterizam como um desejo nostálgico de totalidade? E como esse desejo de completude, já na sua gênese impossível, é demonstrado na letra freudiana?

1.1 - DE UMA DEFINIÇÃO POSSÍVEL DO ROMANTISMO PARA UMA DEFINIÇÃO DE AMOR ROMÂNTICO

Pode-se aplicar às definições aquilo que Chamfort diz dos amigos que se têm no mundo. Há três espécies de definições na ciência: definições que nos dão uma luz ou uma indicação, definições que nada definem e definições que obscurecem tudo... (F. Schlegel, trecho do fragmento n.82 do Athenäum apud LOUREIRO, 2002).

Definir o Romantismo é uma tarefa tão árdua, quanto difícil, havendo até quem suspeite que é uma empreitada impossível. O próprio F. Schlegel, o fundador do círculo dos românticos, disse certa feita a seu irmão que não poderia enviar-lhe a sua própria definição do termo, porque esta tinha “125 folhas de extensão!” (apud REALE e ANTISERI, 1991, p.18), e do ponto de vista de Lovejoy (apud LOUREIRO, 2002) “o termo Romantismo perdeu a serventia, já que abriga as coisas mais diversas sob o mesmo nome” (LOVEJOY apud LOUREIRO, 2002, p.94) Então, qual é a solução? Desistimos de defini-lo já que não há um consenso entre os autores sobre o significado deste vocábulo, ou falamos de “Romantismos”, usando a palavra no plural,

indicando uma certa geografia para situar de qual deles falamos ou, ainda, tentamos analisar este Romantismo através de alguns dos elementos que o compõem, buscando uma idéia central-sintética?

Esta última possibilidade nos foi sugerida por Loureiro (2002) que, ao contrário do que pretendemos aqui, mobilizou em sua tese um enorme aparato de referências, selecionando um autor mais representativo de cada concepção deste movimento, enumerando exaustivamente as características que o compõem, citando tanto a bibliografia que descreve o Romantismo em busca de traços que funcionem como denominadores comuns a tudo aquilo que se classifica como romântico, quanto o contrário, arrolando em sua empreitada autores que fazem essa definição por contraste ou oposição com o Iluminismo.

Nosso propósito é mais modesto: não é nossa intenção escrever um trabalho sobre a intersecção entre Psicanálise e Romantismo. O nosso foco central é o conceito de amor em psicanálise. Do Romantismo buscamos apenas o eco sobre a teorização freudiana da experiência amorosa. Segundo as nossas suspeitas, ele está como pano de fundo para falarmos da problematização freudiana sobre o amor.

Cotejamos o saber romântico via psicanálise e não o contrário: a presente dissertação não se desenvolve em Letras ou Filosofia, mas num mestrado temático sobre o fenômeno familiar. O que justifica essa escolha é mais do que uma evidência da trajetória a ser seguida, mas o indicativo de uma opção pela prudência, porque não será suficiente avistar a “terra prometida” se nos faltar fôlego para alcançá-la. Morreremos pelo caminho, tentando seguir uma bibliografia sobre o Romantismo tão extensa e invencível para um pesquisador solitário? Perseguir o amor através da obra de Freud já não é uma tarefa hercúlea? E, por outro lado, acreditamos que não é de pouca monta, num Mestrado centrado em família, abordarmos o amor no complexo edípico freudiano, porque este triângulo amoroso teorizado pela psicanálise é o fundamento psíquico e afetivo no qual, e a partir do qual, constitui-se o que é família. O que pretendemos é usar esta versão de amor própria da psicanálise, a fim de compreender o sujeito amoroso e seus destinos afetivos e, neste contexto, explorar a idéia de que o amor é uma repetição de um padrão amoroso infantil, contaminada por um certo romantismo.

Assim, não iremos descrever exaustivamente o que seja o Romantismo, ou construir uma nova definição deste movimento oitocentista, muito menos abordar todas as fontes literárias da cultura de Freud, acompanhando os usos variados presentes em seus textos, pois essa tarefa fugiria ao objetivo e limite do que nos propusemos discutir no presente trabalho. Nosso interesse é pela lógica freudiana a propósito da experiência amorosa, marcada por inflexões românticas,

Todavia, um trabalho como esse precisa de um ponto de partida, uma gênese porque, ao contrário do que diz o poeta, aqui não se faz o caminho ao caminhar. Esse percurso que começamos a trilhar carece de um itinerário a ser seguido, qual seja, partindo de uma das inúmeras referências do Romantismo - a concepção de completude amorosa - tomamos como pedra de toque a obra de Goethe: *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774). Tal orientação se explica porque, para sustentarmos a pertinência do conceito freudiano de amor ao ideário Romântico de experiência amorosa, ainda que seja apenas observando os ecos do segundo sobre o primeiro, precisamos de um elemento legítimo deste movimento, assim não ficamos à deriva das idiossincrasias de cada escritor, ou vagando entre tantas peças ditas românticas, quanto em críticas literárias de caráter duvidoso. Todavia, não se trata aqui de explicar o romance *Os sofrimentos do Jovem Werther* através da biografia do seu autor. Nossa leitura do texto de Goethe pretende evitar uma aplicação terapêutico-psicológica sobre o seu autor. Deste modo, ainda que assinalemos alguns aspectos da sua biografia, o nosso objetivo é tão somente apontar, não para motivações ocultas subjacentes à sua escrita, mas para a importância desta obra no pensamento da época, dando destaque à preferência que Freud revela possuir sobre ela.

Por outro lado, se pretendemos investigar a presença da concepção de amor romântico na psicanálise freudiana torna-se indispensável trazermos parâmetros sólidos que nos indiquem o que seja o amor do Romantismo: seja selecionando alguns comentadores que sustentem uma idéia útil à proposta desse trabalho; seja elegendo uma das características mais relevantes e representativas, no dizer dos autores consultados, cuja argumentação efetive um mínimo tangenciamento com os nossos objetivos; seja deixando de lado

alguns nomes que, apesar de relevantes, não abordam o traço do Romantismo destacado aqui, visualizado na busca nostálgica pela totalidade.

A seleção da bibliografia, portanto, apresenta a definição de Romantismo do dicionário filosófico de Abbagnano (2002) e os textos de Paz (1993) Rougemont (2003) e Fischer (1976) que nos apresentam uma leitura criteriosa e detalhada do movimento romântico, trazendo uma ampla e rigorosa investigação sobre o tema, ao menos no que diz respeito ao levantamento bibliográfico efetuado pela pesquisadora até o momento. Os demais nomes, oriundos da psicanálise, nos ajudam na compreensão do texto freudiano e na percepção do que há de romântico, ou não, em suas formulações sobre o amor. Assim, trazemos também arroladas aqui as contribuições de Toledo (1999), Loureiro (2002) e Lejarraga (2002). Colhamos os dados dos comentadores:

Para Abbagnano (2000) Romantismo é

O movimento filosófico, literário e artístico que começou nos últimos anos do século XVIII, floresceu nos primeiros anos do séc. XIX e constituiu a marca característica desse século. O significado comum do termo “romântico”, que significa “sentimental”, deriva de um dos aspectos mais evidentes desse movimento, que é a valorização do sentimento [...] Nos costumes, o amor romântico busca a unidade absoluta entre os amantes [...] (ABBAGNANO, 2002, p.862).

Desta definição extraímos a idéia do amor romântico como caracterizado pela busca da “unidade absoluta entre os amantes”. Idéia que aparece também em Fischer. Para esse autor, a busca pela unidade era representada através de uma fusão com a natureza, símbolo da união erótica com uma amante sonhada, uma confidente leal, o retorno ao ventre materno e, por outro lado, símbolo também do encontro com um ser “destrutivo, devorador, vampiresco”, a própria personificação idealizada da morte (FISCHER, 1976).

O que não fica claro aqui é, primeiramente, qual a origem dessa busca? Porque, se há uma procura, pode-se inferir que, ou houve uma quebra numa união anterior, e deseja-se então a restituição da totalidade perdida, ou há um anelo por algo desconhecido, tido como desejável. E, em segundo lugar, alguém poderia questionar: de que Romantismo estamos tratando aqui se há autores que consideram que há diferenças entre o Romantismo inglês, francês e alemão? Com que critérios optamos por esta definição em detrimento de

outras, e com que propósito? Mais ainda, se o Romantismo é um movimento filosófico, literário e artístico, então, qual dessas áreas do conhecimento foi priorizada neste trabalho? Tomemos o já citado trabalho de Loureiro(2002) como suporte para sairmos desta *babel conceitual*.

A autora opta por não descrever o que seja o Romantismo por “convicções método-epistemológicas” e cita outro argumento em favor desta não-definição: o argumento levantado por Lacoue-Labarthe e Nancy de que “o Romantismo é programaticamente incompatível com definições” (LOUREIRO, 2002, p. 145). É claro que, assim como esta autora encontra um ou vários nomes que justifiquem ou apoiem a sua opção por uma não-definição do Romantismo podemos, por outro lado, encontrar autores que sigam um procedimento oposto, definindo o Romantismo e suas características.

Todavia, embora não compartilhe da crença de Loureiro (2002) numa indefinição deste movimento, acho profícua a sua opção por um outro desenho da figura do Romantismo: a noção de estilo romântico. Esta autora se utiliza da literatura e da filosofia para compreender este movimento, trajeto que estamos tentando seguir neste momento do nosso trabalho, ainda que tenhamos dado uma maior ênfase ao Romantismo literário. E, por mais que Loureiro apenas molde mais uma figura que o caracterize sem defini-lo, este desenho evidencia o desejo de unidade, alvo das nossas conjecturas.

Mas o que nos parece mais útil ao propósito deste capítulo é o fato de que na sua obra sobre “Freud e o estilo romântico”, a autora ter centrado o seu foco na Alemanha, justificando esta circunscrição por razões que são também as nossas: por ser este o mundo de Freud e, porque, segundo os autores pesquisados por Loureiro (2002), como Thomas Mann, Luis Dumont e Gerd Bornheim, “o caráter romântico é inerente e específico à cultura alemã”, havendo até quem advogue que o Romantismo alemão é a personificação deste movimento, já que não somente ele teria começado primeiramente no universo germanofônico e de maneira mais completa, como teria sido fundamental na própria constituição da nação alemã (LOUREIRO, 2002). Vejamos dois fragmentos que corroboram com essa idéia:

No dizer de Bornheim:

A cultura alemã é basicamente romântica, e isto que se costuma chamar de período romântico, não é mais do que a manifestação máxima de constantes

que atravessam, com intensidade maior ou menor, todas as etapas dessa cultura. Isso explica a influência que, inevitavelmente, deveria exercer a Alemanha, direta ou indiretamente, sobre todos os romantismos ocidentais (BORNHEIM *apud* LOUREIRO, 2002, p. 156).

Para Lejarraga (2002):

Alguns autores consideram que o Romantismo é um movimento tipicamente germânico, já que se desenvolve de forma avassaladora na Alemanha, encontrando em Goethe, literato e pensador amplamente lido e prezado por Freud, um de seus maiores expoentes (LEJARRAGA, 2002, p. 20).

Mas se o Romantismo é um movimento fundamentalmente alemão, o que caracteriza esse movimento na Alemanha? Qual o seu estilo?

Loureiro (2002) define estilo romântico como:

Um modo de formar característico de um dado contexto histórico-cultural, embora produções semelhantes persistam até os dias de hoje [...] O fio condutor que perpassa todos os autores aqui [no texto de Loureiro] considerados românticos é a predominância, neles, de um sentimento de ruptura, vivida como uma perda, em todos os terrenos da vida social. Tal sentimento de ruptura se faz acompanhar [...] de um movimento reflexivo e auto-reflexivo que, ao mesmo tempo em que se dá conta de que tal ruptura é radical e definitiva, ainda conserva a esperança de que ela seja, em algum plano, reversível e colmatável. Daí o estilo romântico ser fortemente marcado pelas tentativas de respostas restauradoras, cujo fim último seria a restituição da unidade e da harmonia perdidas (LOUREIRO, 2002, p.161).

Esta autora elenca diversos comentadores que lhe serviram de esteio para pensar esta concepção de estilo: conceito centrado na idéia de Romantismo “como um movimento, ocorrido em todas as esferas da existência, na direção de um reencantamento do mundo” (ibid). Octavio Paz, Löwy e Sayre, René Wellek e Albert Béguin, todos enfatizam, de uma forma ou de outra, a atitude romântica de retorno, restituição, recuperação de uma plenitude idealizada que fora perdida. Assim, para Löwy e Sayre (1995), no conceito de Romantismo está “[...] experiência de perda, nostalgia melancólica e busca do que está perdido: tais são os principais componentes da visão romântica” (apud LOUREIRO, 2002, p. 195). Paz (1984) nos traz uma outra definição ainda mais contundente do Romantismo enquanto estilo, uma forma de (re)construir o mundo:

O Romantismo foi um movimento literário, mas também foi uma moral, uma erótica e uma política. Se não foi uma religião, foi algo mais que uma estética e uma filosofia: um modo de pensar, sentir, enamorar-se, combater, viajar. Um modo de viver e um modo de morrer (apud LOUREIRO, 2002, p.193).

Loureiro aponta para alguns fundamentos do estilo romântico: a constatação de uma ruptura/perda que, na ótica dos autores aqui arregimentados, o momento da queda tanto pode ser situado no declínio do mundo helênico, quanto no capitalismo, na revolução francesa, na “modernidade” ou ainda, na expulsão do paraíso, no mecanicismo newtoniano etc. a questão é que diante desta cisão, há uma reflexão crítica sobre o “mundo desencantado”, seguida de uma tentativa de restituição da unidade anterior que o indivíduo havia formado com duas entidades totalizantes – a natureza e a coletividade humana, no sentido de um reencantamento do mundo.

Vejamos o que nos apontam outros comentadores sobre as características do Romantismo e suas inflexões sobre o amor na psicanálise freudiana.

Denis de Rougemont, no clássico *História do amor no Ocidente*, nos oferece um estudo sobre as origens do amor romântico na cultura ocidental, usando como fio condutor e chave para uma interpretação desta história a lenda de Tristão e Isolda, paradigma, para este autor, desta modalidade amorosa exemplo emblemático da raiz cortês do romantismo amoroso.

O romance, datado do século XII, relata o amor interdito de dois jovens: Tristão e Isolda que bebem - por engano - uma poção do amor que era destinada à Isolda e à seu futuro marido. Apaixonam-se em decorrência da ingestão deste filtro mágico, mas não conseguem ficar juntos. Até as últimas páginas esse romance é marcado por obstáculos que impedem a união dos amantes: estando ferido mortalmente, Tristão manda buscar Isolda e pede ao mensageiro que lhe dê um sinal da presença ou ausência da amada na embarcação, a fim de que ele tenha alento para esperá-la antes de morrer. Assim, se o navio retornasse com a bandeira branca hasteada era sinal de que Isolda viria ao seu encontro, sendo o contrário, o hasteamento da bandeira preta. O navio surge com a bandeira branca, mas a esposa enciumada de Tristão diz que a bandeira é preta. Tristão não resiste e morre. Isolda chega, vê o seu amado morto e abraça-se a seu corpo inerte, morrendo em seguida.

O traço preponderante nesse amor trágico, segundo Rougemont, é o sofrimento e a morte. E ele assim define o amor romântico:

Paixão quer dizer sofrimento, coisa sofrida, preponderância do destino sobre a pessoa livre e responsável. Amar o amor mais do que o objeto do amor, amar a paixão por si mesma, desde o *amabam amare* de Santo Agostinho até o Romantismo moderno, é amar e procurar sofrimento. Amor paixão: desejo daquilo que nos fere e nos aniquila pelo seu triunfo, [mas] por que o homem ocidental deseja sofrer essa paixão que o fere e que toda a sua razão condena? [...] Por que deseja esse amor cujo esplendor só pode ser o suicídio? [...] por que preferimos a narrativa de um amor impossível a outra qualquer? [...] O obstáculo, cujo funcionamento foi visto em nossa análise do mito [de Tristão e Isolda], não teria uma origem natural? Retardar o prazer não seria a astúcia mais elementar do desejo? (ROUGEMONT, 2003, p. 68-79).

Para este autor, no Romantismo alemão há um retorno a um tema cortês, “o amor recíproco infeliz”. Vários escritores deste período exaltam os obstáculos, escrevem pretextos para a separação dos amantes, idealizam a morte voluntária, criam motivos naturais ou sagrados para tornar a união amorosa impossível. Mas de onde vem esse gosto pelo impossível e pelo interdito? Por que, como diz Rougemont, “sem entraves ao amor, não há ‘romance’?” Não seria do próprio movimento desejante essa interdição ou pertinente a natureza do objeto que se deseja? Afinal, para Freud, no cerne do movimento desiderativo humano está o desejo incestuoso, ligado às figuras amadas da infância, um desejo impossível porque barrado pela castração: mais do que um obstáculo, a castração é uma impossibilidade. Mas esse aspecto será aprofundado em outro capítulo. Por enquanto, voltemos a mais um exemplo de um amor impossível, tão interdito quanto o de Tristão e Isolda. Estamos nos referindo ao monumental *Os sofrimentos do Jovem Werther*, este citado por Freud em sua obra com propósitos bem definidos, aqui utilizado como mote das nossas problematizações sobre as ressonâncias do romantismo no conceito freudiano de amor. Para Lejarraga (2002) podemos observar no romance de Goethe *Os Sofrimentos do Jovem Werther* as características do amor romântico. Tentemos, então, identificá-las:

O Romance narra a história do jovem Werther e sua paixão por Carlota, Lotte, moça que ele conhece quando vai morar perto da sua casa, numa pequena aldeia rodeada por uma luxuriante paisagem. Assim, ele escreve a seu amigo Wilhelm: “Conheci alguém que tocou o meu coração [...] É um anjo!...Ora, já sei que todos dizem isso de sua amada [...] Todavia, é-me impossível dizer a você o quanto ela é perfeita [...] Só isso basta: ela tomou conta de todo o meu ser” (GOETHE, 1774/2005, p.23).

Paixão inviável e infeliz, desde o início interdita por obstáculos sociais e morais: não apenas a adorada de Werther se encontrava comprometida com outro, como ela não pertencia a sua classe social. Este último, embora possuindo uma formação clássica e um espírito moderno, não era nem um aristocrata nem um burguês, à semelhança do prometido de Lotte, Albert.

Desde as primeiras páginas vemos Werther sendo advertido: “- não vá se apaixonar” (ibid). Mas foram vãs quaisquer palavras de alerta. Este jovem torna-se amigo de Lotte, a noiva de Albert, passando a visitá-la diariamente, e cada vez mais intensamente preso aos seus encantos proibidos. Das visitas freqüentes à paixão avassaladora e declarada não se passa muito tempo. Werther se coloca numa situação ilícita, repleta de conflitos e sem perspectivas:

Oh! Por que, nasceu você [Werther] com esse ardor apaixonado que se prende obstinadamente a tudo o que o impressiona!... Fique calmo; - percebe que está se iludindo e que está caminhando voluntariamente para a sua ruína? Por que eu, Werther, eu, que pertenço a outro? Justamente eu? Temo, temo que seja apenas a impossibilidade de me possuir que faz com que você me deseje com tanto ardor! (ibid, p.100).

O noivo de Lotte, que estava ausente retorna. Diante da presença de Alberto, seu inconfessado rival, Werther afasta-se e vai trabalhar na corte de um embaixador, no afã de - através da distância - esquecer ou evitar o seu grande amor.

Na corte, torna-se ainda mais clara a desigualdade e inferioridade da sua condição social. Ele não era um nobre, e um fato marcante evidencia essa diferença social: Werther é expulso dos salões da aristocracia por não pertencer à nobreza. Assim, desmorteado e ferido, retorna à aldeia e às visitas a sua querida Lotte. Tarde demais: esta já havia se casado com Alberto e deixa claro a sua fidelidade ao marido, pedindo a Werther que se afaste.

As rejeições da amada, as frustrações contínuas aos seus sonhos de tomá-la nos braços vão, num crescendo, tomando todo o romance com os lamentos desesperados deste apaixonado, preparando para o desfecho final, bem ao gosto dos românticos: Werther se suicida por amor.

Quero morrer!... Não é o desespero; é a convicção de que suportei quanto pude e de que eu me sacrificarei por você. Sim, Lotte, por que esconder? É preciso que um de nós três desapareça, e sou eu quem deve desaparecer. Oh, minha adorada...

Às seis horas da manhã, ao entrar com uma lâmpada, o criado encontrou [Werther] estendido no solo. Vendo as pistolas e o sangue, chamou-o, sacudindo-o. Nenhuma resposta. [...] Correu ao médico, foi à casa de Albert [...] Soluçando e gaguejando, deu-lhes a notícia. Lotte caiu sem sentidos aos pés de Albert.

Werther morreu ao meio – dia. [grifo do autor] (ibid, p.102/9).

Para Loureiro (2002) em Goethe “a morte anuncia uma esperança de comunhão e reconciliação em uma esfera além dessa existência” (LOUREIRO, 2002, p.333).

É essa idéia que Werther deixa evidente:

Minha, oh, Carlota! Partirei antes de ti! Irei para o meu pai, para o teu Pai. A Ele direi dos meus sofrimentos, e Ele me consolará até que venhas também. Então, voarei ao teu encontro, te enlaçarei e ficarei eternamente abraçado a ti perante a face do Deus infinito. Não estou sonhando, nem delirando. Tão perto da sepultura, vejo tudo mais claramente. Continuaremos a existir e tornaremos a nos ver! Verei tua mãe! Eu a verei, eu a encontrarei, e diante dela desafogarei todas as minhas mágoas. Tua mãe, tua imagem! (GOETHE, 1774/2005, p.161).

O estilo romântico prima pelo anelo a unidade, a completude, ainda que seja via transcendência. Aí reside a nostalgia romântica. Mas será que encontramos em Freud essa busca saudosa pela unidade, tema tão peculiar e caro aos românticos, como vimos anteriormente?

1.2 - A BUSCA AMOROSA EM FANTASIA: O ÉDIPO PRÉ-VISTO, O ROMANCE E OS CASOS CLÍNICOS

Por quê escolhemos o livro de Goethe *Os sofrimentos do jovem Werther* para delinear a presença do romantismo na psicanálise? E, por que este autor, se é sabido que Freud utilizou tantos outros nomes da literatura universal como Sófocles, Milton, Shakespeare ou escritores de língua alemã como Theodor Fontane, Thomas Mann, Rainer Maria Rilke... (ROUANET, 1996, p.215)? Poderíamos elencar duas razões para esta escolha: 1. do ponto de vista do Romantismo, *Os sofrimentos do jovem Werther* é considerado por muitos comentadores como um dos mais célebres romances de Goethe e, tanto quanto o autor, é reconhecidamente um dos ícones do Romantismo (LOUREIRO, 2002; HONIGSZTEJN, 1996; DOIN, 1996) Assim, usá-lo como mote para falar das inflexões do romantismo no texto freudiano não é algo

inusitado ou descabido. Pelo contrário, fornece reforço à hipótese de que o material de construção com o qual Freud erige a psicanálise tem também como fonte a sua cultura. (BETELHEIM, 1998; GAY, 2000). 2. do ponto de vista da Psicanálise, sabemos que nenhum outro autor foi tão mencionado por Freud em sua obra. Para Loureiro (2002, p.61) “Goethe ocupa lugar de destaque no panteão identificatório de Freud”. Aliás, sobre a relação entre Freud e Goethe, Kon (1996) nos lembra que no ano de 1934, Freud teria feito a seguinte confissão ao literato italiano Giovanni Papini: “Desde a minha infância, o meu herói secreto é Goethe” (KON, 1996, p.126). Até aqui, mostramos algo evidente: qualquer leitor poderia ver no uso freqüente e abundante de citações de Goethe uma “prova” do quanto Freud encontrava-se identificado com este. Outro leitor poderia, no afã de demonstrar a proximidade entre estes dois saberes, psicanálise e Romantismo, lembrar que Freud recebeu o prêmio Goethe, honraria instituída em 1927 pela cidade de Frankfurt, a ser concedido “a uma personalidade de realizações já firmadas, cuja obra criadora fosse digna de uma honra dedicada à memória de Goethe” (FREUD, 1930/1996, p.214). Porém, não é somente através desses dados que pretendemos apontar ecos do Romantismo na concepção freudiana de amor. Divisamos no texto da carta que Freud escreveu em agradecimento a honra recebida, a saber, o prêmio Goethe, a pista que vai nos levar da seara da psicanálise ao Romantismo. Vejamos a primeira parte deste fragmento: “Este escritor não apenas não teria rejeitado a psicanálise [...] como dela se aproximou numa série de pontos [...] (FREUD, 1930/1996, p.214).

Aqui cabe perguntar: que pontos são esses nos quais, segundo nos diz Freud, Goethe aproxima-se da psicanálise? Principalmente, o que Freud vê em Goethe sobre o amor?

Iniciemos a nossa investigação a partir da única citação que Freud faz a obra *Os sofrimentos do Jovem Werther* no *Manuscrito N*. Começamos por Werther para introduzir o amor evidenciado nos relatos do divã que enriquecem a clínica de Freud. Ou mais precisamente, o nosso movimento reflexivo parte da literatura romântica para identificar elementos românticos contidos nas fantasias históricas.

O mecanismo da poesia [criação literária] é o mesmo das fantasias históricas. Para compor seu *Werther*, Goethe combinou algo que havia experimentado

(seu amor por Lotte Kästner) e algo que tinha ouvido (o destino do jovem Jerusalém, que se suicidou). Provavelmente, Goethe estava brincando com a idéia de se matar; encontrou nisso um ponto de contato e identificou-se com Jerusalém, de quem tomou emprestado o motivo para sua própria história de amor. Por meio dessa fantasia, protegeu-se das conseqüências de sua experiência.

De modo que Shakespeare tinha razão ao justapor a poesia e a loucura (FREUD, 1897/1996, p.309).

“O mecanismo da poesia [criação literária] na letra de Freud, parece simétrico àquele que constitui as fantasias histéricas” (ibid). O que Freud quis dizer com isso? Em quê esta citação nos auxilia a demonstrar o eco das idéias do Romantismo na sua obra, no que diz respeito à experiência amorosa? O que se escondia por trás das fantasias histéricas? Qual o ponto de contato que podemos detectar entre a história amorosa de Goethe, reproduzida até certo ponto no Werther, e o discurso das histéricas, prenhe de fantasias? Vamos cruzar essa citação com outra do próprio Freud para daí entrarmos no que nos interessa neste texto: algo que não aparece logo a vista, mas que podemos inferir. Vejamos a segunda parte do fragmento, citado anteriormente:

[Goethe]...estava familiarizado com a força incomparável dos primeiros laços afetivos das criaturas humanas” [...].[Ele] explicou a si mesmo o impulso mais forte do amor que experimentou como homem maduro, apostrofando sua bem-amada: ‘Ah, vós fostes, numa vida passada, minha irmã ou minha esposa’ De um poema a Charlotte Von Stein. Assim, não negou que essas primeiras inclinações perenes assumem figuras de nosso próprio círculo familiar [os amores edipianos]. Goethe sempre teve Eros em alta consideração (FREUD, 1930/1996, p.214).

Destaquemos alguns dados importantes: Charlotte, grande amor de Goethe, foi comparada por este autor a sua irmã “– ah, vós fostes, numa vida passada, minha irmã” (ibid). Freud percebe nesta fala de Goethe a presença de uma repetição, uma reedição dos amores edipianos e afirma: “Assim, [Goethe] não negou que essas primeiras inclinações perenes assumem figuras de nosso próprio círculo familiar” (ibid).E a partir daí conclui: “Goethe sempre teve Eros em alta consideração” (ibid). Até aqui nos parece que o ponto de proximidade entre estes dois autores, Freud e Goethe, é o Complexo de Édipo: o literato conseguiu perceber e expressar algo que a psicanálise já havia descoberto e teorizado: amar principia a ser conjugado na intimidade de casa. Ou ainda: a matriz que estrutura a experiência de amar, inerente à constituição de todo

sujeito humano, é desenhada no interior do lar, junto às figuras de amor primevas do sujeito.

Mas na outra citação Freud “parece” abandonar o Complexo de Édipo ao referir-se às fantasias histéricas e sua relação com a criação literária, utilizando elementos da vida amorosa de Goethe - seu amor frustrado por Lotte - e da sua obra, o amor do *Jovem Werther* por Lotte, para dizer que “o mecanismo da poesia [criação literária] é o mesmo das fantasias histéricas” (ibid). O que Freud pretendia ao usar Goethe e seu personagem Werther para explicar o mecanismo histérico da fantasia? Por que recorreu a essas duas histórias, centradas em amores infelizes e impossíveis, uma que terminou em suicídio (Werther), e a outra, cujo enamorado apenas “brincou” com a idéia da morte (Goethe) para se referir aos mecanismos da histeria ou, em última análise, a própria histérica? Que relação há entre a histeria e o romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, ou entre esta patologia e o Romantismo? Em quê as fantasias histérica e ficcional se aproximam? Por que Freud, na sua reflexão metapsicológica, não cessa de usar a literatura como um dos recursos para elaborar seus conceitos, até mesmo indicando aos seus leitores que busquem os poetas para maiores esclarecimentos sobre um ponto obscuro da sua teoria, pois estes antecipam alguns achados da psicanálise? Ou ainda, queixando-se ao seu amigo que seus relatos clínicos parecem textos da literatura: “a mim causa singular impressão comprovar que minhas histórias clínicas carecem, por assim dizer, do severo selo da ciência, e que apresentam mais um caráter literário [...]” (FREUD, 1895/1996, p.108).

Porém, como a clínica em parte fundamenta a teoria psicanalítica, o que transforma o divã em fonte do que se extrai algo da substância com que serão formulados os seus conceitos metapsicológicos, retroalimentando a prática, então, voltemos ao espaço analítico, e não apenas ao romance, para encontrar respostas para a questão desse trabalho: a lógica freudiana sobre o amor. Sigamos o mesmo procedimento ao qual Freud foi sensível, na construção da psicanálise: deixemos a histérica falar. E o que falavam as histéricas através dos seus sintomas, sonhos, atos falhos e, principalmente, o que nos revelam as suas fantasias?

Laplanche e Pontalis (1998) definem a fantasia histérica como “um roteiro imaginário em que o sujeito está presente, e que figura, de maneira

mais ou menos deformada pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p.169). Vimos que Freud, ao comparar o “mecanismo da poesia [criação literária] com o das fantasias histéricas”, utiliza como exemplo dois amores cujos desejos de união foram frustrados: *O Jovem Werther* e sua Lotte e o próprio Goethe e Lotte Kästner, seu grande amor. O que nos deixa com uma questão e uma suspeita: Por que Freud centrou na experiência amorosa a sua comparação entre a criação literária e o mecanismo da histeria?

Se, segundo Laplanche e Pontalis (1998), a fantasia histérica é um roteiro imaginário que busca a realização de um desejo, então nos cabe perguntar: de que desejo se trata? Goethe confessou que via em Lotte a figura de sua irmã. Disso podemos suspeitar que, em última análise, é de um desejo incestuoso, ainda que inconsciente, que estamos nos acercando, seja no romance goethiano quanto no “romance histérico?” Freud estaria se utilizando da elaboração literária para configurar com maior nitidez a sua hipótese de incesto fundante do modo funcional do psiquismo?

Diante dessas questões será mais prudente retornarmos aos casos clínicos de Freud para tomá-los como apoio para o nosso objetivo: o de construir uma genealogia das idéias sobre o amor edípico no bojo do pensamento freudiano, vendo no movimento reflexivo de Freud algo como um aporte na literatura romântica.

Iniciemos nossa investigação pela análise dos relatos da vida amorosa das histéricas, partindo do momento em que Freud descobre a importância das fantasias na formação do material inconsciente das suas pacientes.

As psiconeuroses representam um dos campos de trabalho e um alvo privilegiado de observação e pesquisa para Freud. É nesta seara que ele descobre, para além dos limites biológicos, que a relação entre a criança e seu cuidador delinea o que podemos nomear de *sujeito de desejo*. O bebê não apenas depende do outro para a sua sobrevivência, mas estabelece com este uma relação que constitui a sua subjetividade, tema que abordaremos mais detidamente no próximo capítulo. Por hora, nos deparamos com Freud às voltas com o *Projeto para uma psicologia científica*, tentando definir os processos psíquicos, tomando como base a excitação quantitativa ou meramente fisiológica do aparelho psíquico. Lembremos que, neste momento,

a função do aparelho psíquico é manter no nível mais baixo possível a energia que nele circula, porque, na sua “hipótese econômica, está posto que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p.121).

Em 1897, em uma carta a Fliess (carta 66), Freud revela sua frustração diante da tentativa de explicar a totalidade dos fenômenos psíquicos apenas pela ótica da quantidade. Seus pacientes o levam a rever alguns pontos da sua teoria e a desconstruir, a sua então atual definição de neurose. Vejamos:

Pois bem, vejo que a defesa contra as lembranças não impede que estas dêem origem a estruturas psíquicas superiores, que persistam por algum tempo e, depois, são elas mesmas sujeitas à defesa. Esta, porém, é do tipo específico mais elevado – precisamente como nos sonhos, que contém *in nocte* [numa casca de noz] a psicologia das neuroses, muito genericamente. Deparamo-nos é com as falsificações da memória e com as fantasias – estas referindo-se ao passado ou ao futuro. Conheço mais ou menos as leis segundo as quais se agrupam essas estruturas e os motivos pelos quais são mais fortes do que as lembranças verdadeiras; assim, aprendi coisas novas que ajudam a caracterizar os processos no *Inc* (FREUD, 1897/1996, p.308).

Aqui vemos Freud encontrando nos sintomas histéricos as “falsificações da memória”. A histérica alucina, portanto vive mergulhada em um universo de recordações, de imagens mnemônicas que distorcem a realidade atual dos acontecimentos. Freud (1893/1996, p.240), formula a tese canônica sobre a histeria: “a histérica sofre de reminiscências”. Demonstra que nesta patologia encontram-se fenômenos psíquicos cujo funcionamento não diferem do dos supostos normais, embora a histeria deixe mais nítida essa defesa que é universal: diante de uma representação tomada como desagradável por estar em desacordo com seus valores morais, a consciência das histéricas separa esta representação aversiva das demais. Esse processo defensivo de cisão da consciência age de tal forma que a atividade dos processos psíquicos se restringe a determinados complexos representacionais que desencadeiam, a partir da recordação, as alucinações, ou seja, o aparecimento de imagens que não encontram correspondência na situação atual, nem no mundo real.

O mecanismo da alucinação promove uma inversão no caminho preferencial do processo psíquico, não mais da percepção à memória, mas no sentido contrário, atribuindo um novo papel aos traços mnemônicos: o de provocador dos fenômenos psíquicos e sintomas histéricos: Assim, “os

sintomas das histéricas [...] são determinados por certas experiências [...] que atuaram de modo traumático e que são reproduzidas em sua vida psíquica através dos símbolos mnêmicos” (FREUD, 1896/1996, p.195).

O que nos importa destacar aqui é a constatação de que por trás dos sintomas histéricos há uma cena traumática. Reconstruir a cena partindo do caminho que os sintomas, as lembranças e associações conduzem é a característica fundante e fundamental do procedimento psicanalítico. Descobrir que qualquer que seja o caminho seguido, o resultado, invariavelmente, conduz ao campo da experiência sexual como fonte do funcionamento psíquico, é o grande achado deste período.

Mas a descoberta mais importante a que chegamos, quando uma análise é sistematicamente conduzida, é a seguinte: qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, *no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual*. Aqui, portanto, pela primeira vez parece que descobrimos uma condição etiológica dos sintomas histéricos (FREUD, 1896/1996, p.196).

Nessa fase das suas produções teóricas, entre 1895 e 1897, Freud acreditava que o paciente histérico havia sofrido um trauma, e um trauma de conteúdo sexual: “afirmo, pois, que na base de cada caso de histeria encontramos um ou vários eventos de uma experiência sexual prematura” (FREUD, 1896/1996, p.194). Esta era a explicação, neste momento da teoria freudiana, para a origem da histeria. Ele supunha que a criança – futura histérica – havia sido apanhada desprevenida por um adulto, geralmente um parente próximo, e sofrido, impotente, uma *sedução* sexual: a violência dessa investida erótica repentina, a inundava de uma emoção sexual excessiva que, embora não percebida conscientemente, era inconscientemente registrada. A esse excesso de afeto inconsciente, não assimilado e nem descarregado, Freud chama de *trauma*, e às histórias de sedução contadas no seu consultório – os relatos de pacientes sobre os abusos sexuais sofridos passivamente na infância, geralmente investidas de um adulto do meio familiar - Freud dá o nome de *Teoria da Sedução*.

Vejamos, através do caso clínico de Katharina, eleito para o nosso trabalho pela visibilidade dos elementos que queremos colocar em foco, qual a relação desta teoria com as fantasias histéricas. Poderíamos ter escolhido outros relatos clínicos para essa demonstração, mas a rapidez e objetividade

com que esta análise foi conduzida até o seu término, nos permite perceber mais facilmente o que se esconde por traz das fantasias históricas.

Katharina, uma jovem de aproximadamente dezoito anos relatou a Freud, numa breve sessão, que via um rosto masculino assustador durante as suas crises históricas. A análise apontou na aparição daquele rosto a associação com a figura do tio, na verdade seu pai. O rosto que a assombrava escondia a representação de outra imagem, recalcada, repelida para o inconsciente em virtude do afeto desagradável que provocava.

Quando vislumbrou o casal no ato sexual, de imediato estabeleceu uma ligação entre a nova impressão e esses dois grupos de lembranças e começou a compreendê-los e, ao mesmo tempo, rechaçá-los. Seguiu-se então um curto período de elaboração, de “incubação”, após o qual os sintomas de conversão se fixaram, os vômitos substituindo a repulsa moral e física. Isto solucionou o enigma. Ela não sentira repulsa pela visão das duas pessoas, mas pela lembrança que aquela visão despertara nela. E, levando tudo em conta, isso só poderia ser a lembrança da investida contra ela na noite em que ‘sentira o corpo do tio’ (FREUD, 1893/1996, p.189).

Posteriormente, em uma nota de rodapé acrescentada em 1924, Freud esclarece que, neste caso, não se tratava do tio, mas do próprio pai da paciente, e afirma: “a moça adoeceu, portanto, como resultado de investidas sexuais por parte do próprio pai” (FREUD, 1924/1996, p. 197).

Segundo Laplanche (1998) falar das investidas de um adulto sobre uma criança, “cena real ou fantasística”, que Freud nomeou de *teoria da sedução*, não significa apenas conferir às cenas sexuais um papel etiológico importante em relação a outros traumatismos, mas representa “uma tentativa de explicar o mecanismo do recalque na sua origem” (ibid, 26).

Para Freud tais experiências sexuais infantis afetam o sujeito de maneira traumática porque o atingem na mais tenra idade, quando o seu aparelho psíquico não se encontra preparado para sofrer uma excitação de natureza sexual. O que é traumático aqui não é tanto o acontecimento em si, mas o fato desta experiência sexual ter como alvo alguém que num estado de imaturidade e impotência diante do que lhe está acontecendo, não se encontra apto a elaborar o que experimentou. Assim, diante da impossibilidade do sujeito responder a esta sedução, o conteúdo deste acontecimento permanece como

um corpo estranho, não assimilável às outras representações psíquicas e que, portanto, só pode ser tolerado se expulso da consciência através do recalque.

Todavia, aquilo que o sujeito procura repelir, recalcar, é suscetível de retornar sob a forma de atos falhos, sonhos, sintomas – como é o caso dos sintomas conversivos das histéricas: na história de Katharina, os vômitos simbolizam a representação recalçada, a repulsa que a lembrança da cena em que o pai tentou seduzi-la, provocou nela.

A cena da sedução, apontada neste relato clínico e em vários outros casos analisados por Freud, tais como Anna O., Fraülen Elisabeth Von R. etc., é inúmeras vezes questionada por Freud quanto a sua veracidade a ponto deste confessar ao seu amigo (carta de 21/09/1897):

E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontado lentamente em mim nos últimos meses. Não acredito mais na minha neurótica [teoria das neuroses]. Provavelmente, isso não será inteligível sem uma explicação; afinal, você mesmo considerou digno de crédito aquilo que pude lhe contar. De modo que começo a lhe dizer historicamente de onde vieram às razões da minha descrença. O desapontamento contínuo em minhas tentativas de levar uma única análise a uma conclusão real, a debandada de pessoas que, por algum tempo, tinham estado aferradíssimas à análise, a falta de sucessos absolutos com que eu havia contado e a possibilidade de explicar a mim mesmo de outras formas os sucessos parciais, à maneira habitual – esse foi o primeiro grupo de motivos a constatar (FREUD, 1897/1996, p.309).

O que Freud quer mostrar através dessa confiança à Fliess (carta 69) é que ele descobre a falácia da sua teoria da sedução; ela é simplesmente inviável porque, não apenas não foi possível provar que todos pais tenham seduzido as suas filhas, como as suas pacientes começam a deixar o tratamento no momento em que se vislumbrava a possibilidade de ter acesso às cenas inconscientes e traumáticas que poderiam elucidar dados da teoria. Nas palavras de Freud:

Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de perverso – a percepção da inesperada frequência da histeria, com predomínio precisamente das mesmas condições em cada caso, muito embora, certamente, essas perversões tão generalizadas contra as crianças não sejam muito prováveis. A incidência da perversão teria que ser incomensuravelmente mais freqüente do que a histeria, porque, afinal, a doença só ocorre quando há um acúmulo de acontecimentos e um fator contributivo que enfraqueça a defesa (FREUD, 1897/1996, p. 190).

Em 03 de outubro de 1897 (carta 70), Freud escreve à Fliess: “Posso esclarecer que meu velho não desempenha nenhum papel ativo em meu caso, mas que sem dúvida fiz uma inferência sobre ele, por analogia, a partir de mim mesmo” (FREUD, 1897: 312). Na carta seguinte a essa, ele, finalmente, refere-se ao *Complexo de Édipo* e, nas fantasias edipianas, deposita a origem da histeria: “A fantasia sexual gira sempre em torno do tema dos pais” (FREUD, 1899/1996, p.123). Na verdade, a sedução traumática de que se queixam as históricas, cena que Freud tomou inicialmente, como um fato da realidade material, um trauma causado por um adulto, geralmente o pai, era fruto de uma fantasia, uma manifestação espontânea relativa a vida sexual infantil. A investida sexual de um adulto sobre uma criança indefesa, esse elemento bizarro da Teoria da Sedução foi então, substituído pela Teoria da Fantasia na etiologia da histeria.

Se é verdade que os históricos tiram os seus sintomas de traumatismos fictícios, o fato novo é exatamente que eles fantasiem essas cenas; portanto, é preciso levar em conta, ao lado da realidade prática, uma realidade psíquica. Logo descobrimos que essas fantasias serviam para dissimular a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância, para embelezá-los e transportá-los para um nível mais elevado. Então, por trás destas fantasias surgiu, em toda a sua vastidão, a vida sexual da criança (FREUD, 1914/1996, p. 275).

Segundo Monzani (1989) ao confessar seu descrédito em relação à teoria da sedução Freud estava fazendo um movimento que lhe permitiu adquirir três noções basilares através das quais vai articular o discurso psicanalítico a partir de então, ou seja, a noção de sexualidade infantil; o complexo desiderativo edipiano e o papel preponderante da fantasia na etiologia das neuroses.

A partir deste instante Freud deixa claro a sua concepção da estrutura do desejo, e sua relação com a fantasia: os conteúdos da sexualidade infantil funcionam como cenário para o aparecimento do sintoma e da fantasia. Assim, voltemos à teoria do trauma para entender o papel desse desejo infantil como provocador dos sintomas e das fantasias. O desejo aparece na consciência disfarçado de uma cena infantil aparentemente inócua, vencendo desta forma a resistência e a censura para encontrar uma forma indireta de expressão. Todavia, a cena originária permanece no inconsciente produzindo desprazer. A clínica demonstrou que, através das associações, era não somente possível encontrar a cena originária, como essa cena se referia a fantasias sexuais

ligadas às primeiras relações amorosas de todo sujeito, seus pais: aparecia, então, a estrutura desiderativa descrita no texto freudiano, o complexo de Édipo, a tríade mãe-filho-pai.

No que tange à teoria da fantasia infantil, o importante é destacar a conexão entre fantasia e complexo edipiano, ou seja, tentar compreender como a criança passa de seduzida, no cenário da relação com a mãe - a primeira sedutora - ao desejo de ser seduzida, manifestada por suas fantasias em relação a figura paterna. A sedução como fantasia é a camuflagem ideal do *Complexo de Édipo*. Em 1899, através da análise dos sonhos, Freud já procura estabelecer esta relação entre os dois conceitos: fantasia e complexo edipiano.

Em minha experiência, que já é extensa, o papel principal nas vidas mentais de todas as crianças que, posteriormente, se tornam psiconeuróticas, é desempenhado por seus pais. Estar apaixonado por um dos progenitores e odiar o outro é um dos constituintes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam naquela época e que é de tal importância no determinar os sintomas da neurose posterior. Não acredito, todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente nesse sentido de outros seres humanos que permanecem normais. (FREUD, 1899/1996, p. 278).

O tema da fantasia, agora inserido em um novo contexto, evidencia uma nova compreensão sobre a estrutura do desejo, embora Freud somente identifique e estruture de forma mais completa a erotização da primeira relação afetiva de um ser humano – o vínculo mamãe-bebê – em 1905 nos *Três Ensaio sobre a Teoria da sexualidade*.

Mas o que esta nova ordenação no conceito da fantasia nos permite perceber nas histórias de amor contadas pelas históricas? E qual a relação que podemos inferir entre o romance *Os sofrimentos do Jovem Werther* e os romances históricos, pelo menos no que diz respeito ao motivo que fez Freud aproximar estas duas fantasias, a clínica e a romanesca?

Assim, nos *Estudos sobre a histeria* Freud nos aponta que a histórica busca o seu amor em fantasia. Alucinando e sintomatizando seus afetos, revela sua impossibilidade em satisfazê-los. O sintoma aparece no lugar da interdição de uma relação amorosa e conta, no corpo histórico, a história desse amor proibido. Desta forma, tanto no caso de Lucy R., a governanta que padecia de rinite e sofria de amores por seu patrão, como no caso de Elizabeth Von R., a paciente que sofria de dores nas pernas e estava “apaixonada pelo cunhado”, encontramos histórias de amores frustrados e infelizes: “Essas aspirações

amorosas despertam afetos dolorosos porque constituem representações incompatíveis com o Eu moral” (LEJARRAGA, 2002, p. 50). Freud estabelece aí uma correspondência direta entre os sintomas histéricos e estes amores interditados. Por exemplo, ele teoriza sobre os sintomas de Elizabeth falando de sentimentos eróticos “inaceitáveis”:

Mais uma vez, foi um círculo de representações de natureza erótica que entrou em conflito com todas as suas representações morais, pois suas inclinações centralizaram-se no cunhado e, tanto durante a vida da irmã como depois da sua morte, a representação de ser atraída precisamente por esse homem lhe era totalmente inaceitável (FREUD, 1893/1996, p. 124).

Seja a diferença social e o amor a uma mulher prometida a outro, no caso de Werther; seja o desejo por uma mulher casada com um substituto paterno, na história de Tristão; seja a interdição moral do incesto no relato das histéricas, em todos esses casos da clínica psicanalítica ou da ficção vemos Interdições, proibições, obstáculos. Segundo Rougemont (2003) no romance de Tristão e Isolda, comentado anteriormente, há uma “dialética do obstáculo”. A mesma dialética pode ser vista em outras obras românticas, como as de Goethe, ou no relato das fantasias histéricas. Não seria no caráter de impotência e interdição que podemos perceber um dos ecos do romantismo em Freud? Não falamos aqui de amores interditados, tanto na psicanálise quanto no Romantismo? Afinal, a fantasia das histéricas sempre gira em torno do tema dos pais, o que significa, em última análise, que ela circula em torno de um desejo proibido vinculado às questões edípicas. Assim, neste “roteiro imaginário” que Freud batizou de fantasia o desejo incestuoso está como pano de fundo e mote para a narrativa dos dramas histéricos. Porventura, é de deparar-se com a barreira do incesto, que todos os relatos, românticos ou histéricos, abordados neste texto, extraem o seu caráter de impotência frente aos obstáculos?

Rougemont (2003) aborda este aspecto no pós-escrito do seu livro enciclopédico *História do Amor no Ocidente*, tratando da relação entre Paixão e incesto, título do capítulo. Aí ele expõe o triângulo formado por Tristão, Isolda e o rei Marcos, tio materno e pai simbólico de Tristão e dos celtas, apontando, de forma sintética, para alguns conceitos freudianos que se referem ao Complexo

de Édipo: incesto, rivalidade edípica, interdição e castração, como podemos conferir no seguinte fragmento:

Na medida em que a vingança do “pai” é a castração do filho [...] compreende-se que Tristão não possa amar (no sentido do *dürfen* alemão, ou permissão), a não ser quando o objeto de seu amor está longe [...] Essas contradições são ilustradas por todos os episódios do romance, elas fazem o romance: alternância de separações nostálgicas e reencontros extáticos, novas separações para evitar a falta social, mas também para recriar a situação cortês de *amor de longe* [...] Se Tristão decidisse ficar com Isolda, estaria violando o tabu cortês. Se deitasse com Isolda, esposa de Marcos, estaria violando o tabu do incesto e tudo desmoronaria – a ordem social – num deslumbrante êxtase. Mas ele respeita a ordem feudal, e não quer que tudo desmorone à sua volta (ROUGEMONT, 2003, p. 520).

Honigztein (1996) escreve um texto sobre a relação entre Freud e Goethe que, embora centrado em aspectos distintos dos que abordamos aqui, nos traz uma pista instigante sobre a presença subliminar do desejo incestuoso no romance de Goethe. Vejamos:

Goethe e Freud. Influências do primeiro sobre o segundo? Como? Freud teria tido o *insight* sobre atos falhos ao ler, em *Afinidades Eletivas*, o trecho em que *Charlotte* derrama tinta sobre uma carta que não deseja, mas é obrigada a escrever? Ou a compreensão da permanência da mãe como objeto desejado ao ler, em *Werther*, como este se apaixonou agudamente por Charlotte ao ver, num relance, que ela amassava o pão exatamente como a sua mãe? (HONIGSZTEJN, 1996, p.257).

Vemos no renomado especialista sobre o Romantismo, Praz, materializada a idéia de que “o incesto [é] um tema caro aos românticos” (PRAZ, 1996, p.114). É disso que se trata quando o romântico vê na natureza a figura da mãe, da morte e da mulher amada e aspira a união absoluta com ela. O que nos leva a perceber que, muito antes de Freud e das históricas, esse amor incestuoso já estava identificado, concebido, formalizado, enunciado e elaborado nos romances. A literatura romântica - assim como a grega, a exemplo do mito de Sófocles Édipo rei - já tematiza antes dos textos freudianos sobre a relação edípica, especialmente o vínculo mãe e filho. Segundo Gay (2000), no Romantismo, a sensualidade usava de dissimulações e estratégias para expressar seus desejos e a ligação erótica com a natureza era o representante mais popular: “no século vitoriano [...] esse amor transformou-se numa tática conspícua, tanto para evitar as

implicações da sensualidade quanto para intensificar seus prazeres[...] A natureza é a mulher amada...“(GAY, 2000, p.237).

O poeta e filósofo Ralph Waldo Emerson escreveu em um dos seus ensaios: “Nós nos aninhamos na natureza [...]. Não conseguimos nunca nos separar dela; o espírito ama seu velho lar: como água para a nossa sede, assim são as pedras, a terra, para os nossos olhos, nossas mãos e nossos pés” (apud GAY, ibid). A natureza simboliza o primeiro refúgio, o colo inesquecível, a encarnação do primeiro amor de todo sujeito: sua mãe.

Não é acidental que os literatos do século XIX registrassem seus sentimentos falando sobre jardins e cachoeiras: eles nasciam ouvindo dos pais e educadores largas analogias entre aspectos da vida sexual deles mesmos e das aves e flores. O Educador americano William A. Hoyt discorria sobre “O Amor à Natureza como Base do Ensino e do Aprendizado das Ciências” (GAY, 2000, p.238) e muitos outros autores buscam no reino animal e vegetal recursos para iluminarem suas teorias, poemas e prosa:

Que os burgueses do século XIX tenham extraído deleite sensual do seu amor à natureza é mais que uma inferência; ele se manifestava em metáforas, analogias, poemas [...]. Havia o “lindo” hino à natureza que, segundo Freud, fez com que ele escolhesse a medicina como carreira [...] Carlyle [...] situou as vicissitudes do amor no palco da natureza. Seu Teufelsdröckh vê “Blubine” [...] como uma força da natureza; [...] As palavras que ela lhe diz “caem sobre ele como o orvalho na relva sequiosa” [...] Até o fim orgástico a linguagem da natureza ajuda Carlyle a exprimir o inexprimível: “Ela lhe deu sua mão, olho-o no rosto, e lágrimas lhe vieram aos olhos; com uma audácia louca, ele a apertou contra o seu peito; seus lábios se uniram, e suas duas almas, como duas gotas de orvalho que se fundem – pela primeira, e pela última vez!” [...] Textos como esse, e outros semelhantes, demonstram a necessidade inesgotável, inconsciente, de encontrar o amor numa oceânica reunião regressiva com todos os objetos amados, e de encobrir os desejos eróticos com um vocabulário decente e contido. Inúmeros apaixonados da ficção do século XIX, tanto em versos como em histórias, pousaram a cabeça no colo da natureza, ouviram o canto de sereia de riachos ou contemplaram seu sofrimento amoroso em nuvens baixas e tempestuosas (GAY, 2000, p.239-240).

Assim, vemos nas referências de Werther à natureza, a encarnação voluptuosa do objeto amado:

- Meu amigo! Disse eu – O homem é sempre o homem; e o pouco a mais de discernimento que um homem possa ter mais que um outro, pouca influência pode ter quando a paixão explode e ultrapassa os limites humanos [...] Por que é que aquilo que faz a felicidade do homem acaba sendo também a fonte de suas desgraças? [...] O intenso sentimento do meu coração pela natureza, sentimento que tanto me deliciava, transformando em paraíso o mundo à minha volta,

tornou-se para mim um tormento intolerável, um espírito que me tortura e persegue por toda parte. [...] Em vão estendo os braços para ela, ao raiar do dia [...], procuro-a, inutilmente, se a inocente ilusão de um sonho feliz faz-me acreditar que estou sentado junto dela, na campina, cobrindo de beijos a sua mão! (GOETHE, 1774, p.51-54).

O desejo de retorno ao seio materno já havia sido teorizado por Freud, embora ele reconheça que esta fantasia, a mais primitiva de todas, é a mais difícil de ser acessada, talvez por isso tenha sido a última a ser, explicitamente, referida nos seus textos, aparecendo nas últimas conferências que tratam sobre a feminilidade:

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revificar – que era como se houvesse sucumbido a um recalque especialmente inexorável (FREUD, 1932/1996, p.260-261).

Para Martins (2002, p.36), essa ligação primeira “realiza em fantasia o ideal da completude, do reencontro com o paraíso perdido”. Para este autor a fantasia de retorno ao seio nos traz de volta ao desejo nostálgico dos românticos por uma completude vivenciada anteriormente, ao mesmo tempo em que não nega a presença do incesto como obstáculo, ainda que isto só fique evidente com o aparecimento do pai e da fantasia de castração, temas que serão debatidos mais adiante. Por hora, lembremos que este primeiro vínculo abole a incompletude, a falha, a intrusão de um terceiro: estamos na fase pré-edípica, quando o pai – o agente interditor – não exerceu sua função de romper com a fusão mãe e filho, transformando a díade no triângulo edípico. Não se trata, porém, de um momento marcado no tempo que, uma vez dissolvido, deixaria de provocar repercussões nos demais encontros afetivos. Longe disso, essa primeira relação permanece inexoravelmente marcando com um tom nostálgico os destinos afetivos do sujeito. Por isso, em 1929, Freud aponta que o corpo materno “é essa morada original cuja nostalgia persiste sempre, provavelmente, onde estávamos em segurança e onde nos sentíamos bem” (FREUD: 1929/1996, p.101), para em 1932 concluir: “parece que a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno” (FREUD, 1932/1996, p. 131). À primeira vista, poderíamos supor que Freud estivesse se referindo ao seio apenas para tratar do ato de mamar como uma satisfação de

uma necessidade biológica, e o leite - que sacia fome da criança - tomaria o papel de protagonista nesta cena. Mas será que para o filhote de homem a amamentação seria apenas uma forma de matar a fome como acontece com os filhotes de outras espécies?

Essa questão nos conduz aos *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade* de 1905, um dos textos freudianos que mais polêmicas provocou na sociedade da época. Mas, alguém poderia nos interrogar sobre o porquê de abordarmos um texto sobre sexualidade se estamos tratando de amor? A escolha se justifica: Freud ao longo deste texto, se refere indistintamente à sexualidade e ao amor. Aliás, essa indiferenciação fica evidente quando lembramos que ele utiliza a expressão híbrida “moções amorosas sexuais” para falar do sentimento amoroso. É nestas páginas que encontramos a idéia do amor como um “reencontro”, aspecto central do nosso trabalho que será amplamente desenvolvido no próximo capítulo quando estivermos retomando Édipo, reportando, naquela oportunidade, à sua relação com a fantasia de castração.

Até aqui apresentamos o que seja amor romântico, evidenciando alguns ecos desse ideário amoroso na letra freudiana, nosso propósito para esta primeira parte da nossa pesquisa. Procuramos seguir alguns passos: destacamos uma das suas características principais, a busca pela completude, que em última análise representa o desejo incestuoso de retornar ao vínculo mãe-bebê, ainda que este anelo apareça disfarçado de amor à natureza; indicamos nos amores interditos e proibidos das históricas, mais uma vez, a aparição do desejo incestuoso e apontamos aí um dos ecos do romantismo: o incesto como um obstáculo, e não somente como um desejo de completude. Apresentamos também a relação entre a fantasia de retorno ao seio e a imagem romântica do amor como uma busca nostálgica pela Unidade perdida. Nas páginas seguintes tentaremos relacionar estes dois conceitos com um terceiro: a idéia freudiana do amor como um reencontro. Imagem que encontramos de forma poética na letra de Paz: “O amor é a experiencia de regresso a origem, a esse lugar que não está no espaço e que é nossa pátria original. A pessoa amada é, ao mesmo tempo, terra incógnita e casa natal, a desconhecida e a reconhecida” (Paz, 1993, p.43).

CAPÍTULO 2

2. O TRIÂNGULO EDÍPICO: O NASCEDOURO DO AMOR

Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco – não sei qual – e eu sofri.
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.
Amei e odiei como toda gente,
Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,
E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.

(PESSOA, 2002, p.46 – Passagem das horas).

Vimos no primeiro capítulo que o passado é visto com saudade pelo homem romântico. A visão romântica é caracterizada por uma “experiência de perda: no real moderno, algo de precioso foi perdido, simultaneamente, ao nível do indivíduo e da humanidade Daí o sentimento [...] de nostalgia” (LÖWY e SAYRE apud LOUREIRO, 2002, p.131). É a partir desta nostalgia que os românticos se movem em direção ao passado, em busca da plenitude perdida. Nesse passado, idealizado sempre, e por vezes assumindo um desenho mitológico, habita, no imaginário do romantismo, a unidade perdida. Assim, o romântico se move regressivamente para “o mundo da infância, para a ‘autenticidade’ da vida rural, para as culturas ditas primitivas ou orientais (exotismo), para a antiguidade greco-romana, para o universo medieval, etc”. (ibid, p.132). A “plenitude perdida”, ansiosamente buscada pelos românticos, é a união de dois ideais: o ideal de unidade e totalidade representado, principalmente, pela união com a Natureza – que para alguns autores simboliza a mãe – ou com o Cosmo, ou ainda, com os homens. E a valorização da individualidade, isto é, a ênfase na singularidade do indivíduo enquanto diferenciação da massa.

Embora alguns autores acreditem que a principal marca do Romantismo é o culto ao individualismo, concordamos com Löwy e Sayre que “o paraíso perdido é sempre a plenitude do todo – humano e natural” (LÖWY e SAYRE apud LOUREIRO, 2002, p.132). Mas quando apresentamos a hipótese de que no texto freudiano o fenômeno amoroso possui um caráter de nostalgia do objeto, o que aproximaria suas concepções, até certo ponto, do Romantismo, ou quando afirmamos que o homem freudiano olha para o passado para falar

de amor, a que passado nos referimos? Qual o cenário da sua nostalgia? De que lugar o *homo psicanalítico* foi exilado e aspira retornar? Onde está a sua unidade perdida?

Vejam alguns encaminhamentos. Partamos de problemas desfocados, no afã de indicarmos com precisão os elementos que configuram nossa reflexão a propósito.

Freud é um saudosista que volta os seus olhos para os séculos passados ou para as civilizações primitivas, por acreditar que foram anos dourados, superiores aos vivenciados por ele em seu tempo? Ou, a psicanálise assegura que o homem *primitivo* viveu em uma terra farta, território do qual “emana leite e mel”, de vínculos sociais pacíficos e fraternos? Nada mais distante ao modo reflexivo de Freud. No texto de 1915, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, alguns *insights* sobre a instauração da história universal são propostas: “[...] descendemos de uma longuíssima série de gerações de assassinos que levaram o prazer de matar, talvez ainda como nós mesmos, no sangue” (FREUD, 1915:302) ou [...] “a História Universal não é mais do que uma série de assassinatos de povos...” (ibid, p.302). Em nada essas afirmações parecem atestar que Freud pense o “homem primitivo” vivendo em um paraíso perdido. Mesmo a fantasia corrente nos séculos XVIII e XIX, de que exista um lugar onde reine a paz entre todos os pares é tratada por Freud com um tom de ironia:

Dizem que em regiões muito felizes da terra, onde a Natureza oferece prodigamente tudo quanto o homem necessita para a sua subsistência, existem povos cuja vida transcorre pacificamente, entre os quais se desconhece a força e a agressão. Mal posso crer nisso, e gostaria de conhecer algo mais sobre esses seres ditosos (FREUD, 1932/1996, p.204/5).

Então, como podemos sustentar a hipótese de que Freud apresenta o vínculo amoroso como caracterizado por uma nostalgia do objeto perdido? Porque não nos referimos à nostalgia de uma idade de ouro, mas consideramos que esta nostalgia é centrada em um conceito, o Complexo de Édipo.

Quando nos propomos a um retorno ao passado infantil, pensamos o complexo de Édipo como o “lugar” que determina um anseio, uma continuada tentativa de se restabelecer uma primeira experiência de satisfação em um

movimento do psiquismo que se organiza em torno do desejo e da repetição, como veremos ao longo deste texto. O complexo de Édipo não é apenas um momento na fase libidinal do sujeito – embora Freud tenha creditado o seu apogeu e declínio à fase fálica – ele é muito mais que um fenômeno que ocorre em uma data específica. Como afirma Roza (1988), o complexo de Édipo permanece no inconsciente, norteando os processos psíquicos, porque, mais do que um conceito ele “é um complexo de idéias que, uma vez recalçadas, passa a funcionar, ao mesmo tempo, como o complexo nuclear de cada neurose e orientador da vida mental em geral” (ROZA, 1988, p.218), atuando vivamente, como uma fonte inesgotável que provoca efeitos, por exemplo, na arquitetura da sexualidade humana.

Assim, não estamos tratando aqui de uma volta a um passado cronológico, um momento vinculado a fases antecedentes e conseqüentes que o apagaríamos. Mas, ao contrário, nos referimos a um passado imaginário que se repete, se atualiza, se mantém em paralelo, atuando na constituição da subjetividade, e na formação dos vínculos afetivos – passados, presentes e futuros – de todo sujeito. Afinal, “o traço característico do passado psíquico é o de, contrariamente ao passado histórico, não ser apagado [...] ele se mantém paralelamente” (FREUD, 1913/1996, p.135).

A nossa desconfiança – a saber, que Freud pensa o fenômeno amoroso como algo da ordem de uma nostalgia do objeto perdido – tem como ponto de partida e de chegada o Édipo, núcleo central do processo de constituição do vínculo amoroso e de seus principais problemas e destinos afetivos, caracterizando o modo freudiano de pensar. É isso que nos propomos demonstrar aqui, partindo do primeiro vínculo com a mãe até o desfecho final com a entrada do pai, e a conseqüente transformação da díade inicial num triângulo.

Assim, se no capítulo anterior demos uma maior ênfase a um dos vértices do triângulo edípico, o vínculo mãe-filho, para falarmos do amor como um reencontro do objeto perdido, agora retornamos aos *três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, introduzindo a relação entre o mito de Sófocles Édipo rei e o complexo de Édipo.

Freud, às voltas com a descoberta do complexo de Édipo, e atento ao que, no mito, é representativo da história de todos os homens comenta:

Se Édipo Rei é capaz de comover um moderno leitor ou freqüentador de teatro não menos poderosamente do que comoveu os gregos [...], a única explicação possível é que o efeito da tragédia grega não depende do conflito entre o destino e a vontade humana, mas da natureza peculiar da matéria, através da qual esse conflito se revela. Deve existir uma voz, dentro de nós, que está preparada para reconhecer o poder coagente do destino no Édipo – Rei [...] Seu destino comove-nos, somente, porque poderia ter sido o nosso, porque o oráculo fez cair sobre nós, antes do nosso nascimento, a própria maldição que sobre ele tombara. Pode ser que estivéssemos todos destinados a dirigir nossos primeiros impulsos sexuais para nossa mãe, e nossos primeiros impulsos de ódio e resistência para o nosso pai; nossos sonhos nos convencem de que estávamos. O Rei Édipo, que assassinou seu pai Laio e desposou sua mãe Jocasta, é nem mais nem menos do que um desejo-efetivação: a efetivação do desejo de nossa infância. [...] À medida que o poeta vem trazendo a culpa de Édipo para a luz, por meio de sua investigação, forçamos a ganhar consciência de nossos próprios íntimos, nos quais os mesmos impulsos estão ainda latentes, embora se encontrem suprimidos [...] Como Édipo, vivemos na ignorância dos desejos que ofendem a moralidade, desejos que a natureza nos impôs e, depois de desvendados, talvez preferamos desviar nossos olhares das cenas de nossa infância. (FREUD, 1899/1996, p.308).

Se para Freud na peça grega o destino de Édipo rei “comove-nos [...] porque poderia ter sido o nosso” então nos cabe questionar o que Freud encontrou – na letra de Sófocles – que pode ser tomado como metáfora do nosso próprio destino. Afinal, por que Freud usou o mito de Sófocles como paradigma simbólico para teorizar sobre o complexo de Édipo? Vejamos, então, o que nos diz a tragédia grega e o que, deste relato, Freud destacou nas suas elaborações acerca do triângulo edípico.

2.1 ÈDIPO: DO MITO AO COMPLEXO – O AMOR EM TEMPOS PRIMITIVOS

No século XIX, cabia a qualquer homem considerado educado o conhecimento da mitologia grega. É isso que nos informam alguns estudiosos da formação cultural de Freud, a exemplo de Mezan (1996), Perestrello (1996); Gay (2000).

Segundo Green (1982, p. 64), justifica-se a atração da psicanálise pela cultura grega, e pelo mito criado por Sófocles, pois em nenhum outro período da história os homens demonstraram com mais clareza, através das projeções divinas, as investidas concretas do desejo: as paixões avassaladoras, os conflitos entre os deveres do coração e os da lei, traições, ciúmes, inimizades, feridas e decepções pelo amor ou amizade perdidas. E, especificamente, “o mito de Édipo – rei [...] tem um valor paradigmático privilegiado, pois seu tema

central gira ao redor das relações entre os progenitores ou das relações entre os progenitores e seus filhos”. Poderíamos dizer que a nossa escolha por abordar o Complexo de Édipo num mestrado temático em família, também se justifica pelas mesmas razões apontadas por Green. Mas, o que é fundamental neste trecho do nosso percurso, é entender porque Freud utilizou o mito como metáfora para o complexo.

Assim, vejamos o que nos diz o mito de Sófocles para, como recomenda Mullahy (1969), chegarmos “a uma compreensão mais profunda – e talvez diferente – do complexo de Édipo” (ibid, p.16).

Édipo-Rei, a tragédia imortal de Sófocles, escrita em 441 a.C. conta a história de duas famílias nucleares: a família composta por Édipo e seus pais biológicos, Laio e Jocasta, soberanos de Tebas, e uma outra composta pelo nosso herói tebano e seus pais adotivos: Mérope e Políbio, que o criaram até a fase adulta.

Édipo nasce sob o signo de uma maldição que fora lançada a seu pai biológico, Laio, pelo rei Pélope. Laio foi condenado por ter sido a ele imputada a responsabilidade pelo suicídio do filho de Pélope, Crísipo. A história conta que Laio e Crísipo eram amantes e Pélope se interpôs a esse romance. O resultado é que, como vingança à morte do filho, Pélope destina a Laio, ou melhor, ao filho de Laio, a maldição de matar o pai e casar-se com a própria mãe. Assim, apesar de todos os cuidados para não procriar, da união de Laio e Jocasta, nasce Édipo. Resultado previsível: seus pais resolvem eliminá-lo.

Todavia, incapaz de assassinar o filho com suas próprias mãos Jocasta opta por entregar a criança a um pastor, na expectativa de que ele, como súdito do seu reino, cumprisse as suas ordens.

Novamente Édipo é poupado da morte. O pastor ao invés de matá-lo, pessoalmente, prefere furar-lhe os pés e amarrá-lo a uma árvore, esperando que as aves de rapina consumassem enfim o infanticídio.

Um pastor de Corinto, cidade próxima, apiedou-se daquele bebê amarrado pelos pés e resolveu salvá-lo de um fim tão cruel. A partir deste momento, Édipo foi entregue a seus pais adotivos, Mérope e Políbio, reis de Corinto. Estes o criaram como filho legítimo e nunca lhe contaram sobre a sua origem. Édipo cresceu amado e protegido, e até a fase adulta não há relato de nada de especial que perturbasse a paz da sua vida. Mas as coisas mudam.

Assim, em plena mocidade, Édipo ouviu de um convidado bêbado em um jantar, a verdade sobre o seu nascimento: não era filho legítimo dos monarcas de Corinto. Perturbado com estas palavras, dirige-se a um oráculo e dele escuta uma terrível profecia: cometeria parricídio e incesto e, de seu matrimônio com a mãe, lhe nasceria uma prole maldita.

Tentando fugir ao seu destino, o herói Tebano empreende uma viagem para longe de Corinto. Na sua caminhada briga e mata um velho numa encruzilhada. Sem o saber começava a cumprir o seu destino: o velho morto, era Laio, seu pai biológico.

Continuando sua viagem, aproximou-se de Tebas e antes de entrar nos portões da cidade soube da existência de um temível monstro, a Esfinge, que destruía todo aquele que não conseguisse decifrar os seus enigmas. Creonte, o irmão de Jocasta e sucessor de Laio, havia prometido a coroa e a mão da rainha de Tebas a quem destruísse a Esfinge. Édipo enfrentou a Esfinge e conseguindo decifrar a charada proposta: “Qual é o animal que, pela manhã, anda com quatro pés, ao meio-dia com dois e, pela tarde, com três pés?” Afirmando que o homem é a resposta – pois, na infância anda de quatro, na maturidade sobre os dois pés, e, na velhice apóia-se sobre um bastão – ele vence o monstro e recebe o prêmio: a coroa de Tebas e a mão da rainha.

Édipo casa com Jocasta e tem com ela quatro filhos. Durante anos, seu reinado foi tranqüilo, até que uma peste devastadora assola o país. Consultando o oráculo ele descobre a causa da epidemia: a morte de Laio não foi vingada pelos tebanos. Assim, visando descobrir o assassino de Laio – para vingá-lo e por fim à peste – descobre, horrorizado, que ele é o culpado. Cumriu-se à profecia: ele se reconhece como parricida e incestuoso. Neste momento, Édipo depara-se com a verdade sobre si mesmo. Implica-se nos seus atos, reconhece-se sujeito do seu destino e do seu desejo e, não apenas, assujeitado a ele: “És tu o assassino que procuras”, o dito do adivinho Tirésias serve-lhe como um espelho. Nas palavras do cego vidente, ele vê a si mesmo.

Na última cena desta tragédia vemos Jocasta enforcada, e Édipo, cegando-se com as agulhas que enfeitavam o seu manto. Em busca da verdade, Édipo enfrenta o seu destino: descobre a si mesmo como parricida e incestuoso, e pune – se pela culpa. Não escapa das suas desventuras, mas como contraponto a tantos infortúnios consagra-se rei, e cumpre o que

prometeu. Engendra uma história passional, marcada por desejo, ódio, amor e culpa, moldes literários que permitirão à Freud postular a história do inconsciente de todo sujeito.

O esforço freudiano em utilizar o mito em paralelo com o complexo, visa principalmente explicitar a estrutura da constituição dos seres humanos, o ordenamento da sua configuração psíquica e relacional, a partir dos modelos de organização familiar. Ao tentar compreender a intensa relação de apego entre a criança e o genitor do sexo oposto, assim como o ciúme contra o genitor do mesmo sexo, Freud encontrou a explicação para os desejos incestuosos dos filhos em relação a seus pais no mito do herói tebano que assassinou o seu pai e deitou-se com sua mãe, sem nenhum conhecimento de que estava cometendo o incesto e o parricídio. O mito de Sófocles foi tomado por Freud como uma espécie de exemplo, ou testemunho de sua tese de que impulsos incestuosos poderiam ser encontrados no íntimo de cada criança. Desta forma, o complexo leva o nome do herói da tragédia grega que, dramaticamente, encenou as moções inconscientes de amor, desejo, ciúme e rivalidade presentes nas relações familiares: o Complexo de Édipo.

Cabe aqui uma advertência a quem supõe que Freud teria feito uma acurada análise do mito de Sófocles, levando em conta cada elemento que o estrutura. Longe disso, Freud não é um mitólogo, mas um psicanalista; do mito retirou apenas aquilo que servia a seus propósitos. Repetimos a mesma resposta que ele deu aos que o criticaram a respeito da sua interpretação do *Totem e Tabu*: “não me considero etnógrafo [nem mitólogo], mas psicanalista, e tinha todo o direito de extrair dos dados etnográficos [ou mitológicos] aquilo de que tinha necessidade para meu trabalho psicanalítico” (FREUD, 1938/1996, p.145). E o que Freud isolou do mito? Para Kaufmann (1996), da peça de Sófocles, Freud extraiu dois elementos, a saber, o parricídio e o incesto – os dois crimes cometidos por Édipo como fruto de um destino que atuou a sua revelia – e o desejo de descobrir a verdade que o transformou no investigado – investigador de sua própria sorte (ibid, p.135). Apesar do que postula Kaufmann, há quem advogue que há outros elementos igualmente importantes no mito que também foram observados na letra freudiana. Todavia, não entraremos no mérito dessa questão, pois, para o nosso propósito neste texto o parricídio e o incesto já são dados suficientes.

Agora vejamos com mais vagar o que é próprio da interpretação freudiana da peça grega alçada a posição de metáfora do complexo desiderativo edípiano.

Freud teorizou sobre o complexo de Édipo inicialmente sob sua forma positiva, ou seja, o menino entre os três e cinco anos deseja sexualmente sua mãe e, por conseqüência, odeia a seu pai que lhe barra o caminho do amor incestuoso. Posteriormente percebeu sua forma negativa: Édipo invertido ou Édipo feminino: o desejo erótico pelo pai e o ódio ciumento à mãe. Por fim, chegou à definição completa do complexo de Édipo: o conjunto dos vínculos que a criança constrói com seus pais e que são, na sua maior parte, formado por afetos e representações inconscientes entre os dois pólos nas suas formas positiva e negativa.

Aqui desenvolveremos apenas o complexo de Édipo na sua forma positiva, a que Freud relacionou a tragédia de Édipo rei: o desejo sexual pela mãe e o ódio parricida pelo pai rival. Não apenas porque este formato constitui material suficiente para abordarmos a lógica do amor, mas porque “é em torno do modelo masculino que Freud elabora sua teoria da sexualidade e do devir humanos”. (KAUFMANN, 1996, p.135). O complexo de Édipo na “visão positiva” e sob uma ótica masculina, pois foi assim que Freud primeiro o descreveu. Encontramos em Freud a direção da nossa escolha.

Não pretendemos falar das vicissitudes edípicas na mulher, pois não será necessário e nem pertinente aos objetivos que nos propomos aqui. Afinal, pesquisamos, estritamente, a lógica do vínculo amoroso sem pretendemos distinguir uma forma de amar masculina de uma feminina; distinção que não nos parece evidente, e nem clara no texto freudiano. Assim como não é nosso intuito – pelo menos nesse trabalho – falar sobre a constituição da feminilidade ou apontar para questões de gênero².

² Sabemos que para algumas feministas Freud é considerado “um macho chauvinista, cuja propaganda pretensamente científica carrega a responsabilidade de ter condenado toda uma geração de mulheres emancipadas à passividade do segundo sexo” (MITCHEL, 1979, p.317) Conhecemos algumas dessas críticas direcionadas a pilares do edifício teórico da psicanálise como, por exemplo, a noção de inconsciente, e a importância dada a sexualidade infantil – elemento crucial às nossas teorizações sobre o amor. Todavia, por delimitações metodológicas, e para atermo-nos aos objetivos aqui propostos, não iremos discutir a pertinência ou impertinência dessas idéias. Mesmo porque, como afirma Mitchel (ibid, p.315), muitas críticas são, por desconhecimento, feitas a elementos que não pertencem a teoria freudiana, mas a alterações feitas por correntes tardias da psicanálise, “o que não invalida

Para Laplanche (1985), O triângulo familiar edipiano surge muito cedo na vida de uma criança, onde parecia só haver a mãe e o filho, o pai já se encontrava presente de uma forma ou de outra:

É justamente o fato de que, desde as primeiras relações – sejam elas relações ‘duais’, apenas com a mãe, o pai estando ausente – na realidade, ele o é quase totalmente, como personagem real, para o bebê [...] Nesse sentido, o pai está, de imediato, presente, mesmo que a mãe seja viúva: está presente porque a própria mãe teve um pai, porque ela mesma visa um pênis; e, também sabemos, porque a mãe visa no seu próprio filho e para além dele ao pênis que ela deseja (LAPLANCHE, 1985, p.52).

Esta é uma situação irreduzível, a fantasia que envolve a relação triangular – pai, mãe, filho – como assinala o trecho citado, representa um acontecimento estruturante na vida de todo sujeito, a entrada da criança no universo desiderativo do enredo familiar, e no mundo da cultura. E o molde dessa família nuclear, em termos dos paradigmas freudianos, corresponde à estrutura psíquica que pilota o devir humano: O complexo de Édipo, a triangulação primordial que vincula o sujeito a seus pais através de sentimentos afetuosos e hostis. Conforme afirma Green (1969, p.331), “Há complexo de Édipo desde que existiu uma família. Haverá complexo de Édipo enquanto houver uma família”.

O bebê, desamparado e insatisfeito, necessita de outro para atender as suas necessidades vitais. Nesse cenário de total dependência a criança encontra a dupla parental, seus pais, vértices do complexo familiar edípico. Cada um deles torna-se o sustentáculo, sobre os quais o infante constrói seus primeiros registros de memória, fantasias e desejos; a matriz de todos os seus investimentos libidinais; o ponto de origem para o qual o sujeito se volta em busca de satisfação, e amor.

No texto de 1909 – *Cinco lições de Psicanálise* – vemos Freud retomar, com detalhes, o que ele chamou de escolha objetal. O Complexo de Édipo volta à cena como uma metáfora para o alinhamento do desejo, tensionado entre dois objetos: mãe e pai.

essas críticas; apenas significa que o Freud que [algumas] feministas herdaram está bem afastado do original. [Repudiam] um Freud que não é Freud” (ibid).

A primitiva escolha de objeto feita pela criança é dependente de sua necessidade de amparo exige-nos ainda toda a atenção. Essa escolha dirige-se primeiro a todas as pessoas que lidam com a criança e logo depois especialmente aos genitores. A relação entre a criança e seus pais não é, como a observação direta do menino e posteriormente o exame psicanalítico do adulto concordemente demonstram, absolutamente livre de elementos de excitação sexual. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. Em geral o incitamento vem dos próprios pais, cuja ternura possui o mais nítido caráter de atividade sexual, embora inibido em suas finalidades (FREUD, 1909/1996, p. 57/8).

Na psicanálise freudiana o desejo incestuoso pela mãe é um dos pólos da constituição da subjetividade da criança. É a partir desta relação desiderativa de início, que configura um estado de prazer fusional marcado pela primeira vivência de satisfação (a criança sugando o peito da mãe), que o indivíduo inaugura as primeiras zonas erógenas no seu corpo, o que para a reflexão psicanalítica, marca a própria estruturação do desejo.

Nos cânones freudianos, o desejo é imperativo e egoísta, busca a satisfação ignorando impedimentos de qualquer sorte. É como interditor e bússola para estes impulsos egoístas que surge o pai. Se a mãe representa o objeto sobre o qual se realiza o desejo e o prazer, cabe ao pai direcionar esta procura por objetos fora do corpo da mãe, separando a díade mãe/filho. Momento em que, segundo a letra de Freud, aponta para a dissolução do complexo de Édipo e a internalização da Lei paterna.

Mas para entendermos como Freud concebe a dissolução do complexo de Édipo, precisamos trazer a tona alguns elementos: a fase fálica, o complexo de castração e a figura paterna. Vejamos como podemos relacioná-los, tomando como de partida a definição do complexo de castração:

Complexo de castração: complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especificamente, com a função interditoria e normativa. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p.73).

Dessa definição surgem de imediato duas perguntas: como o menino chega à conclusão de que o pênis da menina foi amputado, e por que supõe que o mesmo irá lhe acontecer?

Essas questões nos levam em direção a fase fálica do desenvolvimento sexual infantil, é aí durante os três a cinco anos de idade, que o Édipo tem o seu apogeu e declínio em virtude da ameaça da castração, segundo nos diz o texto freudiano. Podemos perceber nessa fase duas etapas marcadas pelas teorias sexuais infantis arquitetadas em cada uma delas. Na primeira etapa o menino acredita que só existe um sexo: o masculino. Todos os sujeitos possuem pênis. No segundo momento, ele descobre a falta de pênis nas meninas e conclui: se ela perdeu, eu também posso perder. O menino permanece acreditando que todas as criaturas possuem pênis, mas constata que ele pode ser perdido. Daí surge o medo de também perder o seu objeto fálico.

Quando o interesse da criança (do sexo masculino) se volta para os seus órgãos genitais, ela revela o fato manipulando-os freqüentemente, e então descobre que os adultos não aprovam esse comportamento. [Estes] pronunciam uma ameaça de que essa parte dele [...] lhe será tirada. Geralmente, é de mulheres que emana a ameaça; com muita freqüência, elas buscam reforçar sua autoridade por uma referência ao pai ou ao médico [mas essa ameaça só é tomada como possível quando] a criança, que tanto orgulho tem da posse do pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado. (FREUD, 1924/1996, p.194).

Se nos parece compreensível que o menino possa imaginar-se castrado ao ver a genitália feminina, por outro lado não parece evidente quem seja o autor da castração e o que ele castra. Isto é, saber quem interdita a masturbação, ameaçando com a castração, é uma coisa, e saber o que está sendo proibido, é algo diferente.

Vamos à primeira parte da nossa questão: quem interdita? Ora, vimos que a ameaça de castração é proferida por mulheres. Não seriam elas, então, as representantes da Lei? Nossa conclusão é apressada, embora Freud coloque que a ameaça vem das mulheres, é o “Pai” ou o “médico” que confere força de Lei a essa ameaça. É o pai quem interdita. A mulher aqui está como representante, a porta-voz da autoridade paterna. Segundo Laplanche (1988,

p.65), embora muitos possam ver nessa passagem um exemplo do “androcentrismo ou paternalismo” de Freud, um reflexo do modo de pensar da sua época, o importante é salientar que é ao famoso mito da horda primitiva, descrito no texto *Totem e Tabu*, de 1912, que Freud se refere nesse caso: o mito de um pai originário, que guarda para seu uso sexual todas as mulheres e notadamente as mães, ou a mãe, sob a ameaça de castrar, ou castrando efetivamente, os filhos. Resultado: os filhos cometem o parricídio, mas este pai morto torna-se a garantia da lei que interdita o incesto: o parricídio edifica os laços sociais, estruturados e mantidos sob a égide das interdições e renúncias pulsionais, assim como sobre a culpa pelo assassinato. Desta forma, na ameaça de castração encontramos presentificada a função da Lei, ou a função paterna, que interdita o incesto, e institui a ordem humana. Mas deixemos *Totem e Tabu*, pois não é nosso objetivo analisar esta obra, e sim problematizar, neste momento do nosso texto, sobre a castração. Assim, passemos a segunda parte da nossa questão: o que está sendo interditado quando as mulheres ameaçam a criança que está se masturbando? É sobre a masturbação que essa interdição recai? Se essa fosse a nossa resposta, seríamos considerados tão míopes quanto essas mulheres que cuidavam do menino, conforme citação em que Freud nos adverte:

Não devemos ser tão míopes quanto a pessoa encarregada da criança, que a ameaça com a castração, e não devemos desprezar o fato de que, nessa época, a masturbação de modo algum representa a totalidade de sua vida sexual. Como pode ser claramente demonstrado, ela está na atitude edipiana para com os pais; sua masturbação constitui apenas uma descarga genital da excitação sexual pertinente ao complexo, e, durante todos os seus anos posteriores, deverá sua importância a esse relacionamento (FREUD, 1924/1996, p.196).

Ou seja, a criança relaciona a ameaça de castração com o complexo de Édipo. Não esqueçamos que no romance edipiano a criança quer a mãe, que é propriedade do pai, e deseja eliminá-lo através do parricídio. Assim, inconscientemente teme a retaliação daquele que, no seu inconsciente, funciona como o Pai do mito da horda primitiva: o portador da Lei, o rival poderoso que pode castrá-lo. É a possibilidade de perder o pênis – seu artefato mais precioso – que, segundo Freud, faz o menino renunciar a paixão avassaladora que o fez desejar a mãe e querer assassinar o pai. O Temor da

castração é a foice que põe fim ao complexo de Édipo. A criança salva o seu pênis em troca de desistir do seu grande amor, a mãe. Submete-se à gramática social que lhe interdita o incesto e o parricídio e põe-se do lado do inimigo: identifica-se com o pai e a sua lei, ou a lei da cultura. Torna-se, com o passar dos anos, mais um cidadão cumpridor das prescrições culturais, sócio emérito da empresa humana. O Complexo de Édipo morre, mas deixa um herdeiro: o Superego, instância psíquica que guarda as interdições da cultura e da família.

Na letra freudiana encontramos uma descrição do momento em que os desejos incestuosos do pequeno infante encontram a interdição paterna e se direcionam à fase da latência, momento em que a criança se afasta dos interesses sexuais e empreende novas conquistas: a Lei do Pai internalizada com temor da castração é a mola mestra que impulsiona o abandono da mãe às custas da salvação do próprio pênis – o fulcro de seu orgulho narcísico.

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis [em virtude da ameaça da castração impingida pelo pai como interdição aos seus desejos incestuosos], está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte do corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. [Como resultado desse conflito] as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai [...] é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal [...]. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança (FREUD, 1924/1996, p.196).

O período de latência é o solo onde vicejam outros objetivos e objetos de ordem não sexualizada. A criança gira em torno da assunção dos limites à descoberta de que seus anseios incestuosos são “sem esperança”. Aos poucos compreende que aliada à descoberta da diferença sexual, da impossível completude com a mãe e do convívio com as regras educacionais dos adultos, toda a trama dos acontecimentos aponta para o declínio do Complexo de Édipo e sua ultrapassagem – nos casos bem sucedidos. Daí em diante, os limites servem como escoadouros que conduzem a pulsão e a deságuam numa etapa posterior: a etapa da sexualidade adulta (objetal) com o reconhecimento dos dois órgãos sexuais e não apenas um - o masculino - como na fase fálica.

A metáfora edipiana na estrutura do complexo familiar foi descrita até aqui levando em consideração estritamente o percurso formalizado por Freud em sua interpretação do mito alçado à posição de paradigma simbólico dos

desejos incestuosos e parricidas que agitam o inconsciente de todo sujeito. No entanto, suas colocações suscitaram inúmeras críticas. Vejamos.

Roudinesco (2003, p.62/3), por exemplo, considera que Freud fez “uma torção à peça de Sófocles” para validar sua tese de que Édipo assassina o seu genitor para consumir o incesto com a mãe. Ora, em Sófocles, o incesto não é consequência de uma rivalidade com o pai, mesmo porque Édipo não conhecia Jocasta – apesar desta ser sua mãe biológica – para poder desejá-la. E, na tragédia, o assassinato antecede o incesto, e não ao contrário. Como afirma Roudinesco, “Freud para fazer o herói entrar no complexo, imaginou uma interpretação assombrosa do encadeamento dos acontecimentos e das figuras do mito” (Idem, p.63).

Na verdade para as teorizações freudianas sobre o mito, ganha relevo um elemento: a história de um filho culpado por desejar a mãe e querer matar o pai. Independentemente da perspectiva do poeta grego, Freud delineou sua cena familiar de desejo incestuoso e parricídio, batizando-o de Complexo de Édipo, o romance familiar inconsciente, por razões metapsicológicas que antecipamos aqui, a saber:

- a) a escolha de objeto: a triangulação edipiana está na base das escolhas amorosas: “encontrar um objeto, é reencontrá-lo”. Nas escolhas amorosas da puberdade ficou patente a remissão à infância (FREUD, 1905/1996, p. 178);
- b) a repetição no amor ligada à vivência de satisfação e ao desejo: Freud constata que o enamoramento possui um aspecto compulsivo. O desejo ficou indelévelmente marcado pela vivência de satisfação e pelo objeto deste momento, a coisa – mãe, e procura tanto repetição da satisfação quanto reencontrar o objeto que a proporcionou: a repetição está no centro da lógica freudiana do amor;
- c) a teoria da memória: A ordenação psíquica demonstra que o ser humano move-se, através dos caminhos da memória marcados pela facilitação, em direção ao pretérito infantil, a experiência de satisfação, e a coisa- mãe deste instante;
- d) a Castração: Os mandamentos do complexo de Édipo: não dormirás com a tua mãe, não matarás teu pai possui, como força que dá vigor a

lei do pai, a ameaça de castração. A castração aponta para o Édipo, na medida em que a ameaça de amputação do pênis é sentida, pelo menino, como uma proibição aos seus desejos de incesto e parricídio pertinentes ao complexo edípico;

e) a dissolução do Édipo: em virtude da ameaça da castração, a criança renuncia a mãe para preservar o seu pênis, mas sua libido permanece fixada neste primeiro amor que procurará reencontrar, “sem sucesso”, em cada novo objeto;

f) nas condições de escolha amorosa adulta encontramos a preferência pela mulher comprometida como uma repetição do desejo incestuoso pela mãe, tendo o pai como o terceiro prejudicado;

g) O Édipo pode ser tomado como o cenário nostálgico do vínculo amoroso: o desejo, a memória, a repetição, a escolha objetual e, por fim, a castração, a trama desses conceitos aponta para uma fatalidade interior: todos os caminhos conduzem para a pré-história infantil, o Édipo.

Esse balanço provisório, e, quase didático, do caminho teórico desenvolvido, aponta para o arsenal freudiano que justifica a lógica do amor na versão psicanalítica: alvo das nossas discussões.

Mezan (1988), não tece considerações sobre a suposta inadequação da interpretação freudiana do mito ou a inadequação do seu uso na conceituação do complexo, como parece postular Roudinesco. Para este autor, Freud encontrou na narrativa de Sófocles a realização clara e sem subterfúgios daquilo que nos acomete a todos como seres humanos: os desejos inconscientes de incesto com a mãe e rivalidade em relação ao pai. Isto é, foi por perceber no mito a realização destes desejos inconscientes, que Freud o privilegiou como referência de sua reflexão acerca da constituição da subjetividade e da importância da configuração familiar edípica em seu acabamento.

Além disso, o mito de Édipo serve, segundo ele, a uma representação figurativa dos conflitos psíquicos básicos, assim como dos desejos e da determinação da subjetividade de uma criança a partir dos vínculos parentais. Isto porque, o herói tebano, assim como o sujeito da psicanálise, associa a busca da verdade - da sua própria verdade - como subordinada à

pesquisa das suas origens, condicionando e orientando esta pesquisa a partir da dimensão do desconhecimento. É a esta busca arqueológica por um passado sempre atualizado que a letra freudiana não cessa de nos remeter. Por outro lado, podemos considerar que a ida ao material da antiguidade, a peça de Sófocles, bem como a radicalização de que a memória balizadora da conduta humana é toda centrada na infância, apontam em Freud repercussões do romantismo. Lembremos que os românticos também se remetiam ao passado infantil e a antiguidade greco-romana em busca da unidade perdida, como o fez Freud freqüentemente em suas teorizações, ainda que destituindo esses tempos da atmosfera de idealização romântica: “A plenitude perdida pode ser buscada no mundo da infância, na ‘autenticidade’ da vida rural, nas culturas ditas primitivas ou orientais (exotismo), na Antiguidade greco-romana, no universo medieval” (LOUREIRO, 2002). Essa volta aos tempos primitivos confere a Freud, em certa medida, a aura de pensador do romantismo.

2.2. O AMOR COMO NOSTALGIA: DESEJO, SATISFAÇÃO E REPETIÇÃO NO PASSADO INFANTIL – O (RE) ENCONTRO DO OBJETO PERDIDO

O nosso objetivo nesse capítulo é entabular a discussão sobre a centralidade de Édipo na Teoria Freudiana a partir do conceito de sexualidade infantil, destacando no complexo de Édipo o estatuto de estruturador da experiência amorosa como um reencontro, e maquete diretora atemporal dos investimentos e vicissitudes amorosas de todo sujeito. Creditamos a concepção do vínculo amoroso como muito vizinha da nostalgia romântica, do amor como uma “busca pela unidade absoluta entre os amantes”, representada neste trabalho pelo anseio de retornar, ou melhor, reencontrar os vínculos incestuosos do cenário edipiano. Hipótese que cotejamos até aqui a partir de leituras sistemáticas da obra de Freud, a saber: a) A remissão de Freud aos *Sofrimentos do Jovem Werther* no *manuscrito N* (1897); b) A arrolagem das *cartas a Fliess*, cartas que atestam para o momento de transição teórica de Freud: entre a decepção com a teoria da sedução e a descoberta da fantasia, ocorrida nos anos de 1895 a 1897, e dos *casos clínicos* – em especial, o caso Katharina (ocorrido provavelmente no intervalo entre 1892 e 1889, mas Freud não datou esse caso) -, relacionando a fantasia na literatura, a exemplo do

romance de Goethe, às fantasias histéricas no texto freudiano para encontrar aí, no cerne dessas histórias de amores interditados, a presença de um desejo incestuoso; c) O destaque da busca pela completude originária (LOUREIRO, 2002), ressonâncias do romantismo encontrada no anseio do “sujeito freudiano” por um reencontro com um amor do passado infantil, anelo detectado tanto nas fantasias e sintomas histéricos (1892 -1899) quanto nos desejos de incesto e parricídio surgidos nos sonhos das crianças e do próprio Freud (1899).

Esse alinhamento em torno da busca pelo objeto perdido nos permite formular: ambos os personagens, o da clínica psicanalítica e o da ficção olham para trás ao falarem de amor? Esse referencial comum é suficiente para postular um caldo de cultura que alimenta literatura e saberes, como aquele construído pela psicanálise?

Centraremos os nossos esforços na compreensão do momento em que Freud teoriza sobre o Complexo de Édipo, o triângulo amoroso estruturante do funcionamento psíquico. Esse tema é recorrente em toda a escrita freudiana: já vinha sendo delineado desde os casos clínicos, mas aparece com mais clareza em torno de uma crise pessoal e teórica vivenciada por Freud entre 1897 a 1899, que contou com uma série de episódios marcantes para a sua pesquisa e sua vida: a decepção com a sua Teoria da Sedução, que contava com o assédio paterno como responsável pelas perturbações das histéricas; a morte de seu pai em 1896, o que o leva a começar sua auto-análise; a relação transferencial com Fliess, a quem expõe muitas das suas idéias e hipóteses. Assim, na carta a Fliess, de 1897, é o próprio Freud que revela um elemento novo acerca da pesquisa sobre a sexualidade infantil:

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, o apaixonamento pela mãe e ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas. [...] Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex [...] a lenda grega capta uma compulsão que todos conhecem, pois cada um presente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual (FREUD, 1897/1996, p.358).

Confere-se na letra de Freud que a fantasia de sedução das histéricas nada mais era do que um desejo mascarado de união erótica com os genitores, ou seja, “a força avassaladora do *Oedipus Rex*”. Nas palavras de Laplanche e Pontalis (1998): “Freud reconheceu mais tarde que, com as fantasias de sedução tinha ‘pela primeira vez encontrado o complexo de Édipo...’. Da sedução da filha pelo pai ao seu amor edipiano pelo pai não havia efetivamente mais do que um passo”. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p.471).

Mas o que sustenta a nossa hipótese de que o complexo de Édipo, “um evento universal do início da infância”, foi transformado na matriz amorosa de todo sujeito? E, ainda, o que justifica centrar no Édipo a busca nostálgica pela unidade perdida, elemento marcadamente caracterizador do modo romântico de refletir? Como podemos entender este desejo ativo pelo passado? É o próprio Freud que nos oferece uma pista do itinerário que devemos empreender para encaminhar essa problematização: “As inúmeras peculiaridades da vida amorosa dos seres humanos, bem como o caráter compulsivo do próprio apaixonamento, só se tornam inteligíveis numa referência retrospectiva à infância e como efeitos residuais dela” (FREUD,1905/1996, p.105).

Desta forma, para entendermos o que justifica Édipo como centro da lógica freudiana sobre o amor, precisamos efetivar a remissão aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* pois, como assinala Roza (1988)” esse livro, que nos fala da pré-história da sexualidade, é que vai fornecer a Freud os elementos indispensáveis para a compreensão do Complexo de Édipo” (ROZA, 1988, p. 95). Ou seja, se Freud já vinha assinalando a presença de uma sexualidade infantil desde os seus primeiros trabalhos, é nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que ele descreve o que se passa com o pequeno *perverso polimorfo*, às voltas com seus desejos incestuosos e seus objetivos transgressores. Esse é propriamente o pretérito ao qual, segundo o freudismo, nos remetemos quando alucinamos, fantasiemos, sonhamos, deliramos, sintomatizamos, enfim, quando desejamos e amamos.

É no terceiro ensaio que Freud vai tratar, ainda que indiretamente, do complexo de Édipo, trazendo a idéia do amor como um reencontro – alvo do nosso interesse. Assim, destacaremos dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* apenas o último texto, pois não é nosso objetivo neste capítulo

fazer uma reconstituição de cada um dos três ensaios, mas pinçar nele elementos necessários à composição da lógica do vínculo amoroso para o freudismo.

Todavia, antes de começarmos a nos debruçar sobre o ensaio, duas noções são necessárias: a noção de libido e fase libidinal. É a partir do entrelaçamento dessas noções que compreenderemos melhor a relação objetal.

Começemos por definir algumas características do conceito freudiano de libido, destacando duas fases da organização da libido: a fase oral – essencial à nossa discussão sobre a relação de amor com a mãe, e a organização do desejo – e a fase fálica, etapa que, na letra freudiana, encontra-se assinalado o ápice e o declínio do Complexo de Édipo.

Freud concebe o aparelho psíquico como uma espécie da máquina responsável pela captura, armazenamento e transformação de elementos que lhe são externos, assim como o faz uma usina hidrelétrica ao transformar a água de um rio, produzindo eletricidade. A libido é a energia psíquica que torna possível, a pulsão sexual, o movimento mediante o qual o psiquismo investe nas representações dos objetos que privilegia.

Duas características no conceito de libido nos serão úteis nesse capítulo:

a) a libido é referendada apenas à pulsão sexual, não há nenhuma indicação, pelo menos em Freud, de que essa libido possa ser dessexualizada ou passe a funcionar independentemente da pulsão sexual;

b) Assim como a libido não traz com ela nenhuma determinação de gênero-não há uma diferença qualitativa que diferencie a libido do homem ou da mulher-também não porta nenhuma inscrição que determine a natureza do objeto que deve investir. A única referência que norteia o percurso da libido é a experiência primária de satisfação. Segundo Roza (2004, p.38) “o movimento da libido é o de repetir a experiência de satisfação, e, como esta foi inicialmente obtida através do seio materno, a direção desse movimento é a do encontro desse objeto, ou melhor, a de um reencontro”.

A noção de fase libinal indica não apenas as etapas da evolução da libido, mas a relação entre as zonas erógenas e o período do desenvolvimento infantil correspondente. A fase oral é considerada a primeira fase da evolução

sexual pré-genital. Aqui o prazer encontra-se associado à ingestão de alimentos e à excitação na zona oral.

Ocorre nesta fase a vivência de satisfação, experiência que fornece o protótipo da fixação do desejo num determinado objeto, preponderantemente o seio materno. Acontece que a criança procura repetir o prazer encontrado nessa primeira experiência de sugar o peito da mãe, agora divorciado tanto da função de nutrição quanto do objeto que saciaria a fome – o alimento. Este prazer, então, tende a ser renovado, mas não mais como uma satisfação de uma necessidade biológica, mas como algo da ordem de uma satisfação psíquica.

Os lábios da criança, ao nosso ver, comportam-se como uma zona erógena, e sem dúvida o estímulo do morno fluxo do leite é a causa da sensação de prazer. A satisfação da zona erógena se associa, no primeiro caso, à satisfação da necessidade de nutrição. De início, a atividade sexual se liga a funções que atendem à finalidade de autopreservação e não se torna independente delas senão mais tarde (FREUD, 1905/1996, p.165).

Ou seja, no início a pulsão sexual apóia-se sobre o instinto de nutrição, mas com o tempo ela se torna independente dos instintos e se satisfaz de forma auto-erótica. Desta forma, ao distinguir a pulsão, conceito limítrofe entre o psíquico e o somático, da satisfação de necessidades fisiológicas, Freud distingue também o objeto da função, o leite, do objeto da pulsão, o peito. É o peito – mãe que a pulsão busca reencontrar quando procura repetir a vivência de satisfação.

O fenômeno da pulsão tomado por Freud como relacionado, inicialmente, ao instinto de nutrição, introduz a noção de *apoio*: a pulsão sexual apóia-se numa função não sexual, ligada às necessidades vitais como, por exemplo, a nutrição. No dizer de Freud:

Nosso estudo do ato de sugar o dedo ou sugar sensual já nos deu as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Em sua origem ela se liga a uma das funções somáticas vitais, ainda não se tem objeto sexual e é, assim, auto – erótica; e seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena. Deve-se prever que estas características se aplicam igualmente à maioria das outras atividades dos instintos sexuais infantis (FREUD, 1905/1996, p.167).

O ato de sugar vivenciado durante a fase oral inaugura algumas funções psíquicas importantes: a) marca na memória a primeira experiência de satisfação, inaugurando a presença de zonas erógenas estimuladas pelo contato entre sua boca (da criança) e o peito; b) converte o registro de satisfação de uma necessidade no prazer autoerótico; c) transforma essa experiência com o adulto – a mãe – no protótipo de toda relação de amor: o encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele (FREUD, 1905/1996, p.178).

Se até aqui ficou evidenciado que as primeiras experiências amorosas de uma criança, na perspectiva psicanalítica, são vividas inicialmente na relação com a mãe, agora nos cabe questionar: quando e como essa díade primitiva se transforma no triângulo amoroso?

Para Freud o complexo de Édipo aparece na fase fálica, um momento da organização libidinal posterior as fases oral e anal. Na fase fálica já há um predomínio dos órgãos genitais, ainda que a criança só identifique apenas um órgão genital: o masculino. A relevância desta fase está no fato de que é nela que Freud precisa o apogeu e a dissolução do complexo de Édipo, pela ameaça da castração. No caso do menino, a fase fálica é marcada por um interesse narcísico pelo próprio pênis, e, por outro lado, a descoberta que na menina há uma ausência do pênis. Para a menina o reconhecimento dessa falta determina o surgimento da “inveja do pênis” e o ressentimento para com a mãe que a fez nascer tão “desprovida”, o que será compensado pelo desejo de ter um filho. Mas esta fase ainda não é a fase genital madura, porque, embora a fase fálica reconheça um órgão sexual: este se resume apenas ao masculino. A análise da sexualidade genital madura é desenvolvida por Freud no último dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Na *Metamorfose da Puberdade*, título do terceiro ensaio, vemos Freud preocupado em fazer uma espécie de revisão do autoerotismo infantil em torno da idéia do amor como um reencontro de um objeto de amor originário, a mãe. Neste ensaio, toda a análise recai sobre a sexualidade genital. As pulsões sexuais que encontravam satisfação através do auto – erotismo, agora encontram um objeto sexual como conseqüência da associação das pulsões parciais sob o domínio da zona genital.

No dizer de Freud:

Quando a primeira satisfação sexual estava ainda vinculada com a nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do próprio corpo: o seio materno. Somente mais tarde, a pulsão perde esse objeto, bem na época, talvez, em que a criança pode formar a representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dava satisfação. Depois a pulsão sexual se torna, regularmente, auto-erótica, e só após superado o período de latência que se restabelece a relação originária. Há, portanto, bons motivos para que o fato de uma criança sugar o seio da mãe se torne paradigmático para toda relação de amor. *O encontro de objeto é propriamente um reencontro* [grifo nosso] (FREUD, 1905/1996, p.178).

Esse parágrafo condensa várias idéias que, pela sua relevância e relação com a nossa investigação sobre o amor, tentaremos analisar detalhadamente. Vemos que Freud faz convergir para a figura materna vários aspectos superpostos e implicados no desenvolvimento libidinal. Assim, aparecem lado a lado a satisfação sexual e a satisfação nutritiva, o prazer auto-erótico e a relação objetual, a pulsão parcial e a representação global da pessoa e, por fim, a relação de amor e o reencontro do objeto. Freud parece traçar uma linha cronológica das fases libidinais do sujeito, destacando cada etapa que a criança percorre desde a primeira experiência de satisfação até o reencontro com o objeto na puberdade: o início e o término de um percurso que converge para a união, pode-se dizer metaforicamente, dos “amantes primitivos”: mãe e filho.

Mas por que sugar o seio da mãe seria o paradigma do amor?

Uma primeira resposta nos é apresentada por Lejarraga (2002). Para esta autora, podemos ver a imagem do bebê sendo amamentado por sua mãe a partir de dois pontos de vista: a doação amorosa da mãe, que demonstraria, na cena de amamentar, sua dedicação e investimento exclusivo no filho, ou pela ótica do bebê que mama que “obteria um prazer sexual oral, mas também satisfaria sua necessidade, e se sentiria cuidado, protegido e amado. Pensamos que Freud se refere mais a essa segunda perspectiva” (LEJARRAGA, 2002, p.55). Embora a segunda perspectiva não anule a importância do cuidado amoroso materno.

A autora avança sua análise ao frisar que quando Freud fala do sugar o seio da mãe como o modelo do que seja a experiência de amor, ele está declarando que o amor não é um movimento auto-erótico, mas algo que implica um outro objeto. Para ser “Amor”, é indispensável a relação com outra pessoa. Desta forma, o sugar o seio materno seria o paradigma do vínculo amoroso

porque, indo além da satisfação das necessidades vitais, constitui uma representação de uma relação de cuidado e proteção direcionada a um ser desamparado e frágil, o bebê, que o completaria e o afastaria do seu desamparo.

Todavia, alguém pode considerar que esta autora deixou escapar alguns elementos importantes, e nos advertir que Freud foi arbitrário ao colocar a amamentação como paradigma do amor. Afinal, porque o sugar o seio representa o modelo de amor, e não, por exemplo, a criança no colo do pai ou, simplesmente, abraçada com a mãe?

E, ainda, quando Freud afirma que “o encontro do objeto é um reencontro”, duas perguntas se impõem de imediato: se para Freud o futuro amoroso está para trás, para a infância - momento do surgimento do Édipo - porque este movimento retrospectivo é vinculado à imagem da amamentação? E, por outro lado, o que o impulsiona em direção ao passado amoroso infantil? O que justifica esta dinâmica conservadora?

Analisando com mais vagar o fragmento que selecionamos, vemos que Freud se refere a uma primeira satisfação sexual “ainda vinculada com a nutrição”, cujo objeto de satisfação se encontra “fora do próprio corpo, o seio materno”, idéia que já vínhamos introduzindo em parágrafos anteriores e que nos importa agora desenvolver. E aqui nos cabe perguntar sobre esta primeira vivência de satisfação: o que é este evento inaugural cuja marca de chegada é o mesmo ponto de partida, o (re)encontro com o objeto?

Para Laplanche e Pontalis (1998) a vivência de satisfação consiste:

No apaziguamento, no lactente, e graças a uma intervenção exterior, de uma tensão interna criada pela necessidade. A imagem do objeto satisfatório assume então um valor eletivo na constituição do desejo do sujeito. Ela poderá ser reinvestida na ausência do objeto real (satisfação alucinatória do desejo) e irá guiar sempre a busca ulterior do objeto satisfatório (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p. 530).

Mas o que isto explica sobre o movimento retrospectivo da libido, o que esta definição esclarece sobre a nostalgia que supomos guiar o vínculo amoroso? Ora, numa fase precoce nos deparamos com um bebê que chora, esperneia, grita, premido pela fome, tentando inutilmente afastar o estímulo causador da insatisfação. Todavia, seus esforços não logram êxito e este, em

vão, agita os braços, as pernas, convulsionando todo o corpo. Por quê? Freud nos fala de um “estado de desamparo” original do ser humano. O que significa dizer que nascemos frágeis e despreparados para enfrentar as ameaças do mundo externo, bem como incapazes de, sozinhos, eliminar as tensões oriundas dos estímulos internos. Somos dependentes de um outro que suprima essa tensão e cuide de nós. É isso que Freud nos fala no *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, primeiro texto a apresentar a noção de vivência de satisfação.

O enchimento dos neurônios nucleares em ψ terá como resultado uma propensão à descarga, uma *urgência* que se libera pela via motora. A experiência demonstra que aqui a primeira via a ser seguida é a que conduz à *alteração interna* (expressão das emoções, grito, inervação vascular). Mas como já explicamos no início, nenhuma descarga desta espécie pode produzir resultado de alívio, uma vez que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão ψ . Nesse caso, a estimulação só é capaz de ser abolida por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de $Q'n$ no interior do corpo; e uma intervenção dessa ordem requer uma alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como ação específica, só pode ser conseguida através de determinadas maneiras (FREUD, 1895/1996, p.39).

Ou seja, não é suficiente uma descarga motora, por exemplo, o grito ou o espernear do bebê para aliviar a tensão resultante de estímulos internos, porque esta vai continuar atuando até que uma ação específica possa eliminar o estado de estimulação na fonte. Lembremos que esta estimulação endógena corresponde às necessidades corporais, não é possível ludibriar ou atender às necessidades físicas como, por exemplo, a fome ou a sede, através de descargas motoras. Assim, até que estas necessidades sejam atendidas, a tensão permanece.

Aqui entra em cena um outro sujeito, um adulto, provavelmente a mãe, que diante da criança faminta e insatisfeita encarrega-se de prover a ação específica anunciada, suprimindo assim a tensão. Nesta experiência da saciação da fome, de eliminação da tensão resultante de estímulos endógenos, inaugura-se o primeiro vértice do triangulo edípico, a díade mãe-filho. A mãe é convocada pelo bebê a criar o primeiro e mais importante vínculo afetivo de todo sujeito. É isso que Freud nos revela em 1938:

O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição. Não há dúvida

de que, inicialmente, a criança não distingue entre o seio e o seu próprio corpo; quando o seio tem de ser separado do corpo e deslocado para o 'exterior', porque a criança tão freqüentemente o encontra ausente, ele carrega consigo, como um 'objeto', uma parte das catexias libidinais narcísicas originais. Este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe e da criança, que não apenas a alimenta [a criança], mas também cuida dela e, assim, desperta-lhe um certo número de outras sensações físicas, agradáveis e desagradáveis. Através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos (FREUD, 1938/1996, p.202).

Diante da trajetória que estamos seguindo, alguém ainda poderia nos interrogar: Sim, até aqui foi apresentado o estado de desamparo do nascituro, e a mãe como a responsável por saciar suas necessidades vitais, mas ainda não é possível compreender porque esta primeira satisfação vivenciada com o seio materno não foi relegada a apenas mais uma cena da infância. O que a faz, digamos, paradigma da memória mais nuclear dos sujeitos humanos, de acordo com os cânones freudianos? O que move esta nostalgia, a ponto de fazer com que esse primeiro objeto perdido seja buscado para além da infância, até ser, novamente, reencontrado?

Voltemos à descrição da vivência de satisfação, introduzindo um novo elemento: o desejo. Já havíamos visto esse conceito associado à experiência de satisfação na definição de Laplanche e Pontalis. Agora vamos demonstrar a sua vinculação com a noção de reencontro do objeto edípico ou de escolha objetal.

Quando a mãe oferece o seio ao bebê, suprimindo uma necessidade e, conseqüentemente, provocando uma vivência de satisfação, estabelece-se uma facilitação³, uma preferência pelo caminho utilizado pela excitação entre duas imagens mnêmicas, a do objeto de satisfação e a da descarga pela ação específica. Assim, diante da necessidade, um impulso psíquico procura reinvestir as duas imagens-lembrança, reativando-as com o objetivo de reproduzir a satisfação original. Na ocorrência de outras situações futuras de carência, os registros na memória relativos à esta vivência de satisfação serão novamente evocados no afã de repetir o alívio da tensão experimentado.

³ Segundo Hanns (1996), Freud se refere à "Facilitação (*Bahnung*) no sentido de interligação facilitada. Geralmente é empregado no contexto de interligações nervosas entre neurônios, ou como interligação funcional que permite o trânsito entre representações". (HANNS, 1996, p.139).

Doravante, a satisfação passa a ser vinculada à imagem do objeto que proporcionou a satisfação, assim como à imagem do movimento reflexo que possibilitou a descarga. Nas palavras de Freud: “Esta reativação [da imagem do objeto] – o desejo – produz em primeiro lugar algo de análogo à percepção, isto é, uma alucinação. Se o ato reflexo então se desencadeia, não deixará de se produzir a decepção” (FREUD, 1899/1996, p.29).

Isto é, na ausência da mãe, o sujeito alucina a sua presença, buscando um alívio imediato da tensão: “numa fase precoce, o sujeito não está à altura de se certificar de que o objeto não está realmente presente. Um investimento intenso da imagem produz o mesmo indício de realidade que uma percepção” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p.530). Todavia, o mecanismo da alucinação é um arranjo provisório e pouco eficiente para reduzir a tensão, já que não sendo o objeto real, não pode haver a satisfação. Donde a decepção ser a consequência mais imediata.

Desta forma, a totalidade da vivência de satisfação pode ser esquematizada da seguinte forma: a) carência e desamparo de bebê; b) tensão resultante da necessidade; c) objeto e *ação específica* para suprimir a tensão endógena; d) satisfação e registro mnêmico da experiência de satisfação; e) reativação das lembranças vinculadas a satisfação diante da repetição da necessidade – satisfação alucinatória.

Mas neste esquema, onde podemos situar o desejo? Freud nos lembra que nas próximas vezes que a necessidade aparecer, também

surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original. Um impulso dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto a essa realização é o que conduz desde a excitação produzida pela necessidade até o investimento pleno da percepção (FREUD, 1899/1996, p. 601).

É nesse texto de 1899 que Freud é mais contundente na definição do desejo. Embora aqui os desejos edípicos apareçam de forma espaçada como conteúdo temático do conflito psíquico: “a fantasia sexual se tece sempre em torno do tema dos pais” (FREUD, 1899, p.678). Numa das referências indiretas ao Complexo de Édipo, Freud indica que as representações psíquicas

constituintes do material onírico apontam para a realização de desejos vinculados a fase mais primitiva da história do sujeito. Comenta o autor:

Em minha experiência, que já é extensa, o papel principal nas vidas mentais de todas as crianças que, posteriormente, se tornam psiconeuróticas, é desempenhado por seus pais. Estar apaixonado por um dos progenitores e odiar o outro é um dos constituintes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se forma naquela época e que é de tal importância no determinar os sintomas da neurose posterior. Não acredito, todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente nesse sentido de outros seres humanos que permanecem normais [...] Muito mais verossímil, e abonado por observações ocasionais de crianças normais, é que eles nos dão a conhecer, em forma extrema, esses desejos enamorados ou hostis dirigidos aos pais que com maior nitidez e intensidade ocorre na alma de quase todas as crianças (FREUD, 1899/1996, p. 276).

Portanto, o desejo para Freud é esse impulso em direção a uma reprodução da satisfação original, via alucinação, via Complexo de Édipo. Em outras palavras, o que caracteriza o desejo é este retorno a signos do passado infantil, “a algo que não é mais, a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta [...] O desejo é a nostalgia do objeto perdido” (ROZA, 1988, p.145).

Até aqui centramos o desejo (de retorno a uma vivência de satisfação primitiva) como o motor do reencontro com o objeto, o catalisador da tendência nostálgica nas escolhas amorosas. Mas se o desejo nos leva de volta ao passado, a repetição não faz por menos. Ao se referir ao Édipo, vemos Freud afirmar que “podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex* [...] a lenda grega capta uma compulsão [*zwang*] que todos conhecem, pois cada um presente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial” (FREUD, 1897/1996, p.358).

“Compulsão que todos conhecem?” Destino inexorável? Fatalidade interior? Se os amores edipianos são compulsivos, então, como e porque somos impelidos a esta compulsão?

Lembremos que neste capítulo já mencionamos o conceito de facilitação (*Bahnung*), ou seja, uma interligação facilitada que permite o intercâmbio entre os neurônios ou entre as representações. Segundo Hanns, “o substantivo *Bahnung* expressa algo como ato de abrir pistas ou ato de abrir vias de trânsito” (HANNIS, 1996, p.139). Trata-se de uma rede de caminhos neuronais, facilitados em uma direção, dificultados em outra, porque a noção de *Bahnung* está vinculada à noção de barreiras de contato que respondem pela resistência

ou facilitação da passagem da excitação – como postos alfandegários que permitem a viagem para um determinado caminho e não por outro, gerando a repetição das vias facilitadas. Assim, se um determinado percurso oferece menos resistência ou nenhuma é esse caminho que será percorrido pela excitação. O que está em questão é uma economia de energia psíquica seguindo a lógica do princípio do prazer, uma opção pelo caminho mais fácil.

Segundo Kaufmann (1996), a articulação sobre a facilitação nos dá os primeiros indícios do que, posteriormente, Freud vai designar como “compulsão à repetição”. Para este autor a facilitação freudiana descortina um “elemento evidente: que se tem sempre tendência a percorrer um caminho que já se percorreu. [...] Encontramos nisso uma espécie de memória que nos poupa do encontro permanente com o novo” (ibid, p.451).

Essa ideia de Kaufmann (1996), nos remete a teoria freudiana da memória, mas retirando desta noção apenas o que nos pode ser útil para entendermos a compulsão à repetição como constitutiva da ideia do amor como um reencontro. Freud nos lembra no *Projeto para uma psicologia científica* que “a memória depende de um fator que é a intensidade da impressão recebida e também da repetição mais ou menos freqüente desta última” (FREUD, 1895/1996, p.126). A “compulsão à repetição” é essa insistência em retornar a essa primeira impressão, ou melhor, como Freud o demonstra, estamos diante de uma insistência em reencontrar o objeto perdido. Insistência que, segundo Kaufmann, estrutura o mundo dos objetos em torno da repetição: não cessamos de criar objetos substitutivos na busca contínua por (re)encontrar o objeto perdido. “É por isso que o termo repetição está marcado pelo signo da nostalgia” (KAUFMANN, 1996, p. 451).

A volta ao passado é o primeiro movimento de todo sujeito, porque o aparelho psíquico segue a lógica do *Princípio do Prazer*. Um princípio econômico na medida em que o prazer está associado à redução de excitação (desde que mantendo uma certa reserva), a diminuição da tensão interna, e, o desprazer, ao seu aumento. Ora, se uma quantidade de energia passa mais facilmente de um neurônio para o outro, sem resistência devido à facilitação (*Bahnung*), então o escoamento e redução da tensão também é obtido sem dificuldade ou esforço – o que diminuiria o desprazer, aumentando o prazer.

Esse “alívio” obtido por uma via específica e facilitada, um “caminho mais curto”, cria uma espécie de hábito, que faz com que a excitação retorne sempre pelo mesmo caminho – a repetição. Da mesma forma, o sujeito permanece ligado a signos do passado porque, como nos diz Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, esse também é o percurso mais fácil e (re) conhecido pela libido: “sem dúvida, o caminho mais curto para a criança seria escolher como objetos sexuais as mesmas pessoas a quem ama, desde a infância, com uma libido, digamos, amortecida” (Freud, 1905/1996, p.234).

Embora o objeto só seja encontrado via substitutos, a perseverança na busca pelo “original” permanece. Segundo Freud:

O que não aconteceu da maneira que teria sido conforme ao desejo é anulado por sua repetição sob uma outra forma, a isso se acrescentam então todos os motivos para insistir nessas repetições (FREUD, 1926/1996, p.154).

O que não nos parece claro é essa discordância entre o objeto buscado e o objeto encontrado. Porque o reencontro do objeto, alardeado por Freud, só acontece de maneira substitutiva? Quando dissemos que o sujeito da psicanálise e do romantismo busca a mãe através das fantasias de retorno ao seio, falávamos de um anseio impossível de ser satisfeito? Por quê?

CAPÍTULO 3

3 – FREUD E A BUSCA DO OBJETO PERDIDO: A NOSTALGIA DA COISA

O amor, na psicanálise freudiana, tem sido anunciado até aqui como sofrendo as inflexões dos ideais do romantismo, a partir do seu principal móbil: a busca pelo objeto perdido, a tentativa nostálgica de restituir uma plenitude originária. Vimos que até mesmo usando a sua economia, Freud reitera algo que é legítimo ao seu contexto romântico e, aqui e ali recolhemos elementos para construir essa idéia que entrelaça, em alguma medida, o romance familiar edípico e o estilo romântico presente em peças como, por exemplo, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, abordado no primeiro capítulo.

Ou seja, encontramos um conteúdo análogo nas fantasias da literatura e nas fantasias históricas: o incesto. Os desejos incestuosos funcionavam como motor das escolhas e sofrimentos amorosos das pacientes de Freud, não menos do que apareciam no conteúdo dos romances e poesias oitocentistas, como pudemos perceber na letra de Praz (1996); Rougemont (2003) Gay (2000) O que estamos tentando agora, neste comentário final, é entabular uma espécie de reencontro dos fios tecidos até o momento: fantasias, nostalgia, (re)encontro do objeto, desejo, complexo de Édipo. Será que nesta tecitura o Édipo está no início e término de cada laçada, como afirmamos inicialmente?

Nos Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade vemos Freud retomando a questão das fantasias infantis vinculando-a à escolha de objeto na puberdade:

É na [esfera da] representação que se consuma inicialmente a escolha de objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se. Nessas fantasias, as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos [ou seja]o impulso sexual da criança em direção aos pais. [e em nota acrescentada em 1910:] Afirmou-se, justificadamente, que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses, representando a peça essencial no conteúdo delas. Nele culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos posteriores, influencia de maneira decisiva a sexualidade do adulto [...] O progresso do trabalho psicanalítico tornou cada vez mais clara essa importância do complexo de Édipo; seu reconhecimento converteu-se no *Schiboleth* [traço distintivo] que separa os partidários da psicanálise dos seus oponentes. (FREUD, 1905/1996, p.103).

Esse trecho, de certa forma, condensa a questão do Édipo como centro da arquitetura amorosa de todo sujeito, e justificativa do caráter prospectivo e nostálgico da escolha de objeto. Em nota acrescentada aos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* em 1915, Freud declara que o enamoramento, na psicanálise freudiana, é sinal de compulsão à repetição vinculada ao passado infantil. Em outras palavras, a libido aponta que o futuro está para trás, na felicidade perdida do romance edipiano, e é isso que permanece e aparece como substrato das fantasias e desejos de todo sujeito, como procuramos demonstrar ao tratarmos da vivência de satisfação. Momento inaugural em que o filhote de homem encontra a mãe, ou melhor, o peito da mãe que diante do seu choro move-se para saciar suas necessidades. Daí inicia-se um processo em cadeia que culmina no que a psicanálise freudiana entende por desejo: satisfação; registro mnêmico; reativação das lembranças via alucinação; procura por reencontrar o objeto perdido, mãe, e reativar através dos caminhos da memória a satisfação primitiva, ou seja, desejo: o impulso direcionado à repetição alucinatória da experiência de satisfação (FREUD, 1899/1996).

A clínica freudiana se propõe a resgatar – quase numa busca arqueológica – os primeiros registros do vínculo afetivo entre a criança e seus pais: um amálgama de prazer, satisfação, desejo e realidade. Mas, também, de sofrimento. O encontro de Freud com o fenômeno da fantasia foi pontuado por confissões dolorosas sobre cenas traumáticas, como descrito no primeiro capítulo. Seguindo as pegadas de uma suposta cena traumática deparou-se com a necessidade de rever sua teoria da sedução: da investigação dos sintomas conversivos das histéricas à descoberta de que suas pacientes se remetiam, inconscientemente, a uma outra realidade, a realidade psíquica, vemos que foi o Édipo, a sexualidade infantil e a fantasia que Freud encontrou (MONZANI,1989).

Em Ricoeur (1977), encontramos um trecho que deixa transparecer em filigrana a relação inexorável entre fantasia e complexo de Édipo: “O essencial do drama edipiano é fantasista; é um drama representado e sonhado; por esse fato mesmo é mais sério, pois procede de uma exigência impossível do desejo”. (RICOEUR, 1977, p.227).

Já sublinhamos essa impossibilidade destacando o incesto como o obstáculo intransponível no solo destes vínculos, a exemplo do que pudemos

perceber através do relato de duas histórias de amores impossíveis, *Os Sofrimentos do jovem Werther* e *Tristão e Isolda*. Nestas obras de ficção vemos repetir-se uma escolha de objeto que a psicanálise já identificou como claramente incestuosa: a mulher desejada já pertence a outrem.

Como diz Freud (1910/1996, p.171), o escritor pode valer-se de sua sensibilidade para perceber e descrever “as condições necessárias ao amor que determinam a escolha de um objeto. Todavia, esta descrição pode ser completada pela psicanálise, através do tratamento estritamente científico que [este saber] deu ao campo do amor humano”. Aqui cabe a passagem pelo texto de 1910, *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*. O primeiro ensaio descreve a mesma condição específica de escolha de objeto que observamos nos romances citados: que a mulher eleita seja comprometida, isto é, possua algum vínculo com outra pessoa que possa reivindicar seus direitos de posse em relação a ela – condição em que haveria uma terceira pessoa prejudicada. Na letra freudiana encontramos uma menção do porquê da preferência de certos homens por mulheres comprometidas:

A escolha de objeto, que é tão estranhamente condicionada [...] derivam da fixação infantil de seus sentimentos de ternura pela mãe e representam uma das conseqüências dessa fixação [...] É, de imediato, evidente que, para a criança que está crescendo no círculo familiar, o fato de que a mãe, ao pertencer ao pai, torna-se parte inseparável da essência da mãe, e que a terceira pessoa injuriada não é outra senão o próprio pai. (FREUD, 1910/1996, p.174).

O objeto incestuoso permanece no horizonte da busca amorosa dos neuróticos e dos ditos “normais”, quer seja representado nas fantasias, que seja determinando as escolhas afetivas de todos os tempos, mas sempre sobre o índice da impossibilidade como atesta o surgimento dos diques morais contra o incesto, canalizando a libido para um outro lugar mais aceitável. (FREUD, 1905/1996).

Os desejos incestuosos, fantasias e obstáculos presentes nos romances da ficção e da clínica freudiana apontaram para o Édipo como o centro da sexualidade humana, catalisador da tendência conservadora da libido, segundo os comentadores elencados até este ponto da psicanálise e da literatura. Lembremos que, Rougemont (2003), por exemplo, acredita que “a

verdadeira vida declamada pelos poetas é a vida impossível [afinal] preferimos a narrativa de um amor impossível a outra qualquer” (ibid, p.70). É dele também a descrição do que seja um romance:

Sem entraves ao amor não há romance, [porque o romance é] [...] a intensidade, as variações e os adiamentos da paixão, seu crescendo até a catástrofe [...] O amor feliz não tem história na literatura ocidental” (ROUGEMONT,2003, p.71).

As questões metodológicas de delimitação não nos permitem abordar outras questões enriquecedoras dessa problematização, que poderíamos supor aqui: a relação entre a morte e o amor, por exemplo. Mas os recortes são necessários no esforço de análise em moldes epistemológicos.

Laplanche (1998, p.176) interpreta essas fantasias originárias: de sedução, castração, retorno ao seio – só para mencionar as que nós abordamos até aqui – como relacionadas ao que Freud denominou de Complexo de Édipo. E não foi o que concluímos neste trabalho? Quer a fantasia pareça destacar prioritariamente o pai, ou a mãe, ou aponte claramente para a presença dos dois genitores, é do amor vinculado ao complexo familiar edípico que se trata. Há sempre uma triangulação afetiva, mesmo quando isso não é tão evidente.

Ora, por trás dos relatos das históricas de supostas investidas sexuais de um adulto sobre uma criança, encontramos não apenas o desejo pelo pai, de ser seduzida por ele, como fomentador das suas fantasias, como também a constatação de que a primeira sedução ocorreu durante os cuidados da mãe: “o trato da criança com a pessoa que a assiste [geralmente a mãe] é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas” (FREUD, 1905/1996, p.100); a fantasia de retorno ao seio – a mais primitiva – que nada mais é que o desejo incestuoso de retornar a mãe/seio da vivência de satisfação, também não exclui a presença do Pai. Como adverte Laplanche, ele está presente através do desejo e das fantasias da mãe; a fantasia de castração, ao contrário das fantasias anteriores deixa perceber mais facilmente ou mais rapidamente a tríade edipiana: pai-mãe-filho e os desejos típicos do complexo como Freud o conceituou: o incesto e o parricídio, ou melhor, a interdição destes impetradas pela ameaça da castração.

Nos parece claro que no incesto e na interdição do incesto encontramos o obstáculo e a motivação oculta dos amores impotentes, interditados, impossíveis das pessoas da vida “real” e dos personagens da literatura romântica. Mas alguém pode argumentar que os obstáculos colocados nos romances oitocentistas, ou na vida “real”, são apenas uma estratégia do desejo para intensificar a libido, e que a satisfação amorosa completa, a completude, não somente é possível como pode ser encontrada, ainda que seja numa vida espiritual. Não negamos que os obstáculos tenham esse poder de tornar mais fortes as cores com que o apaixonado pinta o seu amor. Aliás, o próprio Freud (1910/1996, p.193) nos revela que: “para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais [...]”. O que creditamos como impossível é o encontro com o objeto original e a suposta completude amorosa: estes são ideais românticos, mas aí a psicanálise corta relações com o romantismo. Como podemos detectar no dizer de Freud:

[...] algo da natureza da própria pulsão sexual é desfavorável à realização da satisfação completa. Se considerarmos a longa e difícil história do desenvolvimento da pulsão, nos virão à mente, imediatamente, dois fatores que podem ser julgados os responsáveis por essa dificuldade. Primeiramente, em consequência da irrupção bifásica da escolha de objeto, e da interposição da barreira contra o incesto, o objeto final da pulsão sexual nunca mais será o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo. A psicanálise revelou-nos que quando *o objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência do recalque, ele se representa, freqüentemente, por uma sucessão infundável de objetos substitutos, nenhum dos quais proporciona satisfação completa* [grifo nosso] (FREUD, 1910/1996, p.194).

Como podemos entender a afirmação freudiana de que “algo da natureza da própria pulsão sexual é desfavorável à realização completa?” Isso pode ser explicado se levarmos em consideração dois fatores: em primeiro lugar, a escolha de objeto é dividida em dois momentos separados pela barreira do incesto. Assim, o objeto primitivo da pulsão se perde por conta do recalque, não podendo os objetos substitutivos satisfazerem totalmente. Em segundo lugar, alguns componentes da pulsão sexual, como, por exemplo, os elementos coprófilos ou sádicos que faziam parte de fases anteriores do desenvolvimento sexual, “têm de ser suprimidos ou destinados a outros

empregos” visto que demonstraram ser incompatíveis com as exigências da cultura, o que leva a uma redução do prazer.

Todavia, se a psicanálise aponta que esta satisfação é impossível - a pulsão é antinômica à satisfação - ela também demonstra que essa impossibilidade é contornada e buscada via fantasia, via representações, via máscaras – cópias dos objetos “originais”: “parecem”, mas não são os que foram inicialmente buscados. Se o objeto primitivo não pode ser alcançado, ele pode – ao menos – ser reencontrado na imaginação dos artistas. Na fala de Milan, psicanalista e poeta, a parada amorosa é como um baile de máscaras: o objeto encontrado pelo desejo é apenas uma máscara que presentifica a ausência do “original” – o objeto que causou esse desejo permanece para sempre perdido.

O amor mascarava a nossa incompletude. Impossível saber quem éramos e eu hoje me pergunto se não era a máscara que amávamos. A irrealidade me fascinava, existíamos à meia-luz da fantasia, das tantas centelhas onde ressurgíamos. O meu fogo se consumia no teu e só a súbita consciência de sermos irrealis nos atemorizava e me entristecia...[...] No amor não havia solução. Impossível de dois fazer um [...] não obstante, insistimos neste desejo impossível [porque] indissociável do ódio, o amor o é ainda de uma outra paixão, a paixão tão humana da ignorância....(MILAN, 1999).

Aproveitemos a deixa de Milan para colocar mais um ingrediente nessa discussão que torna mais visível o objeto perdido da psicanálise: a noção de Coisa. Em primeiro lugar uma advertência: quando falamos da busca por um objeto perdido, não se trata de uma busca por um tempo passado, já vivido embora perdido, assim como o é para os românticos. Na psicanálise, não estamos falando de um objeto que um dia foi possuído e depois perdido. Mas de algo que foi perdido sem nunca ter sido possuído, mas que deve ser reencontrado. Vamos procurar entender esse enigma através de dois momentos.

Em primeiro lugar, lembremos do que falamos sobre a vivência de satisfação: a energia psíquica da pulsão – a libido – busca reencontrar o objeto perdido, tendo como referência a vivência de satisfação. Essa procura através dos caminhos da memória, caminhos marcados por uma facilitação (*Bahnung*) – como descrevemos anteriormente – responde pela formação da rede de representações (*Vorstellungen*). Vamos nos deter nesse ponto para fazer uma

ressalva: é importante assinalarmos que o termo representação (*Vorstellungen*) quando Freud o utiliza não está se referindo aos representantes em geral, mas a uma representação específica – a representação ideativa da pulsão no aparato psíquico, o elemento imaginário do objeto. É a isso que Roza se refere (2004, p.86), quando afirma que “a *Vorstellung* é o que se constitui ao redor da Coisa como aparição, como fantasma”.

Em segundo lugar, a “ação específica” cujo alvo é reviver essa experiência, ou melhor, reencontrar a *coisa-mãe* através dos caminhos da memória, termina em fracasso: a Coisa é inatingível. A busca vai em direção a um vazio em torno do qual circulam as representações: “Na origem, a escrita era a linguagem do ausente, a morada, o substituto do corpo materno, essa primeira morada cuja nostalgia permanece sempre”. (FREUD, 1929/1996, p.132).

Ou seja, o que Freud nos diz, de uma forma ou de outra, é que na relação mãe-filho, a mãe ocupa o lugar da Coisa. Ela é como se fosse a Coisa, mas não o é (não há simetria entre a mãe e a Coisa), apenas funciona como uma máscara que presentifica a ausência desta. Desta forma, desejar a mãe significa, em última instância, desejar a coisa perdida que nunca foi encontrada. Em outras palavras, há uma dissimetria irreduzível entre o objeto buscado e o objeto achado. O objeto achado pelo desejo não é aquele que originou esse desejo – este permanece para sempre perdido. Por isso, pode-se afirmar que “o desejo é sempre um lamentar – se, um deplorar, uma nostalgia [...] O desejo é a sua insatisfação” (MILLER, 1991, p.39).

Não se pense que esquecemos que possuir a Coisa seria cometer um incesto. Por isso, a função do princípio do prazer não é tornar possível o encontro da Coisa-mãe, mas justamente o contrário: tornar impossível esse encontro é o que nos faz humanos e possibilita que continuemos desejando para além dos objetos perdidos, porque é a interdição do incesto que funda o humano e a cultura, nos adequando, de modo especializado, aos imperativos da natureza.

Freud aponta que o incesto, ou melhor, “a barreira do incesto [exclui] expressamente da escolha objetal, na qualidade de parentes consangüíneos, as pessoas amadas da infância. O respeito a essa barreira é, acima de tudo, uma exigência cultural da sociedade” (FREUD, 1905/1996, p.232).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lotte levantou-se, e eu, como que despertando de um sonho, senti-me aturdido. Permaneci sentado, segurando ainda a sua mão.
- Vamos – disse ela – já está na hora de ir embora!
Ela quis retirar a mão, eu a apertei com mais força.
- Nós nos reencontraremos - exclamei - Haveremos de nos encontrar de novo; de nos reconhecer, sob qualquer forma!...
Adeus Lotte, adeus Albert!
(GOETHE, 1774/2005, p.60 - *Os sofrimentos do Jovem Werther*).

Longo, e tantas vezes árduo, foi este percurso até aqui, o que seria possível supor que estivéssemos ansiando por seu término. Longe disso, a nossa disposição é certamente o inverso: as agruras do caminho só nos fizeram reconhecer a importância dos “ganhos”: fomos incentivados a ir além das veredas previstas inicialmente, alargamos nossas tendas, e fincamos estacas em terrenos antes desconhecidos, e se sofríamos a cada retificação do percurso, tomávamos como alento as palavras de Bachelard (apud Köche, 1997, p.29) “O espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento [...] A própria essência da reflexão, é compreender que não se compreendera”. Instantes de compreender, não compreender, corrigir e refazer, errar e acertar: existiram, e existem. A psicanálise não está imune a críticas ou erros, nem o que produz aqueles que a utilizam como referencial teórico central – como foi o nosso caso neste trabalho. Assim, fizemos recortes e avanços sempre tangenciando a fronteira do desconhecido e da hipótese, buscando – mais do que um trabalho perfeito - um trabalho possível; conscientes de que lacunas insistem, mas que diante dos equívocos na caminhada, é possível encontrar - no ambiente acadêmico - alguns críticos especializados que proporcionam uma re-visão do que não conseguimos enxergar: “em toda parte em que alguém não se limita a si mesmo, é o mundo que o limita” (F. SCHLEGEL apud LOUREIRO, 2002, p.353).

Aqui está, ao final deste itinerário, a Dissertação possível, conduzida dentro dos limites, exigências e possibilidades oferecidas - ou permitidas - pelas diversas contingências inerentes a qualquer pesquisa e/ou pesquisador. Agora, somos forçados pela hora de (im)por um ponto final a travessia por este tema – o amor - que por dois anos foi alvo de nossas pesquisas. Por outro

lado, para nós, esta parada é tão somente uma pausa. Como o poeta, afirmamos: “não se está indo embora, só preparando a hora de voltar ⁴”.

O que se pretendeu mostrar no decorrer deste percurso foi a contribuição da psicanálise freudiana a questão do amor, ou seja, que estruturas lógicas sustentam o discurso freudiano sobre o fenômeno amoroso. Guiados pela hipótese de que Freud apresenta o vínculo amoroso como algo da ordem de uma nostalgia, marcada por ressonâncias românticas, a saber, o amor como uma busca pela unidade perdida, destacamos alguns pontos. Mas antes uma advertência: não pretendemos recapitular na conclusão todo o conteúdo deste trabalho, mesmo porque, lembramos ao nosso leitor que, intencionalmente e estrategicamente, já introduzimos cada capítulo desta dissertação oferecendo uma síntese do que foi exposto no anterior, no afã de situarmos os aspectos sucessivos a serem abordados, e seu entrelaçamento em torno da hipótese central. Assim, agora não há muito que recapitular sob o risco de cairmos numa vã repetição.

Nestas considerações finais o nosso intuito é trazer uma visão panorâmica dos principais eixos desenvolvidos neste percurso teórico, e as contribuições que a pesquisa epistemológica do texto freudiano possibilitou até aqui sobre o amor e as inflexões românticas de um desejo de completude nos relacionamentos amorosos.

Na carta de Freud a sua amiga Salomé, a propósito de uma conferência proferida por Thomas Mann, intitulada “A posição de Freud na moderna história das idéias (1929)”, o seguinte fragmento que aponta para a dualidade enfatizada aqui:

O ensaio de Thomas Mann me honra, sem dúvida. É como se acabasse de dar os últimos retoques num artigo sobre o romantismo, e lhe pedissem que escrevesse algo a meu respeito; e como se, em virtude deste encargo, tivesse aplicado uma chapa de psicanálise, como dizem os ebanistas, à parte anterior e posterior de seu artigo, cuja parte principal está constituída de outra madeira, bem diferente. Contudo, sempre que Mann se resolve a dizer algo, o resultado costuma ser sólido. (FREUD, apud LOUREIRO, p.29).

Texto ambíguo que se presta tanto a quem quer estabelecer uma relação de proximidade entre Psicanálise e Romantismo, quanto a quem quer

⁴ Letra da música de Caetano Veloso “Um dia”: “Eu não estou indo embora, estou só preparando a hora de voltar”.

sublinhar o distanciamento entre ambos saberes. Alguém poderia argumentar que embora Freud tenha dito que estes saberes são madeiras “bem diferentes”, portanto assimétricos em suas proposições, estes não deixam de ser da mesma matéria. Desta forma, destacando o que os aproxima. Por outro lado, quem quisesse marcar apenas a diferença poderia indicar que a psicanálise funciona como um elemento artificialmente colocado sobre a “madeira” do Romantismo, “uma chapa aplicada pelos ebanistas”, como diz Freud no fragmento citado, ou seja, ela é um elemento estranho, vindo de fora, parasitando o projeto romântico. Outra pessoa ainda poderia replicar: elemento externo, porém feito da mesma substância. Assim, a discussão seria interminável.

Procuramos neste trabalho, que ora se aproxima da sua conclusão, apenas tangenciar a relação entre o saber psicanalítico e a literatura romântica, apontando não para comparações, mas para ressonâncias e, finalmente, as dissonâncias entre psicanálise e Romantismo em torno da concepção de experiência amorosa. Ou seja, relativizamos a alternativa e nos propusemos a verificar, no manejo dos textos, uma intersecção: proximidade e distanciamento, a depender do fio que conduzia a argumentação. Mantivemos a dualidade, mas evitamos a análise comparativa, para dar mais ênfase apenas a um dos saberes, e ao propósito desta dissertação: a lógica da psicanálise freudiana sobre o amor no, e a partir do, cenário edípico, no laço amoroso entre o filho e seus pais, estabelecendo um diálogo com a literatura.

Vimos através do percurso empreendido até aqui, que complexo de Édipo apresenta uma visão nostálgica do vínculo amoroso, onde o amor incestuoso simboliza a própria tentativa da estrutura desiderativa do sujeito retornar a uma suposta unidade original, encontrada no vínculo mãe-bebê. Freud nos indica que faz parte da estrutura do amor essa busca por fazer de dois um só ao descrever que num relacionamento que “está em seu auge [...]” “não resta [nesse vínculo amoroso] lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente [...] Em nenhum outro caso Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, mais de um, fazer um único”. (FREUD, 1930, p.126). Em outras palavras, segundo Kaufmann “em Platão Freud encontra a origem do amor normal (*liebe*)” (KAUFMANN, 1996, p. 125), mais precisamente no mito de Aristófanes: a idéia poética de seres esféricos, divididos em duas

metades - homem e mulher - que através do amor se uniriam novamente, formando de dois um só.

Tentamos demonstrar também que é a dinâmica nostálgica de reencontro com este primeiro amor do romance edípico, a mãe, que nos permite encontrar laivos da presença do Romantismo no texto freudiano. De acordo com Freud todo amor é um reencontro, vinculado ao pretérito; é isso que ele deixa claro até mesmo quando se refere ao amor surgido na clínica: ao indicar que o amor transferencial consiste numa nova edição de modelos e reações da infância, afirma de forma contundente que “esta é a característica essencial de todo estado amoroso. Não existe um só apaixonamento que não reproduza protótipos infantis. É exatamente desta determinação infantil que ele recebe seu caráter compulsivo” (FREUD, 1915, p.153). Nas palavras de Monzani, leitor especializado de Freud, encontramos a mesma remissão aos amores edipianos na arquitetura amorosa do ser humano:

[...] de agora em diante, não é preciso nenhum recurso ambíguo para se explicar a estruturação genital da sexualidade: é no e pelo desejo da mãe, da sua posse, que ela se explica. É por isso que as desventuras da sexualidade humana sempre remetem ao episódio edipiano. Suas regressões, seus bloqueios, suas involuções estão essencialmente vinculadas à forma como se dá o desenlace dessa fase (MONZANI, 1989, p.52).

É, pois uma constatação, depois do itinerário percorrido: no caso do Édipo as vivências são sempre ancoradas no pretérito - o complexo de Édipo como o cenário nostálgico para a experiência amorosa, “lugar” psíquico que enseja um movimento conservador nas escolhas amorosas de todo sujeito.

Todavia, se creditamos ao desejo nostálgico de retorno a uma unidade perdida o elo que aproxima as abordagens psicanalítica e romântica no terreno das relações amorosas e, principalmente, em torno do complexo amoroso edípico, Já destacamos que não trouxemos nesta dissertação a idéia de que Freud seria um romântico, ou que suas teorias seriam repetições de ideais românticos. Ao contrário, enfatizamos desde o início deste trabalho o caráter desilusório da psicanálise, seu combate sem trégua aos artifícios do Romantismo, quer seja a concepção de que o passado teria sido melhor do que o presente, como discutido nos capítulos anteriores, quer seja a idéia de uma completude amorosa possível, nesta vida ou em outra: para os casais românticos, à exemplo do Jovem Werther e Carlota, e Tristão e Isolda, embora

a união absoluta seja dificultada por diversos obstáculos, incluindo a barreira do incesto, eles tornam a se encontrar em outra esfera. A fusão total é possível ainda que adiada ou postergada para além desta existência. Essa ênfase de uma esperança futura reside e resiste no ambiente romântico ao pensar a experiência humana do amor.

Ao tentarmos aproximar as abordagens psicanalítica e romântica em torno de uma concepção nostálgica do vínculo amoroso, partindo de uma das características principais do projeto romântico: o amor como uma busca pela unidade perdida, vimos também afirmar-se uma dissonância entre as duas formulações. Ainda que Freud conceba o sonho de plenitude como a causa primeira da organização desiderativa humana - lembremos que o desejo do sujeito se organiza em torno da busca da suposta completude vivenciada com seu primeiro objeto de amor: a coisa/mãe/peito da vivência de satisfação - como foi desenvolvido aqui. Por outro lado, a clínica psicanalítica demonstrou a Freud a distância entre a exigência pulsional e o objeto de satisfação: aquilo que é buscado não será igual ao encontrado.

Neste trabalho tentamos demonstrar que o amor na literatura freudiana embora entrelaçado por ideais do romantismo possui, pela própria especificidade do saber psicanalítico, elementos que os distanciam. Foi isto que nos coube demonstrar, no interior do texto freudiano, com o escopo de cimentar a nossa argumentação em torno desse jogo de zigue-zague que aproxima-distancia psicanálise e Romantismo. Assim, na castração, via função paterna, destacamos a cisão entre psicanálise e romantismo e o ponto final do nosso trabalho. A idéia de amor sustentada pela ilusão de alcançar a plenitude encontra, na psicanálise, tanto a desilusão desta procura quanto a afirmação da sua impossibilidade: o que não a nega, mas remete o sujeito a se confrontar com uma satisfação amorosa limitada, parcial, finita, sem encontros transcendentais ou promessas de completude. Desta forma, associado à repetição no cerne da lógica freudiana do amor, e o triangulo edípico como um cenário nostálgico para o vínculo amoroso e matriz amorosa de todo sujeito, encontramos o desejo de completude na raiz da concepção de amor. O fenômeno amoroso foi caracterizado neste trabalho como fincado sobre anseios de completude, o que aproxima os saberes românticos e psicanalíticos. Como nos diz Lacan: "*Nós dois somos um só*. Todo mundo

sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas, enfim, *nós dois somos um só*. É daí que parte a idéia de amor [grifo do autor]” (LACAN apud FORTES, 1999, p.64).

Ainda que este autor não tenha sido focalizado neste trabalho, não podemos negar a pertinência desta afirmação ao que foi tratado aqui. Neste fragmento está contida tanto a idéia de que o amor parte de um anseio por totalização, quanto à constatação de que isto “jamais aconteceu” (ibid).

Assim como a demanda da criança que espera da mãe um amor ilimitado e aspira fazer “um” com ela, a reivindicação do adulto na parceria amorosa, não muito diferente, está fadada ao insucesso. Se o sujeito busca reencontrar seus vínculos incestuosos via substitutos: “o encontro de um objeto é um reencontro deste”, nos diz Freud em 1905, o que a psicanálise pode proporcionar ao sujeito é um reposicionamento das suas demandas ilimitadas de amor, acatando a castração, o limite ao seu desejo imperativo, porque a interdição às suas demandas incestuosas é um fato que independe da sua concordância: a castração se impõe como uma realidade inexorável. Ela está lá via função paterna - instância interditória encarnada em personagens reais ou instituições - para dividir a díade mãe-filho, efetuar o primeiro parto que conduzirá o ser humano a amores possíveis (leia-se não incestuosos), parto a ser reiterado *ad infinitum*: “A autoridade do pai [...] é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto” (FREUD, 1924/1996, p.196). Nas palavras de Laplanche de Pontalis:

A eficácia [do complexo de Édipo] vem do fato de fazer intervir uma instância interditória (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei [...] isto reduz o alcance da objeção introduzida por Malinovski e retomada pela chamada escola culturalista, segundo a qual, em determinadas civilizações em que o pai é desprovido de toda função repressiva, não existiria complexo de Édipo, mas um complexo nuclear característico de tal estrutura social. Na realidade, nessas civilizações, os psicanalistas procuram descobrir em que personagens reais, e mesmo em que instituição, se encarna a instância interditória, em que modalidades sociais se especifica a estrutura triangular constituída pela criança, o seu objeto natural e o portador da lei “(LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p.80).

Ao final deste percurso teórico é importante ressaltar que assim como Freud deparou-se na clínica com exigências amorosas impossíveis de se

satisfazer, ou seja, as imposições românticas de felicidade ligada a uma completude no amor, também hoje essa questão faz-se presente, uma vez que o sujeito contemporâneo, segundo os autores arrolados aqui, continua inserido numa ordem social que, apesar de tantas transformações, parece manter os velhos ideais românticos: o encontro da dita “alma gêmea” como, se não o único, o mais importante meio de se encontrar a felicidade.

Os fantasmas de felação, adultério e prostituição que infernizavam a vida das mulheres vienenses *fin-de-siècle* fazem rir as jovens burguesas do Rio, São Paulo, Salvador.

Em contrapartida, os males do amor, da impossibilidade de amar e ser amado ou de construir relações amorosas estáveis tornaram-se o pivô de boa parte dos estados depressivos atuais e das demandas de psicanálise. [...] Penso que uma grande quantidade de pessoas sofre atualmente por não poder se dar conta de que “amar” não é uma obrigação universal, sobretudo em sua forma restritiva de amor-paixão romântico (COSTA, 1988, p.48).

O autor sublinha ainda que os ideais do amor romântico são desmentidos pela realidade, mostrando-se frágeis e insustentáveis no contexto atual. Afinal, postula Costa (1988), não se nasce conjugando o amor segundo os parâmetros do Romantismo. Pode-se principiar a amar de outras formas se o aprendizado for diferente. Assim, como qualquer crença emocional que pode ser alterada, melhorada ou abolida, o amor romântico pode ser descartado como algo anacrônico e inadequado aos vínculos afetivos contemporâneos.

Para Lejarraga (2002), a presença de resquícios do amor romântico nos dias atuais deu origem a uma situação paradoxal. Por um lado, as manifestações de sofrimento por um amor considerado eterno e insubstituível, as lágrimas vertidas em nome de promessas de união postergadas indefinidamente, as renúncias e as dores por amores impossíveis são vistos - no século XXI - como vestígios de uma época ultrapassada: “o suicídio do jovem Werther, que fez vibrar gerações inteiras com seu heroísmo passional, não comove os corações individualistas e narcísicos dos indivíduos contemporâneos” (ibid, p.177). Por outro lado, o amor romântico parece permanecer no imaginário como ideal - decadente - mas ainda tirânico. Tornando, desta forma, ilegítimas as demais formas de relacionamento que se afastam do seu padrão restritivo, afirma Lejarraga. E a autora conclui: “embora o declínio do ideal [romântico] amoroso gere desconcerto e mal estar, a sua

permanência é fonte de exclusões e sofrimento, para os que não conseguem atingi-lo” (ibid, p.178).

E que novo tipo de amor poderia trazer aos relacionamentos atuais uma certa constância e satisfação que fuja do modelo romântico impossível, mas que, por outro lado, não seja superficial e transitório como o de muitos casamentos do século XXI, conforme nos apontaram as referências elencadas aqui? Como podemos reinventar o amor e dar-lhe moldes mais “humanos” e possíveis?

Deixemos ao leitor o debate, porque a psicanálise não se propõe a transmitir padrões universais, ela é uma teoria do singular, uma *práxis* e um discurso acerca do *pathos* de cada um, e como tal aposta na capacidade inventiva de cada sujeito para solucionar ou lidar com seus dilemas afetivos. Como dizia Freud ao início de cada sessão: “vamos começar?”.

Se quisermos conservá-lo [o amor] no que ele tem de bom, temos de reinventá-lo. Dar-lhe medida humana. Sim, porque se trata de uma criação do ser humano. Pode ser mantido, alterado, melhorado, piorado e até abolido [...] porque amar é uma habilidade moldada pela cultura, segundo os padrões da sociedade burguesa européia. E as invenções humanas são alérgicas a normas fixas. O amor precisa de uma nova ética que derrube os modelos irrealizáveis de relacionamento.

(Jurandir Freire Costa, 1998, p.39).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOUN, Paul – Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 15ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

BETTELHEIM, B. *A Viena de Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

BERNARDINO, L.M.F. A Abordagem psicanalítica do desenvolvimento infantil e suas vicissitudes. In: *O Que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. Leda Mariza Fischer Bernardino (org). São Paulo: Escuta, 2006.

BOURDIEU, P. Post – Scriptum sobre a dominação e o amor. In: *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

BRAZIL, Hórus V. *Dois ensaios entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CASTEL, Pierre-Henri. “Amor”. In *Dicionário de psicanálise: Freud e Lacan*, 1, Claude Dorgeuille e Rolland Chemama. Salvador: Ágalma, 1994.

CALLIGARIS, C. “Apresentação”. *O Laço Conjugal*. Revista da associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* - Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. Neopragmatismo e teoria Psicanalítica do Sujeito. *Revista do Programa de Psicanálise na Universidade Federal da Bahia*, n. 1. Salvador, UFBA. Pró-reitoria de Extensão, 1998.

DEL PRIORE, M. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, M. *A Construção do casal: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas*. Tese de Doutorado, PUC, Rio de Janeiro, 2000.

DOIN, C. Literatos e filósofos de língua alemã em Freud. In: *A formação Cultural de Freud*. Mariazira Perestrello (org). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FISCHER, E. *A Necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FORTES, Isabel. No amor: ser um ou ser dois? *Tempo Psicanalítico: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*. v. 31, Rio de Janeiro, 1999.

FLEM, Lydia. *O Homem Freud. O romance do inconsciente*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

FREUD, Sigmund. *Estudos sobre Histeria (1893/5)*, SE, Vol 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 66 (1897)*, SE, Vol.1.

_____. _____. *Carta 69 (1897) v.1*, SE, Vol.1.

_____. _____. *Carta 70 (1897) v.1*, SE, Vol. 1.

_____. _____. *Carta 71 (1897) v.1*, SE, Vol. 1.

_____. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*, SE Vol.1.

_____. *A Interpretação dos Sonhos (1900-1900/1 [1899])*, SE, Vol. 4/ 5.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*, SE, Vol. 7.

_____. *Cinco lições de psicanálise (1909)*, SE, Vol.11.

_____. *Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva (1909)*, SE Vol.10.

_____. *Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do amor I) (1910)*. SE, Vol.11.

_____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910)*. SE Vol.11.

_____. *Totem e Tabu (1913 [1912-13])*, SE, Vol.13.

_____. *O Interesse científico da psicanálise (1913)*, SE, Vol.13.

_____. *História de uma neurose infantil (1914)*, SE Vol.17.

_____. *Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III (1915 [1914])*, SE, Vol.12.

_____. *Sobre a transitoriedade (1915)*, SE, Vol.14.

_____. *Além do princípio do prazer (1920)*, SE, Vol.18.

_____. *Dois verbetes de enciclopédia (1923[1922])*. SE, Vol. 18.

_____ *A Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923). SE Vol.19.

_____ *A Dissolução do complexo de Édipo.* (1924), SE, Vol.19.

_____ *Uma breve descrição da psicanálise* (1924 [1923]), SE, Vol.19.

_____ *Psicanálise* (1926) [1925], SE, Vol. 20.

_____ *O Prêmio Goethe* (1930). SE, Vol.21.

_____ *O Mal – Estar na civilização.* (1930[1929]), SE, Vol.21.

_____ *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise, Conferência 33, Feminilidade* (1933 [1932]), SE, Vol. 22.

_____ *Por que a guerra?* (1933 [1932]) (Einstein e Freud). Carta de Freud, SE, Vol.22.

_____ *Moisés e o Monoteísmo – Três ensaios* (1939[1934-38]), SE, Vol.23.

_____ *Esboço de Psicanálise.* Parte II.Cap. VII (1940 [1938]),SE, Vol.23.

GAY, P. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud.* Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GREEN, A. *El complejo de Édipo en la tragedia.* España: Ediciones Buenos Aires S.A, 1969.

GIDDENS, A. *a Transformação da identidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas sociedades modernas.* São Paulo: UNESP, 2001.

_____ *Sociologia.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GOETHE, J.W. *Os Sofrimentos do Jovem Werther.* São Paulo: Martin Claret, 1774/ 2005.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HELLINGER, B. *A simetria oculta do amor.* São Paulo: Cultrix, 1998.

HONIGSZTEJN, H. Goethe e Freud. In: Mariazira Perestrello (org). *A formação Cultural de Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JABLONSKI, Bernardo. *Até que a vida nos separe: (a crise do casamento contemporâneo)* 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir,1995.

_____ *Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca* IN *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas/ organização: Teresinha Féres - Carneiro*. São Paulo: Loyola, 2003.

JONES, E. *Hamlet e o complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. – Rio de Janeiro: Imago. Ed. 1998.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KON, N. M. *Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1996.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas II: Castração – Simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____ *Vocabulário de Psicanálise Laplanche e Pontalis*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LEJARRAGA, Ana Lila. *Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

LECLAIRE, S. *O corpo erógeno: uma introdução à teoria do complexo de Édipo*. 2ªed. São Paulo: Escuta, 1992.

LOPES, M. M. de F. *Conceito de amor em psicanálise*. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1997.

LOUREIRO, Ines Rosa Bianca. *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 2002.

MAGALHÃES, A. S. Transmutando a Subjetividade na Conjugalidade. In: *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Organização; Teresinha Féres-Carneiro. Rio de Janeiro:PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2000.

MAIA, G. Considerações iniciais sobre o Amor, em Lacan. *Tempo Psicanalítico: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*. v. 31, Rio de Janeiro, 1999.

MARTINS, Francisco. *O complexo de Édipo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MENEZES, J. E. *Complexo de Édipo: versão psicológica do mito*. Veritati/UCSAL, Salvador, v2, n.2, 2002.

_____. *Sentido e contra-sentido da sexualidade: Foucault contra Freud*. *Científico*. Ano VI, volume I. Salvador: Faculdade Ruy Barbosa, 2006.

_____. *Fábrica de Deuses: a teoria freudiana da cultura*. São Paulo: UNIMARCO, 2000.

MEZAN, R. Viena e as origens da psicanálise. In: *A formação Cultural de Freud*. Mariazira Perestrello (org). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Freud, pensador da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MILLER, Jacques – Alain. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Manantial, 1991.

MILAN, Betty. *E o que é o amor?* 1ª edição. São Paulo: Editora Record, 1999.

MITCHEL, J. *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

MONZANI, L.R. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

MULLAHY, P. *Édipo: mito e complexo. – uma crítica da Teoria Psicanalítica*. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

ORTIGUES, Marie – Cécile e Edmond. *Édipo Africano*. São Paulo: Escuta, 1989.

PAZ, O. *Ideas y Costumbres II: Usos y símbolos*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PESSOA, Fernando. *Poesias: Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

PLATÃO (429-347 a. C). *Apologia de Sócrates – Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PERESTRELLO, M. (org). *A Formação Cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

PELLEGRINO, H. Édipo e a Paixão. In: *Os Sentidos Da Paixão*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

PRAZ, M. *A Carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

REALE G & ANTISERI, D. *História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias*. Vol.3. 3ª ed. São Paulo: Paulus,1991.

RICOEUR, P. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUGEMONT, Denis de. *A história do amor no ocidente*. 2ª ed. São Paulo: Ediouro - Clássicos de Ouro, 2003.

ROUANET, S. P. Filósofos e escritores alemães. In: *A formação Cultural de Freud*. Mariazira Perestrello (org).Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ROZA-GARCIA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana*; v.2. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*; v.3. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2004.

_____. *Freud e o Inconsciente*. 4ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1988.

SHAKESPEARE, William. *Poemas de amor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SILVA, Maria Emília Lino da. *Investigação e Psicanálise*. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SÓFOCLES (496 ou 494-406 A.C). *A Trilogia Tebana*; tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 9ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SHUTHERLAND, J (Coord). *A Psicanálise e o pensamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

THERBORN, G. *Sexo e Poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Contexto, 2006.

TOLEDO, M. T. Psicanálise: A clínica do Amor. *Tempo Psicanalítico: revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*. V. 31, Rio de Janeiro, 1999.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VILHENA, Junia de. Até que o amor nos separe...Algumas reflexões acerca da Família Contemporânea. *Tempo Psicanalítico: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*. V. 31, Rio de Janeiro, 1999.